



Formação dos agentes socioambientais no Xingu

Valorizando as descobertas e iniciativas agroflorestais



*Formação dos agentes
socioambientais no Xingu*

Valorizando as descobertas e iniciativas agroflorestais

Instituto Socioambiental (ISA)

O ISA é uma associação sem fins lucrativos, qualificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), fundada em 22 de abril de 1994, por pessoas com formação e experiência marcante na luta por direitos sociais e ambientais. Tem como objetivo defender bens e direitos sociais, coletivos e difusos, relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos. O ISA produz estudos e pesquisas, implanta projetos e programas que promovam a sustentabilidade socioambiental, valorizando a diversidade cultural e biológica do país.

Para saber mais sobre o ISA consulte

www.socioambiental.org

Conselho Diretor

Neide Esterci (presidente), Sérgio Mauro Santos Filho (vice-presidente), Adriana Ramos, Beto Ricardo, Carlos Frederico Marés

Secretário-executivo

Beto Ricardo

Secretário-executivo adjunto

Enrique Svirsky

Apoio institucional



Icco (Organização Intereclesiástica para Cooperação ao Desenvolvimento)

NCA (Ajuda da Igreja da Noruega)

Campanha 'Y Ikatu Xingu

Coordenador pelo Instituto Socioambiental

Márcio Santilli

Coordenador do Programa Xingu

André Villas-Bôas

Coordenadores adjuntos do Programa Xingu

Paulo Junqueira e Rodrigo Gravina Prates Junqueira

Comunicação

Oswaldo Braga de Souza

(66) 3478-3491 / oswaldo@socioambiental.org.br

Assessores do Programa Xingu

Angelise Nadal, Arminda Jardim, Cassiano Marmet, Eduardo Malta, Kátia Ono, Marcus Vinicius Chamon Schmidt, Luciana Akeme S. M. Deluci, Oswaldo Luis de Sousa, Paula Mendonça, Rosana Gasparini, Rosely Alvim Sanches, Renata Faria, Marcos Froes, Francisco Fortes, Sadi Elsenbach, Sara Cristóforo, Cristina Velasquez, Marcelo Salazar e Adolar Maccari

Projeto "Fomento à cultura florestal no Cerrado matogrossense através da formação de agentes multiplicadores na bacia do rio Xingu"

Coordenador

Rodrigo Gravina Prates Junqueira

Consultora

Fabiana Peneireiro

Equipe local

Eduardo Malta Campos Filho, Luciana Akeme S. M. Deluci, Oswaldo Braga de Souza, Oswaldo Luis de Sousa



Formação dos agentes socioambientais no Xingu

Valorizando as descobertas e iniciativas agroflorestais

Realização



Parceria



Apoio



São Paulo, outubro de 2007

Formação dos agentes socioambientais no Xingu

Editores

Oswaldo Braga de Souza
Rodrigo Gravina Prates Junqueira

Equipe de edição, redação e revisão

Oswaldo Braga de Souza, Rodrigo Gravina Prates Junqueira
e Luciana Akeme S. M. Deluci

Equipe de pesquisa e entrevistas

Oswaldo Braga de Souza, Luciana Akeme S. M. Deluci,
Eduardo Malta Campos Filho, Jailton Assunção de Sousa
e Oswaldo Luís de Sousa

Projeto gráfico e editoração

Ana Cristina Silveira

Fotos

Acervo Emfaque, Eduardo Malta Campos Filho, Elma Gomes,
Luciana Akeme S. M. Deluci, Maristela F. Becker da Rosa,
Oswaldo Braga de Souza, Rosely Alvim Sanches,
Rodrigo Gravina Prates Junqueira e Rosenilde Paniago

Colaboradoras autorais

Fabiana Peneireiro, Luciana Akeme S. Manzano Deluci
e Rosely Alvim Sanches

Agentes colaboradores

Rosenilde Nogueira Paniago e Elma Gomes de Moraes
(*relatório de trabalho e entrevistas*); Maristela F. Becker da Rosa
e Sidnei Bueno de Miranda (*relatos por escrito e entrevistas*);
Édmo Côrrea, Armando Menin, Gilmar Hollunder, Ricardo Dias
Batista, Adilson Siqueira de Abreu, Marcos Aurélio dos Santos
Penteado, Sara Adriana Malvessi e Ivan Loch (*entrevistas*);
Ana Paula Zuim Andrade, Jailton Assunção de Sousa, Cristiane
Gonçalves e Cassiano Carlos Marmet (*relatos por escrito*); Aída
Rodrigues Prados, Divino Vicente Silvério, Edna Soares de
Souza, Maria Joselina Cantuário de Abreu, Nilsa Raquel Dias,
Irene Marsango, Josafá Cunha da Cruz e José Antônio Pereira
Leite (*depoimentos por escrito*); Clodoaldo Maccari (relato por
escrito e depoimento); Maria Sicorra da Rosa, Josuel Olegário
dos Santos e Ingrid Ramos Pereira (*depoimentos por escrito e
entrevistas*); Júlio Pereira Messias, Carlos Grün, Dorvalino Pinto
da Silveira, Luiz Vezaro, Silvia de Moura Faitão, Valdir Milton
Supptitz e Ayres José Trevisol (*depoimentos*); Aldenon Borges
Moraes, Gediel Thomas, Gilberto Cirilo Trevisol, Gilsimar
Oliveira de Andrade e Napoleão Carlos Rocha.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Formação dos agentes socioambientais no Xingu : valorizando as descobertas e iniciativas
agroflorestais / [editores Oswaldo Braga de Souza, Rodrigo Gravina Junqueira] . -- São Paulo
: Instituto Socioambiental, 2007.

Vários colaboradores.

ISBN 978-85-85994-46-4

1. Águas - Brasil 2. Campanha Y Ikatu Xingu 3. Matas ciliares - Preservação 4. Nascentes
5. Proteção ambiental 6. Recursos naturais - Conservação 7. Xingu, Rio (Bacia hidrográfica)
I. Souza, Oswaldo Braga de. II. Junqueira, Rodrigo Gravina.

07-8807

CDD-918.172

Índices para catálogo sistemático:

1. Formação dos agentes multiplicadores socioambientais : Xingu : Rio : Mato Grosso : Águas e
matas : Conservação : Aspectos ambientais
918.172

Agradecimentos

Em nome de toda equipe da campanha 'Y Ikatu Xingu, queremos prestar nossos mais sinceros agradecimentos às pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos protagonistas dessa história, os agentes socioambientais, este livro é de e para vocês!

À prefeitura municipal de Canarana, em especial à Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, na pessoa da secretária Eliane de Oliveira Felten, pelo empenho e verdadeira parceria estabelecida desde o início da campanha.

À Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Campus Nova Xavantina, pelo pronto atendimento às demandas da formação.

Ao Núcleo Maturi Ecologia Social que disponibilizou gentilmente referenciais e exercícios do seu acervo trabalhados ao longo da formação

Aos profissionais convidados que trouxeram importantes contribuições ao longo do processo: Natália Yvanauskas, do Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais (IPEF), Daniel Nepstad, do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), Raul Silva Telles do Valle e Márcio Santilli do ISA.

Aos agentes socioambientais Armando Menin, Édemo Côrrea, Ricardo Batista, Carlos Grüm e Josuel Olegário dos Santos, que gentilmente cederem áreas em suas propriedades para os experimentos práticos.

Aos nossos parceiros institucionais e financeiros: Organização Intereclesiástica para Cooperação ao Desenvolvimento (Icco) e União Européia, por acreditarem nessa empreitada e terem cedido tempo da equipe técnica na forma de contrapartida.

E, finalmente, ao Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA), que se mostrou muito mais do que um financiador, na pessoa de Simone Gallego, que dividiu incertezas, alegrias e trabalhou junto conosco para que esse projeto acontecesse.

‘Y Ikatu tem a ver com gente

O Rio Xingu nasce no Mato Grosso e atravessa o Pará até desembocar no Rio Amazonas ao longo de 2,7 mil quilômetros. Localizada no nordeste mato-grossense, a região de suas cabeceiras abriga trechos ainda preservados de Cerrado, Floresta Amazônica e áreas de transição. Também é habitada por 10 mil índios, de 18 povos diferentes, que fizeram do Xingu a base de sua sobrevivência e de sua cultura. É a casa ainda de mais de 250 mil não-índigenas, que constituíram ali um importante pólo agropecuário.

A área está ameaçada, no entanto. As nascentes do rio sofrem com o processo acelerado de uso e ocupação do território. Várias delas já secaram por causa do desmatamento e das queimadas. Até 2005, foram desmatados na região cerca de 300 mil hectares de matas ciliares, vegetação que margeia e protege os cursos d’água.

A Campanha ‘Y Ikatu Xingu nasceu para proteger e recuperar as nascentes e as matas ciliares do Xingu. De forma inovadora, reúne índios, produtores rurais, movimentos sociais e governos. Em outubro de 2004, em Canarana (MT), 340 pessoas de dezenas de organizações da sociedade civil reuniram-se para traçar as estratégias da mobilização. Durante o evento, foi escolhido a expressão ‘Y Ikatu Xingu – “água boa, água limpa do Xingu”, na língua Kamaiurá.

Várias ações estão sendo desenvolvidas pela campanha. O seu foco é a água e a tônica de seus projetos-piloto é a recuperação florestal. Tão importante quanto plantar árvores – ou deixar a vegetação regenerar-se naturalmente – em uma região com grandes áreas de passivos ambientais, porém, é criar condições para valorizar formas de organização e produção socioambiental e economicamente sustentável em um território.

E reverter o caráter predatório que marcou o processo de ocupação e de produção nessa região – assim como em muitas outras do País – depende de uma mudança cultural.

Um passo fundamental para isso é apoiar sistematicamente a formação de pessoas e, com isso, fomentar processos de aprendizagem de lideranças, agricultores familiares, professores, técnicos, enfim, aqueles que fazem a história do lugar. Por mais que a campanha disponha de recursos para projetos, de quadros profissionais e de técnicas apropriadas à recuperação florestal em diversas situações concretas de degradação, de apoios entre os diferentes segmentos sociais e econômicos da região e de visibilidade pública em outras partes do país, ela somente poderá chegar aos seus melhores resultados pelo engajamento de pessoas qualificadas que possam disseminar novas atitudes em relação ao território e aos recursos naturais.

A formação de agentes socioambientais promovida pela campanha ‘Y Ikatu Xingu não foi um processo apenas formal, diletante ou teórico. Não se confinou a quatro paredes. Não se limitou a ensinar conteúdos. Foi muito além, motivou pessoas a colocar as mãos na massa e multiplicou ações concretas nas suas áreas de atuação. Viabilizou experiências inovadoras e marcantes nas vidas dessas pessoas. Os agentes formados constituem hoje o primeiro time de militantes da campanha, que pertence a eles e a tantos que possam alimentar-se da sua influência criativa e compartilhar de novos novos padrões sócio-culturais e ambientais.

MARCIO SANTILLI
*Coordenador pelo Instituto Socioambiental (ISA)
da Campanha ‘Y Ikatu Xingu*



Rio Xingu, Pedro Marinelli/USA

Apresentação

A presente publicação tem o objetivo de contar os processos e os resultados da formação dos agentes multiplicadores socioambientais promovida pela campanha 'Y Ikatu Xingu e seus parceiros, na região das cabeceiras do Rio Xingu (MT), no âmbito do edital 002/2004 de Formação de Agentes Multiplicadores, Assistência Técnica e Extensão Rural em Atividades Florestais aos Agricultores Familiares no Bioma Cerrado do Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA).

Pretendemos alcançar tanto os que querem conhecer e aprender com um processo formativo do gênero, os profissionais da educação, professores e professoras, quanto os gestores públicos e produtores rurais; em especial, os amantes da terra e da água, guiados pela vontade de conhecer, (re)conhecer, significar, (re)significar e, numa clara intenção de valorizar a riqueza da diversidade socioambiental, produzir utilizando os atributos da natureza.

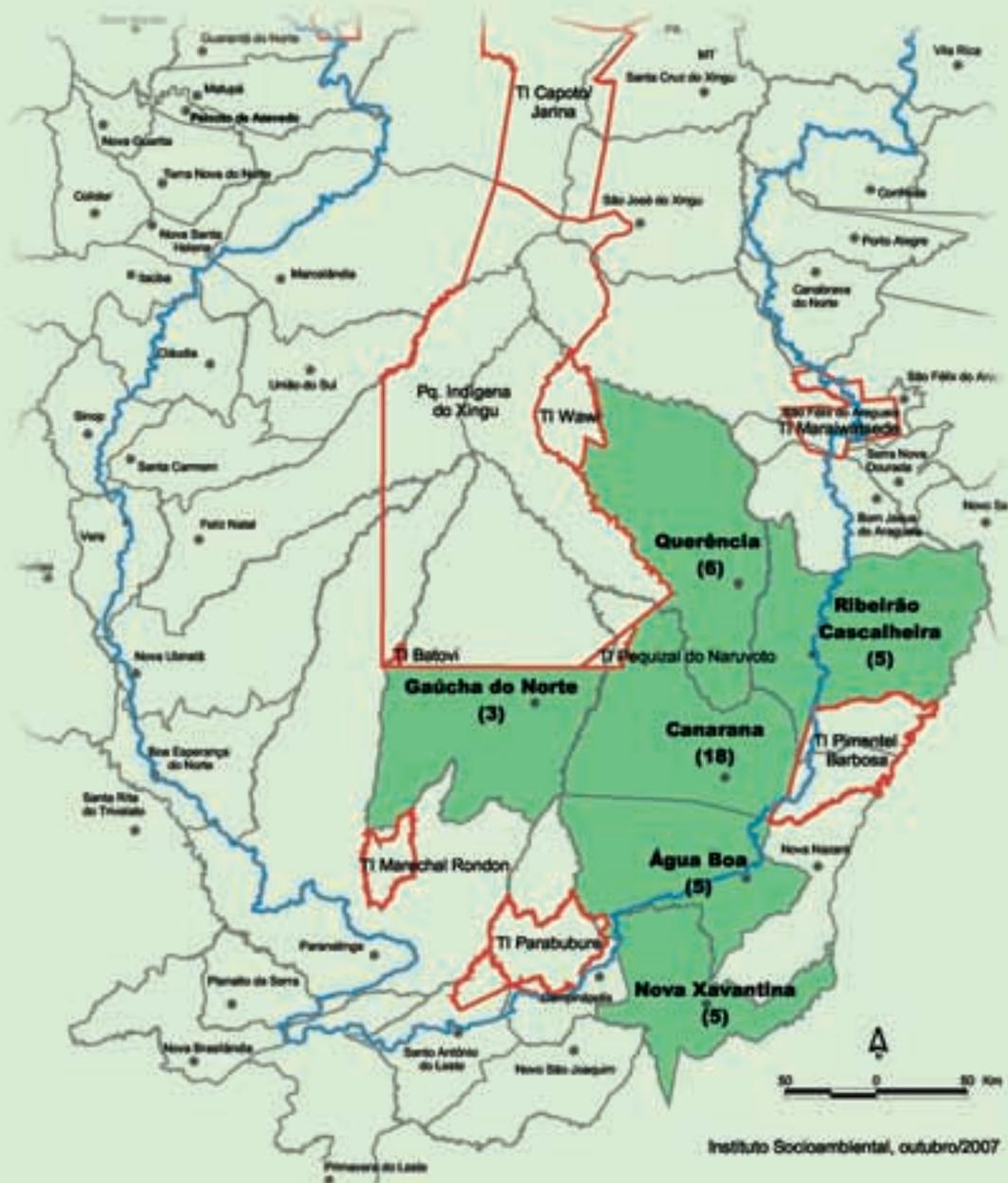
Queremos que este trabalho seja um convite a entrar na realidade de pessoas que fizeram, fazem e continuarão fazendo cada dia mais a história de uma região onde predomina uma diversidade socioambiental raramente encontrada por este Brasil afora. O Xingu de todos precisa de pessoas como esses agentes socioambientais que abriram suas mentes e seus corações para enxergar o novo e fazer dessa região um exemplo de desenvolvimento territorial sustentável.

A obra está dividida em duas partes. A primeira descreve o percurso formativo desde a concepção da idéia até os resultados e lições aprendidos em todo o processo, passando pelos momentos presenciais, período entre as oficinas, temas, conteúdos, desafios. A segunda relata, em grande parte nas palavras dos próprios agentes socioambientais, suas caminhadas antes, durante e após a formação; suas iniciativas, suas tomadas de decisão e aprendizados. Duas partes que se tornam uma de maneira complementar e interdependente.

Boa Leitura !

RODRIGO GRAVINA PRATES JUNQUEIRA
*Coordenador do projeto e coordenador-adjunto
do Programa Xingu do ISA*

Número de agentes socioambientais formados por município na região da Bacia do Rio Xingu no Mato Grosso



Iniciando a caminhada

O Edital Cerrado do Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) foi uma oportunidade para pôr em prática o projeto intitulado “Fomento à cultura florestal no Cerrado mato-grossense através da formação de agentes multiplicadores na bacia do rio Xingu”. Criar e potencializar iniciativas que aliem conservação e recuperação dos recursos naturais com potencial fonte de geração de renda, valorizando os talentos locais e a cultura agroflorestal, foi o objetivo central a ser alcançado.

Na Bacia do Xingu, foram selecionados futuros agentes socioambientais de seis municípios – Nova Xavantina, Água Boa, Querência, Canarana, Ribeirão Cascalheira e Gaúcha do Norte.

Qualquer processo que envolva o desenvolvimento de iniciativas socioambientais, e tenha como pressuposto o protagonismo de gente da terra, não pode prescindir da formação de multiplicadores, com objetivo de trabalhar um conjunto de habilidades conceituais, sociais e técnicas para enfrentar tamanho desafio. Nesta formação, considerou-se que o processo formativo precisa caminhar tanto no sentido de que a atividade produtiva aconteça com resultados socioambientais e econômicos, quanto que haja um amadurecimento profissional e organizacional, com a definição clara da sua razão de ser (propósitos, missão), processos de gestão (comunicação, tomada de decisão, poder e participação), gestão dos recursos existentes, fortalecimento de lideranças e das relações sociais.

Assim, definiram-se dois focos na formação:

PRODUTIVO E TÉCNICO: água, restauração florestal, agrofloresta, sucessão ecológica, sementes florestais (identificação, coleta, beneficiamento, armazenamento) e frutíferas do Cerrado, mudanças climáticas e sua relação com desmatamento, legislação florestal, Pronaf Florestal e outras modalidades de crédito.

ORGANIZACIONAL E SOCIAL: processos internos e externos da liderança, cooperação e confiança, relações, parcerias e habilidades sociais.



Conceitos e formas de fazer do processo formativo

O indivíduo e a iniciativa

A problemática socioambiental tem duas visões predominantes. Para uns, a causa está no indivíduo, para outros a causa está nas condições sociais. Para os que defendem a primeira, a superação dos males sociais só poderá ser alcançada por meio da evolução moral do ser humano, levando-o à superação do egoísmo, do qual os males sociais são consequência. Enquanto a pessoa não se desenvolver vai gerar condições sociais adversas. A visão defensora que a causa está nas condições sociais argumenta que enquanto não se modificarem as estruturas sociais que provocam a desigualdade não haverá condições para o ser humano desenvolver-se.

Desse modo, propôs-se um trabalho que integre ambas dimensões. Assim, acredita-se ser possível o desenvolvimento saudável de ações em qualquer campo de atuação: socioambiental, ambiental, social, político e econômico.

O processo de formação de multiplicadores socioambientais partiu dessa visão integrada das iniciativas e do ser humano que permeia todos os estágios do processo de desenvolvimento. De um lado, grupos e organizações são “entidades vivas” que precisam desenvolver-se conscientemente, por meio da mobilização criativa das contribuições de seus integrantes. É dessa forma que podem realizar sua missão ou razão de ser no mundo. Organizações conscientes, bem estruturadas e integradas, permitem um espaço para o desenvolvimento de seus colaboradores voltado para qualidade, eficácia e sustentabilidade.

Por outro lado, cada ser humano é um ser único em processo de constante desenvolvimento físico, da alma e espiritual, em busca da realização de seu sentido na vida. Esse caminho é trilhado por meio de seu trabalho e convívio em família, grupos, organizações, comunidades e sociedade como um todo. O anseio por tal desenvolvimento é inerente a cada indivíduo e grupo. Criando-se para tal o ambiente e a



oportunidade, pessoas de todos os níveis da organização reconhecem os passos que precisam ser dados no aperfeiçoamento de suas capacidades.

Nos grupos, o ser humano defronta-se com questões relacionadas aos recursos (infraestrutura, recursos financeiros, equipamentos); processos (as atividades diárias, de venda, produção); relações (com o próprio grupo de trabalho, com doadores); identidade (com as motivações e ideais, vontades e crenças) e, finalmente, pode até ser que o grupo ou organização tenha uma Missão quando, além de ganhar o seu sustento, quer contribuir com algo maior.

Premissas metodológicas

O conceito de aprendizagem foi compreendido aqui como uma mediação para a apropriação de novos conhecimentos, o que possibilita aos sujeitos, informalmente articulados ou organizados institucionalmente, elaborar processos próprios de mudanças relacionados a suas ações e até elementos constituintes de sua identidade, como princípios, propósitos e valores.

Essencialmente, o aprendizado e mudança acontecem em dois caminhos: da descoberta (a partir da vida/realidade) e o da instrução. Durante a formação, trabalhamos a partir desses dois eixos e dando ênfase aos diversos canais de aprendizagem: pensar, sentir e agir/querer.

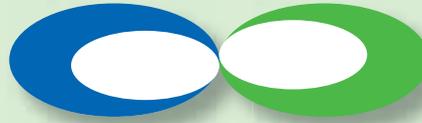
Isso nos remete a algumas questões. Como é que os adultos se desenvolvem? Nós nos desenvolvemos à medida que aprendemos. E o que é que nos ensina, do que é que aprendemos? Da nossa própria experiência. A qualidade do que fazemos está em função direta do que aprendemos e o que aprendemos depende fundamentalmente da experiência que extraímos daquilo que fazemos. Podemos representar isso como um movimento de respiração entre o que fazemos e o que aprendemos.

Por meio do nosso “aprender”, nós nos desenvolvemos a nós mesmos e isto nos permite aprimorar, melhorar o nosso “fazer”. Pelo nosso fazer, transformamos a realidade e só a partir desta experiência é que podemos novamente aprender.

No entanto, temos grande dificuldade e até uma resistência natural em aprender. Aprender significa mudar e preferimos não ter de mudar. Queremos mudar a situação sem mudar a nós mesmos. Por isso mesmo muitos dos problemas que enfrentamos tendem a se repetir.



A DINÂMICA BÁSICA DO DESENVOLVIMENTO CONSISTE NA INTEGRAÇÃO ENTRE



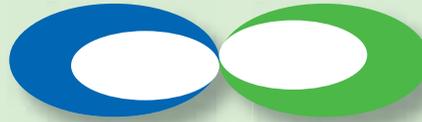
APRENDER

EMPREENDER/FAZER

RESULTANDO EM

Desenvolvimento
do indivíduo

Desenvolvimento das condições
socioambientais



DENTRO
Indivíduo

FORA
Outro/Grupo/
Organização/Sociedade

Núcleo Maturri Ecologia Social

Sem aprendizagem não existe desenvolvimento. Se quisermos tomar nas mãos as rédeas do próprio desenvolvimento – e isto é imprescindível no campo socioambiental – devemos “aprender a aprender”, como indivíduos, como grupos, como instituições, como sociedade.

Assim, a proposta de formação de “formadores e multiplicadores” foi estruturada em momentos presenciais (módulos) e não-presenciais (entremódulos) apoiados por assessoria, que possibilitaram aos participantes vivenciar os dois movimentos: aprender e fazer, fazer e aprender.

Componentes da aprendizagem

A aprendizagem tem três componentes fundamentais e precisa do seu conjunto para ser completa. O primeiro diz respeito ao “conhecimento”, o entendimento. O indivíduo só é capaz de lidar com aquilo que conhece, que entende. Se não entende nada de plantas, é difícil pretender ser agricultor ou jardineiro. Neste caso, é preciso ter pelo menos uma noção básica do que uma planta necessita para desenvolver-se. Da mesma forma, precisa-se ter pelo menos uma noção básica das leis que



regem o desenvolvimento se quiser cuidar disto no nível do convívio e do trabalho com outras pessoas, se pretende contribuir para o andamento saudável da iniciativa que empreende ou apóia.

O segundo diz respeito à “habilidade”, o saber-fazer. O engenheiro agrônomo pode conhecer a fundo a situação de cultivares de espécies agrícolas, mas para ser um bom profissional terá, também, que desenvolver certas habilidades no manejo das técnicas de plantio ou em examinar a vida das plantas e seus processos. As lideranças e multiplicadores socioambientais devem também desenvolver certas habilidades, como a de saber escutar, se expressar, coordenar reuniões, tomar decisões, lidar com conflitos, além das habilidades específicas referentes a técnicas e manejo agroflorestais.

O terceiro componente (que na realidade se coloca como mediador de ambos os anteriores) é a “postura”, que diz respeito à maneira como se coloca na situação, de forma passiva ou ativa. Disto também depende o quanto se vai aprender ou deixar de aprender.

O processo de formação, a aprendizagem durante os períodos não-presenciais é tão ou mais importante que a aprendizagem durante as oficinas. E isto depende fundamentalmente da postura de comprometimento de cada um com seu próprio processo de aprendizagem.

Só se aprende exercitando, fazendo exercícios, repetindo as ações necessárias até se adquirir domínio de sua execução. Durante o processo de “aprender a aprender” deve-se exercitar a aprendizagem, isto é, executá-la de forma mais organizada, estruturada, sistemática e consciente. Esta formação buscou criar condições para o desenvolvimento destes três componentes da aprendizagem.



O Percurso Formativo

O poder da formação na ação

Divulgação e Seleção

A divulgação da formação foi realizada em seis municípios selecionados pelos parceiros do projeto. Os interessados deveriam inscrever-se por uma pequena ficha, onde deveriam contar um pouco de sua trajetória profissional e o porquê do interesse de participar. Desde o início, causou certo espanto a duração das oficinas, de três ou quatro dias, já que o costume na região eram convites e convocações para “cursos” de um ou dois dias. Com certa dose de estranheza por parte dos candidatos, a coordenação do projeto recebeu 103 inscrições, de diferentes públicos. Com base em critérios objetivos de ocupação, profissão, interesse, município, idade e gênero, chegamos a uma lista de 49 participantes.

TABELA 1. Número de inscritos/selecionados/frequentando por município

Nº	MUNICÍPIO	INSCRITOS	SELECIONADOS	INICIARAM
01	Gaúcha do Norte	04	04	04
02	Querência	17	07	06
03	Ribeirão Cascalheira	16	07	06
04	Nova Xavantina	10	08	08
05	Água Boa	15	06	06
06	Serra Nova Dourada	02	0	0
07	Bom Jesus do Araguaia	02	0	0
08	Canarana	37	21	19
	TOTAL	103	53	49

TABELA 2. Perfil da Turma

PROFISSÃO/OCUPAÇÃO	Nº DE PARTICIPANTES	PERCENTUAL (%)
Agricultor Familiar	14	28
Professor	11	23
Técnico agropecuário / Agrícola	10	21
Biólogo	05	10
Estudante universitário	04	8
Engenheiro Agrônomo/florestal	02	4
Zootecnista	01	2
Outros	02	4
TOTAL	49	100



A tabela 2 demonstra o perfil do grupo, dividido por ocupação e profissão. O encontro entre agricultores familiares, professores, profissionais da área agrícola e florestal permitiu criarmos um ambiente diversificado com experiências de naturezas distintas. Esse mosaico de situações e anseios trouxe uma qualidade nova para a formação. Chegar a uma justa equação das diferenças e desejos seria um grande desafio.

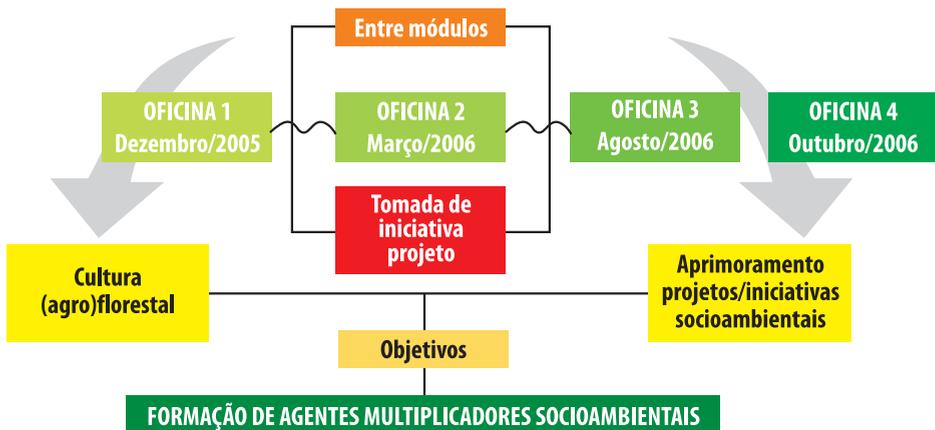
Do total de 49 participantes da primeira oficina, 42 chegaram até o final da formação.

Módulos e entremódulos

O processo de formação foi estruturado de maneira que o participante tivesse a oportunidade de analisar o contexto da sua realidade, entrar em contato com novos conceitos e referenciais ligados à questão socioambiental, com especial ênfase na abordagem florestal e agroflorestal, voltar a analisar seu contexto e planejar uma iniciativa onde o conteúdo trabalhado pudesse ser colocado em prática.

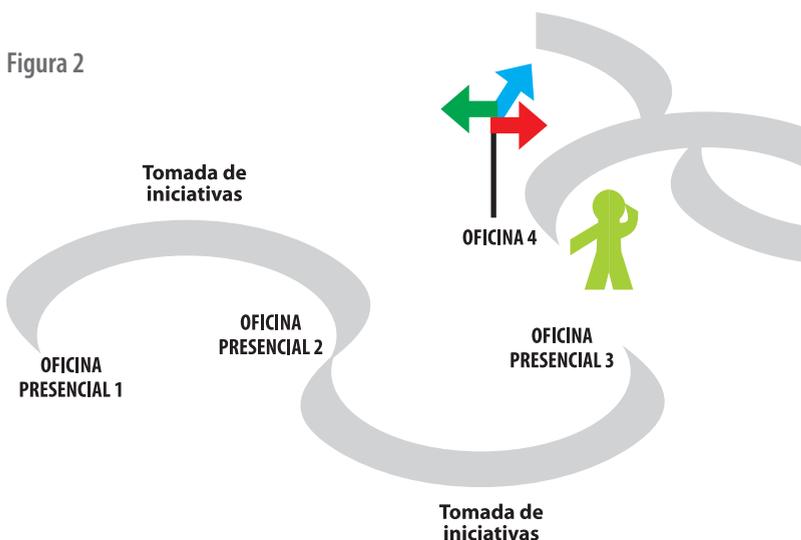
A realização dessa iniciativa – como um “experimento” – foi a atividade entremódulos. Para tanto, uma assessoria técnica local apoiou os agentes socioambientais, “animando” o desenvolvimento de seu trabalho. A reflexão sobre a prática e o seu replanejamento visaram possibilitar o enraizamento do aprendizado. O intercâmbio com outras experiências também foi um recurso didático utilizado.

Imagem Geral do Processo Formativo



Cada módulo presencial teve duração de 32 horas, com intervalos aproximados de três meses entre eles. Com essa previsão, esperava-se que o projeto fosse concluído em 12 meses, totalizando 216 horas. Entretanto, o interesse e o envolvimento dos participantes criaram as condições para a realização de um módulo extra, fundamentalmente prático, em um dos lotes de assentamento de um agricultor familiar participante, além de uma oficina final de elaboração de projetos seguida da formatura do grupo. Tivemos, então, mais 32 horas de trabalho, fechando 248 horas formativas presenciais. A duração dos momentos entremódulos variou em função da iniciativa de cada participante, mas podemos afirmar que, na média, a dedicação aproximou-se ao que foi investido nas oficinas presenciais.

O processo pode ser também visualizado nas duas imagens que se seguem.





Abrindo as portas ao desconhecido

A primeira oficina ocorreu em dezembro de 2005 no município de Canarana. Teve como objetivo sensibilizar os participantes para o processo em si, alinhar as diferentes expectativas, apresentar os objetivos do programa de formação, bem como iniciar a formação do grupo. Além disso, também introduziu alguns conceitos e processos socioambientais básicos, como a vegetação do Cerrado e da floresta local (denominada Floresta Estacional Perenifólia); ciclo da água; desmatamento, queimadas e chuva; e introdução aos sistemas agroflorestais. Essa linha formativa daria o ritmo daqui para frente na perspectiva de aprofundar cada tema.

Em termos de prática de campo, visitamos áreas de nascentes e matas ciliares preservadas no sítio do agente Josuel Olegário dos Santos, em contraste com a nascente degradada observada na entrada da cidade. A diferença entre as duas situações permitiu levantar questões mobilizadoras a serem trabalhadas ao longo das oficinas.

Compromissos

Precisávamos ainda definir os acordos de participação na continuidade de todo o processo, isto é, as condições, consequências e compromissos a serem assumidos por pessoa, grupo e organização. Ao final, estava previsto o planejamento das tomadas de iniciativas – as atividades entremódulos. A resposta a essa participação foi estimulada a partir de algumas questões-chave:

Como que eu quero e posso me comprometer
(participar das oficinas, trabalhar no entremódulo, multiplicar
o que foi trabalhado na oficina etc)?

O que eu posso oferecer (habilidades, recursos etc)?

Quais outras contribuições tenho a dar?

Quero mesmo continuar o processo formativo? Em que condições?

Posicionamento final...



CONCEITOS BÁSICOS – SISTEMAS AGROFLORESTAIS

As agroflorestas são sistemas de produção de alimentos. No início, podemos colher nelas culturas que produzem em pouco tempo e que são criadoras de árvores. Com o tempo, as árvores passam a produzir e podemos colher muitas frutas, plantas medicinais, madeira e outros produtos da agrofloresta.

Para que possamos produzir alimentos de forma sustentável, ou seja, de maneira que o sistema seja sempre produtivo ao longo do tempo, e ao mesmo tempo mantenha ou melhore as condições do lugar (com relação ao solo, à água, à diversidade de vida), aproveitando de melhor forma possível a energia do sol, procuramos aprender com a natureza. Por exemplo:

- ✓ Plantar muitos tipos de plantas, de diferentes tempos de vida;
- ✓ Combinar as plantas de forma que as que têm mais ou menos o mesmo tempo de vida possam ocupar todos os estratos, em diferentes alturas;
- ✓ Manter o solo sempre coberto com muita matéria orgânica;
- ✓ Plantar as plantas cultivadas no espaçamento tradicional e as árvores bem juntas, de modo que possam ser selecionadas com o tempo e fiquem as mais vigorosas.



Sistemas agroflorestais em diferentes estágios de desenvolvimento





Além de combinar as espécies no espaço, combinam-se os consórcios no tempo, assim como ocorre na sucessão natural de espécies, onde os consórcios sucedem-se uns após outros, num processo dinâmico, dependendo do ciclo de vida das espécies.

As espécies podem ser classificadas em grupos ecológicos ou sucessionais e essa classificação pode se dar de várias formas. Podemos classificá-las em grupos quanto ao tempo de vida e também à exigência das plantas a condições de solos mais ricos ou mais pobres.

Consórcio é um conjunto de espécies que apresentam tempo de vida semelhante, ou seja, que dura mais ou menos o mesmo tempo no sistema. Ex. 1: milho, feijão de corda e abóbora; ex. 2: abacaxi, mandioca e mamão; ex. 3: urucum, ingá de macaco, pupunha e xixá; ex. 4: cacau, cupuaçu, bacaba, cajá, pequi. Os consórcios podem ser mais diversificados, com novas espécies que desempenham as mesmas funções de outras. Por exemplo: em vez de pequi, pode-se ter também um ipê-roxo ou jatobá, cumprindo o mesmo papel.

Estrato é a altura da planta em relação às plantas do mesmo consórcio. Ex. 1: milho (estrato alto), feijão de corda (estrato médio) e abóbora (estrato baixo); ex. 2: abacaxi (estrato baixo), mandioca (estrato médio) e mamão (estrato alto); ex. 3: urucum (baixo), ingá de macaco (médio), pupunha (alto), guapuruvu (emergente); ex. 4: cacau (baixo), cupuaçu (médio), bacaba (médio/alto), cajá (alto), pequi (emergente).

Densidade diz respeito ao número de indivíduos por área. Recomenda-se que as culturas anuais e semi-perenes sejam plantadas no espaçamento tradicionalmente utilizado. As espécies arbóreas deverão ser plantadas preferencialmente por sementes, em alta densidade (de modo a se estabelecer 10 árvores por metro quadrado). O manejo fará com que as árvores atinjam o espaçamento recomendado quando adultas, ou seja, com o tempo haverá raleamento das plantas menos vigorosas. Essa prática possibilita o avanço da sucessão, não deixando que haja retrocesso com a ocupação do espaço por indivíduos de espécies do início da sucessão.

Além disso, a alta densidade oferece oportunidade de se dinamizar o sistema, favorecendo oferta de matéria orgânica e conseqüentemente dinamizando a vida do solo e a ciclagem dos nutrientes. Na medida em que crescem, as árvores vão-se raleando para não passar do percentual de fechamento das copas para cada estrato. Por exemplo, numa mata madura, o pequi, que é uma espécie emergente, não ocorre de maneira que suas copas se toquem, pelo contrário, a densidade de indivíduos é baixa e se aproxima a uma cobertura de copa de 15% a 25% da área.

FABIANA PENEIREIRO

Consultora em agrofloresta



Dinâmica realizada durante a primeira oficina



Sem dúvida, o grande desafio desse primeiro encontro, assim também como de toda formação, foi o de fomentar iniciativas que tivessem um potencial mínimo de mobilização e sustentabilidade a partir da compreensão sobre o papel do agente multiplicador. Todas as ações que pudessem vir a ser desencadeadas dependiam exclusivamente do compromisso de cada formando! Daí o segundo desafio a ser enfrentado: o de iniciar o processo de formação de grupos de trabalho que pudessem planejar e executar essas iniciativas. Tratava-se, portanto, não apenas de estimular a reflexão sobre alguns dos problemas socioambientais de cada comunidade e pequenas ações que apontassem para caminhos alternativos. Era preciso também incentivar o sentimento de fazer parte de um conjunto de pessoas dispostas a realizar um determinado trabalho, compartilhando desejos e vontades em um propósito comum.

Para desenvolver esse processo, realizamos uma dinâmica para estimular respostas e reações a partir de novas questões importantes. Em primeiro lugar: “quais são as necessidades para intervir socioambientalmente na sua realidade?” Depois: “que tipo de habilidades são fundamentais para realizar tal tarefa?”. Do ponto de vista conceitual, conforme os referenciais teóricos que já mencionamos, falamos sobre a capacidade de pensar, descobrir, analisar (conceitos, idéias, instrução); de sentir (as atitudes e posturas frente às situações e relações); de saber-fazer (prática, técnica).



Instigar os participantes a organizar suas idéias, planejar suas ações e colocarem-nas no papel assustou um pouco boa parte deles. A abertura para o novo, para a cultura florestal e agroflorestal foi até certo ponto impactante. “O que vocês querem que eu faça? Têm recursos para quê? Mas eu não sei fazer isso...” Perguntas como essas comprovaram, naquele momento, que a inovação, fora dos padrões correntes, acabou gerando um pouco de desconfiança e dúvida. Durante a oficina, surgiram reações que expressavam diferentes posicionamentos.

“Vocês estão de parabéns! O que chamou minha atenção foi a valorização do ser humano. Vocês dão atenção, é bom pra auto-estima da gente. Saímos daqui com a bateria carregada.”

“Eu vim com um enfoque e a gente abriu um leque. Vim voltado pro Cerrado, vimos muita coisa.”

“Muita coisa já vimos, já estudamos, mas não está sendo uma repetição, ajuda a colocar as idéias no lugar, a planejar melhor as ações.”

“Tudo o que vimos até agora, em geral são coisas que passamos por cima e não percebemos. Vamos começar agora a observar essas coisas que estão no dia-a-dia.”

“Atualizei vários conceitos. Acho que estamos discutindo conceitos modernos, mas falta qual o limite do crescimento tanto sócio-econômico, populacional...”

“Foi feito nivelamento, mas acho que pros próximos encontros precisamos de mais conceitos e mais habilidades técnicas. Quero fazer um mini-piloto de meio hectare para exercitar na prática.”



Visitas de campo
realizadas durante
a primeira oficina

Em termos de compromissos genéricos com a formação, houve uma ampla resposta no sentido de continuar participando das oficinas. Em relação às atividades entremódulos, alguns exemplos de acordos firmados pelos formandos foram: apoiar iniciativas socioambientais já em curso; implantar áreas demonstrativas de reflorestamento, sistemas agroflorestais e viveiros; divulgar os conteúdos e práticas vistos na formação; desenvolver ações educativas e de mobilização nas escolas e comunidades; entre vários outros.

A possibilidade de receber pequenos aportes técnicos e financeiros mediante apresentação de demanda justificada não foi suficiente para animar uma pequena parte dos formandos a materializarem o que foi planejado. Pela novidade e um pouco pela falta de entendimento sobre a formação e seus fins, alguns deles não usaram todas as suas capacidades e não acessaram todos os apoios possíveis no primeiro período entremódulos, entre dezembro de 2005 e março de 2006.

Seria preciso ainda quebrar a barreira de certa descrença de que poderiam desenvolver uma iniciativa própria com suporte de outros para que os participantes desencadeassem timidamente uma reflexão sobre que caminho percorrer, observando o que já havia sido feito e o que seria necessário avançar. Por outro lado, eram evidentes ali um grande potencial para encarar desafios e muita vontade de fazer. Cerca de 80% daquilo que foi planejado para o primeiro período entremódulos foi cumprido pelos participantes. Estabeleceu-se também um clima de confiança entre eles e a coordenação do projeto

Caminhando...

No final do período de chuvas de 2006, em março, ocorreu a segunda oficina. Para nossa surpresa e satisfação, estavam presentes 85% dos que estiveram na primeira. O desafio era ainda maior: atender as novas expectativas que se apresentavam em relação aos temas



e processos iniciados no primeiro encontro. A oficina foi dividida basicamente em três linhas condutoras:

- 1) Seguir no trabalho com os sistemas agroflorestais, suas implicações, condições e resultados, relacionando-os com a prática de sucessão ecológica; a introdução aos diferentes métodos de restauração florestal;
- 2) Continuar o processo de formação do grupo e desenvolvimento de lideranças por meio de práticas que exercitassem habilidades sociais, como por exemplo o exercício Falar e Ouvir (pág. 30);
- 3) Mecanismos de financiamento de atividades florestais, especialmente a apresentação e discussão sobre o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) Florestal;
- 4) Monitoramento e desenvolvimento dos experimentos práticos, bem como replanejamento do novo período entremódulos.

Entre as atividades práticas, foram realizados estudos de mata em diferentes estágios sucessionais; a implantação de uma agrofloresta na propriedade do Sr. Carlos Grün, um dos participantes; e o plantio em uma Área de Preservação Permanente (APP) degradada perto do centro de Canarana.

A partir das novas dinâmicas, das contribuições conceituais e desses exercícios práticos, foram sendo selecionados nos debates do grupo alguns temas-chaves que apontavam para o amadurecimento das estratégias e alvos das atividades entremódulos. Entre esses pontos centrais, estavam os sistemas agroflorestais, a importância e proteção à biodiversidade, o melhor aproveitamento dos espaços, manejo, o foco nas plantas do Cerrado, restauração de matas ciliares e nascentes.

Aprendi como cultivar várias plantas ao mesmo tempo em um mesmo terreno, aproveitando assim a sobra do material das próprias plantas como cobertura para o solo, melhorando sua qualidade, dispensando assim a necessidade do uso de adubos químicos formando um amplo cooperativismo entre as espécies. (Napoleão)



Plantio da agrofloresta na propriedade do Sr. Carlos, um dos formandos



Exercício de identificação de espécies

Começou a tomar corpo entre os formandos a reflexão sobre a importância do papel das lideranças no processo de desenvolvimento de iniciativas socioambientais e do conjunto de habilidades necessárias para sua atuação como agentes multiplicadores. Na avaliação da segunda oficina, foram citados como capacidades e aprendizados importantes: articulação e diálogo, saber falar e ouvir trabalho em grupo, cooperação e não-competição, o exercício de paciência e persistência, a necessidade de confiar nas pessoas.

A troca de experiências, os debates, o convívio, o entrosamento e mesmo o fato de travar novas amizades trouxeram, nas palavras de alguns participantes, estímulo ao desenvolvimento das ações entremódulos. Ao final da oficina, pôde-se notar claramente que os formandos começavam a se constituir como um grupo, enveredando por um caminho técnico (agro)florestal até então desconhecido para muitos.



Exercício de habilidades sociais – falar e ouvir

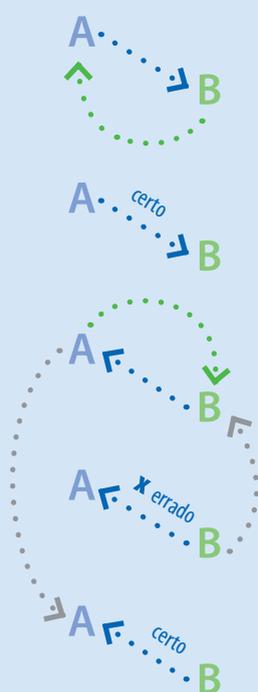
OBJETIVO

Conscientizar sobre os fenômenos internos e externos que contribuem e dificultam o ouvir e reproduzir o que o outro realmente está dizendo.

PROCEDIMENTO

Grupos de 3: compostos por A, B, C.

PASSOS DA EXECUÇÃO



1) A faz uma colocação (pode ser uma afirmação ou uma pergunta);

2) B, antes de responder ou reagir à colocação de A, repete o que A colocou;

3.1) A diz “certo” se B repetiu a colocação de A de forma correta. Neste caso B está autorizado a prosseguir e fazer por sua vez uma colocação, dando prosseguimento ao diálogo iniciado por A. A por sua vez deve repetir o que B falou, e só poderá prosseguir com o diálogo se B confirmar que repetiu corretamente. (Obs.: não é necessário repetir literalmente as palavras, mas sim reproduzir de forma correta e completa as idéias contidas na colocação feita pelo outro);

3.2) A diz “Errado” se B não conseguiu repetir corretamente a idéia. Neste caso, B faz nova tentativa de repetir a colocação de A. Se B errar novamente ou se B o solicitar, A pode repetir sua colocação inicial, retornando o procedimento ao ponto 1;

4) C fica como observador. Ele não pode interferir, a não ser que A ou B fujam do procedimento definido; C controla também o tempo;

5) Após cada rodada de 5 minutos, cada um registra durante 3 minutos suas vivências: que fenômenos observou que lhe chamaram a atenção; o que vivenciou internamente e externamente, na situação, que contribuiu ou dificultou o cumprimento da tarefa;

6) Trocam-se os papéis e inicia-se uma nova rodada, seguindo os procedimentos. (30')

Fonte: Núcleo Maturi Ecologia Social

RESULTADOS DO PLENÁRIO

Os participantes foram divididos em grupos de três. Depois de praticarem o exercício, foram feitos comentários a partir da questão: “O que ajuda e dificulta o ouvir o que o outro realmente está dizendo?”

*“Eu tive dificuldade em ter de responder depois de repetir.
O que ajuda: objetividade e concentração.”*



“Quando a frase é muito extensa, só se repetia a última parte. Com o tempo, para reproduzir o que o outro falou, dá tempo para uma resposta melhor. Dá continuidade ao assunto, com a resposta certa. É preciso saber ouvir para saber responder.”

“Eu vi o quanto é importante confirmar o que está ouvindo. Às vezes, a gente ouve mas entende errado.”

“Quanto mais comprida a conversa parece que tem menos sabedoria.”

“Tenho que me inteirar quem é a pessoa, na dificuldade dela, pra saber me comunicar.”

“Quem estava para anotar não podia interferir e logo já queria opinar...”

“Ter atenção ao ouvir e ao falar – é proveitoso nesse tipo de conversa, a linguagem é mais rica, tem que ter argumento. Primeiro parece muito tempo e depois pouco. A conversa fica mais delicada, mais civilizada. O que ajuda: manter o foco no outro. O tom de voz também ajuda.”

“Minha ansiedade atrapalhou. Já imagino um monte de coisa e não escuto o que a pessoa está falando... Eu não percebia isso. Preciso ouvir mais e falar menos. Pensar para falar, não viajar tanto...”

“Somos multiplicadores, comunicadores. Se não reproduzirmos bem, não formos bons ouvintes, pode não adiantar nada... Em trabalho em grupo é importante ouvir um do outro.”



Foi a metodologia de trabalho, os conteúdos teóricos que foram colocados em prática... Eu vejo isso como um ponto positivo, onde você capta o interesse das pessoas, o envolvimento que as pessoas demonstram no rosto. Tenho o intuito de passar tudo que aprendi a outras pessoas, colocando a teoria e desenvolver a experiência na prática, quando você se torna um repassador de informação isso tem de ficar claro é só na prática que você pode transmitir isso. (Ricardo)

O segundo período entremódulo, entre abril e julho de 2006, foi caracterizado por uma grande demanda por parte dos participantes tanto individualmente quanto em grupos. As iniciativas estavam maduras e mais uma oficina contribuiu para que sentissem confiança e segurança na coordenação, enfim, para que se sentissem mais aptos a solicitar os devidos apoios. A maioria desses apoios concentrou-se em visitas técnicas para acompanhar e implantar hortas e canteiros agroflorestais em comunidades e escolas rurais, dias de campo e palestras sobre temas específicos. Materiais de consumo e pequenos equipamentos, como metros de sombrite para viveiro, combustível, bolas de arame, sementes florestais, entre outros, estavam na lista do que foi expressivamente demandado. Por volta de 15 iniciativas estavam em franco andamento nesse período, envolvendo metade do grupo, o que viria a trazer novos elementos para a próxima oficina.

Co-responsabilidade na ação

A 3ª oficina aconteceu em agosto de 2006 e foi marcada por um programa que buscou atender de forma complementar e integrada, o conjunto de demandas por conceitos e conteúdos técnicos dos agentes. Pretendeu consolidar as bases para as iniciativas realizadas nos entremódulos. A presença de alguns convidados, como Raul Silva Telles do Valle e Márcio Santilli, do ISA, que trouxeram contribuições no campo da legislação florestal e ambiental, das mudanças climáticas e sua relação com o desmatamento, completou o ciclo de conteúdos estratégicos da formação, juntamente com um trabalho intenso sobre sementes, denominado “ciranda das sementes”.



Cada participante trouxe um punhado de sementes, que foram dispostas em círculo e numeradas para que cada um tentasse identificar a espécie. Foram distribuídas 74 espécies de sementes. Quase todas elas foram identificadas. Identificar e conhecer as diferentes características e usos das espécies são etapas primordiais para o desenvolvimento de iniciativas de restauração florestal e agroflorestal.



Uma importante prática desse módulo foi a visita ao viveiro de Canarana (fruto de uma parceria entre ISA e prefeitura local) para realização de práticas de quebra do estado de dormência e germinação da semente. Havia algumas sementes disponíveis que necessitavam de diferentes técnicas de escarificação (retirada da casca), dentre elas: corte com tesoura ou lixa com lima (sucupira, jatobá, olho de cabra), água quente (tamboril, carvoeiro e garapa) e guilhotina (baru). Ainda no viveiro, foi mostrado como fazer um teste de germinação na sementeira: após quebrar a dormência, distribui-se numa determinada área da sementeira com areia, 100 sementes. Identifica-se o tipo de tratamento e a data da sementeira. Realiza-se irrigação diária e faz-se a contagem das sementes germinadas.



Partilhar os resultados, desafios e aprendizados das iniciativas, das áreas experimentais e dos exercícios práticos constituiu-se como um importante indicador de que a formação estava sendo apropriada pelos participantes. A terceira oficina foi um momento decisivo para que os grupos se firmassem em suas iniciativas respaldadas por novos conhecimentos e experiências. Junto com as dinâmicas e reflexões vivenciadas nesse terceiro encontro, a coesão fortaleceu individualmente a crença de ser capaz de empreender as ações a que cada um propunha-se.

A exposição das iniciativas de alguns municípios trouxe mais um estímulo. “Então foram esses os instrumentos e estratégias que vocês usaram? Será que isso pode ser adaptado à minha realidade, à iniciativa que estou propondo ou que meu grupo está propondo? Quais alternativas seriam viáveis?”.

Nesse momento, nosso papel era o de facilitar que o processo de aprendizagem acontecesse – didaticamente falando – estimulando o processo de co-responsabilização. Os exercícios práticos também facilitaram tal processo naquele mesmo sentido de reforçar a crença na capacidade de realizar.



Márcio Santilli,
do ISA, fala
sobre mudanças
climáticas e
desmatamento



Visitas a áreas experimentais

O grupo visitou as áreas experimentais desenvolvidas anteriormente. Uma delas foi a agrofloresta implantada na antiga chácara do Sr. Carlos, um dos formandos. Ele vendera a propriedade recentemente. A experiência tinha sido realizada na segunda oficina. A área não havia sido devidamente cuidada. O novo dono realizou uma capina, o que diminuiu consideravelmente a densidade das espécies plantadas diretamente por semente. A necessidade de capina, segundo o proprietário, vinha do fato de existir ali mato. Ele nasceu porque a cobertura do solo não foi bem feita, pois o material usado foi poda de uva, que é rapidamente decomposto, deixando o solo descoberto. Se a cobertura do solo tivesse sido feita com bastante matéria orgânica, e de decomposição mais lenta, não teriam surgido as plantas indesejadas no sistema. Mesmo assim, ainda foi possível observar várias espécies. Os pés de figo, então podados na época da implantação, mostravam-se vigorosos e já com frutos. Algumas verduras produziam. Foram encontradas algumas árvores nascidas de sementes, como a copaíba e o urucum. A mandioca cresceu muito bem.

A outra área visitada foi a APP à beira do córrego na entrada de Canarana, onde o grupo tinha feito um plantio a partir de mudas e sementes, visando recompor a mata ciliar. A área original estava praticamente toda coberta por capim braquiária. O manejo realizado também não foi o recomendado, pois foi feita uma capina arbitrária, com enxada, cortando várias plantas da regeneração, como mamona e anileira. Algumas mudas tiveram suas folhas comidas pelas formigas. Outras mudas apresentavam-se bem saudáveis. A época do plantio não foi a mais adequada, durante a seca. Mesmo sabendo disso, a atividade foi realizada para que os participantes registrassem os conceitos na prática.

Depoimentos sobre o trabalho

Eu ficava em dúvida quanto à agrofloresta. Fiquei impressionada com tanta coisa no mesmo lugar. Pequenos detalhes que às vezes não conseguimos assimilar e na prática podemos compreender. A segunda área estava bonita pra mim, na minha cultura, e agora sabemos que prejudica. Ler, escutar... mas a prática é fundamental. Minha mãe planta tudo junto. No ano passado, eu achava bonito só alface, só rabanete, agora tenho outra cabeça. (Rose)



Na agrofloresta, achei maravilhoso, uma coisa nova, diversidade grande de espécies, várias estão vindo. O experimento foi bacana. Quanto ao rio, local próximo à pista, tem perigo de fogo, terra compactada. Acho que deve dar continuidade ao monitoramento do local. (Jaílton)

Esses trabalhos mostraram para mim que é mais viável orientar o público, para não acontecer os estragos onde não tem. É grande a mão-de-obra para recuperar. Melhor é não desmatar. O resultado foi interessante, mas é cedo para tirar conclusão. Quero acompanhar. Numa dimensão maior é trabalhoso. (“Tito” – Clodoaldo)

Assumi um compromisso com a comunidade. Vendo como está hoje já sei como vai ser montada a minha. É preciso acompanhamento, botar a mão. Fiquei chocado porque achei que a parte de baixo não tinha a ver com agrofloresta, mas tem a ver, cortaram e queimaram a mata. A pessoa tem que ver, mudar essa consciência de queimar. Tem que acompanhar o rio. (Sr. Menin)



1) Área do Sr. Carlos onde foi implantada uma agrofloresta durante a segunda oficina. 2 e 3) Volta à área degradada de mata ciliar onde havia sido feito um plantio de mudas e sementes



O trabalho do segundo período entremódulo potencializou o seguinte, entre agosto e outubro. O sucesso da troca de experiências durante a terceira oficina deu nova injeção de ânimo ao grupo. Surgiram novas iniciativas, em especial relacionadas com sistemas agroflorestais: a “agrofloresta teen” implantada por Maristela e Ana Paula na propriedade do agente Josuel; a manutenção e enriquecimento do reflorestamento da nascente na entrada de Canarana pelos os agentes Gediel, Sr. Carlos e Irene; o encerramento do festival de sementes, com recebimento de 564 kg de sementes de 87 diferentes espécies; a coleta de lixo seletiva, cadastramento dos agentes de reciclagem e palestras sobre o problema dos resíduos sólidos em escolas e num supermercado; a oficina com professores da Escola Apóstolo Paulo, no Projeto de Assentamento (PA) Serrinha, em Água Boa, com as agentes Elma e Rosenilde; reunião com as agentes de Saúde; sensibilização da comunidade de Gaúcha do Norte sobre a problemática do córrego Pau D’alho; entre outras atividades.

Sistema agroflorestal em ação

Em outubro de 2006, aconteceu a quarta oficina, que não estava prevista no projeto original e só foi possível em função do interesse dos formandos e da criação das condições financeiras para tal fim: sua oferta de apoio logístico, infra-estrutura e materiais para as oficinas, como custeio de transporte, equipamentos, sementes e áreas para realização de atividades, permitiu economizar parte dos recursos disponíveis.

O encontro aconteceu no assentamento Brasil Novo, em Querência, no lote do Sr. Menin, um dos formandos, com a presença do consultor Ernest Götsch. Durante três dias, discutimos e implementamos uma agrofloresta experimental. O que foi visto nas primeiras oficinas pode ser colocado em prática em um trabalho intenso e árduo de plantio com o grupo.

O Sr. Menin havia preparado a área, cercando-a para evitar a entrada de animais, preparando o solo com aração e gradagem e distribuindo montes de bagaço de cana, esterco e cinzas que ele tinha disponível em sua propriedade. Então ele marcou o local de 9 bananeiras, no espaçamento de 3 x 3m. Primeiro capinou o local onde seria plantada a banana.



Terreno do lote do Sr. Menin, um dos formandos, foi preparado com bagaço de cana, esterco e cinzas para implantação de agrofloresta



Ernst demonstrou como fazer, raspando com a enxada a terra da superfície, que é a mais fértil, separando-a em um monte, e depois fez um buraco de mais ou menos 0,6m de profundidade por 0,8m de largura. Misturou a terra separada com esterco e cinzas e encheu o buraco.

A bananeira foi plantada com o olho para baixo, para ela sair com mais força. A terra de dentro do buraco foi espalhada em volta do berço da bananeira e foi coberta com o bagaço da cana. Junto com a bananeira foram plantadas uma muda de cacau e uma muda de xixá.

Ao redor da roda de bagaço, no entorno do berço da bananeira, foi plantado abacaxi a cada 0,3m e entre os abacaxis, a cada dois, foi plantada uma maniva de mandioca direcionada com as raízes para dentro do círculo. Depois que os abacaxis e a mandioca foram plantados, foi afogada uma faixa de terra com enxada (somente na largura do enxadão) e misturou-se um pouco de esterco e cinzas, onde se semeou hortaliças como pepino, salsinha, rúcula, e plantou-se mudas de cebolinha. Para cobrir foi espalhado um pouco de esterco.



“Berço da bananeira” é preparado com bagaço de cana e cercado com pés de abacaxi e mandioca por Ernst e participantes da oficina



Para finalizar, na frente de cada maniva de mandioca foi colocado um punhado de mistura de sementes de árvores. Algumas sementes de árvores (as maiores como o baru e a manga, as mais leves como o ipê, guatambu e tingui e as pequenas, como a embaúba) foram distribuídas na frente das manivas depois (não junto com a mistura de sementes). O ingá também foi distribuído separadamente das outras para não danificar suas raízes, pois as sementes já são retiradas do fruto germinadas. Ainda dentro do berço da bananeira foram semeados milho, abóbora e pepino.

As sementes de árvores foram selecionadas, escolhendo-se todas as espécies disponíveis, menos aquelas tipicamente de campo aberto, como a sucupira, o cajuzinho do Cerrado, que não toleram ambiente sombreado, como a agrofloresta. Foi feito o cálculo de quantidade de sementes, considerando a área que se deseja plantar (144 m²), o pressuposto de que se quer no mínimo 10 árvores estabelecidas por metro quadrado e a porcentagem de germinação aproximada.

Para as sementes que demoram a germinar, com casca dura, foi feito tratamento de quebra de dormência com água quente. As sementes foram todas misturadas com um pouco de terra, esterco e cinza e essa mistura foi umedecida até parecer uma farofa.



A mistura de sementes foi dividida em porções para ser bem distribuída na área. Calculou-se que para o círculo em volta da bananeira, onde havia 18 abacaxis e 9 manivas de mandioca, era necessário 4% da quantidade da mistura de sementes. 4% das sementes para cada bananeira vezes 9 bananeiras equivale a 36% da área. O monte da mistura de sementes foi dividido então mais ou menos em 36% e 64%. A parte dos 36% foi dividida em 9, pois teria que ser distribuída em volta dos 9 círculos de bananeira. O restante foi dividido em 9 também para ser distribuído nas 9 partes restantes entre os círculos de bananeira.

Na área restante entre os círculos de bananeira foi plantado abacaxi no espaçamento de 1,2m entre linhas e 0,3m entre mudas. Foi plantada maniva da mesma maneira, entre o abacaxi (pulando sempre uma planta de abacaxi).

Entre as linhas de abacaxi e mandioca a terra foi afogada e foram semeados arroz com urucum. Nesse espaço também foi distribuída a mistura de sementes de árvores. As sementes maiores, bem como as muito leves (ipê, jacarandá, guatambu e tingui) e as muito pequenas (embaúba), foram distribuídas depois, superficialmente.

Ao final ficou a recomendação para se plantar feijão de porco na quarta semana, no momento da primeira limpa do arroz.



Seis meses depois,
o “berço da
bananeira” já em
estágio adiantado



A formatura



A formatura do grupo de agentes aconteceu no dia 22 de outubro de 2006, na Câmara Municipal de Canarana. A cerimônia contou com familiares, comunidade e autoridades locais, que fizeram uso da palavra, parabenizando os formandos e reconhecendo a importância da formação. Após a cerimônia de entrega de certificados, houve um coquetel e a cada formado e convidado foi entregue uma muda de árvore nativa do Cerrado produzida no viveiro municipal.



Resultados, desafios e lições aprendidas

Surpreender, talvez essa seja a palavra que melhor expresse o que foi esse processo de formação. A próxima parte da publicação elucidará o que estamos falando. Sem tirar nem pôr, mas apenas reconhecer e valorizar as histórias de quem está pensando e fazendo algo pelo Xingu.

Ter chegado ao final desse processo com 42 pessoas comprometidas pode ser entendido como um resultado por si só. Porém, a maior lição que podemos ter é observar parte desses agricultores, professores, técnicos continuarem suas iniciativas em seus espaços de trabalho e de convivência diária.

Mas a jornada não foi só céu de brigadeiro. Fomentar e valorizar a cultura florestal e agroflorestal em um contexto onde o poder das monoculturas de grãos e da pecuária condiciona o comportamento individual e a economia de toda uma sociedade local dá a exata dimensão do desafio. Deparamo-nos com dúvidas, encruzilhadas, indefinições para nos mantermos firmes e coerentes com a proposta. O que pensamos, muitas vezes, não trazia os resultados esperados. Daí, éramos obrigados a rever o processo, refletir e fazer diferente, e olhar para nossos referenciais teóricos e práticos, e chegar à conclusão que “essa teoria ou forma de fazer não funcionou”. Perceber com atenção o que trazia e o que não trazia resultados, desafiando-nos permanentemente a olhar para nossos referenciais, concepções, crenças...

O fazer diferente, para nós da coordenação e para os agentes, envolveu escolhas e dimensionou o tamanho que esse conjunto de referenciais ocupava em nossos espaços emocional e cognitivo. Às vezes isso foi tão grande e novo que o indivíduo viu-se obrigado a abrir mão de muita coisa – e isso ele não estava disposto e não conseguiria, mesmo se quisesse. O processo pedagógico teve que olhar para isso, respeitando os momentos e condições objetivas de cada um. Podemos dizer que esse movimento foi nosso maior aprendizado!



Também é merecido destacar algumas lições aprendidas em relação à trajetória formativa:

- ✓ A importância de garantir uma ampla divulgação e um processo seletivo rigoroso com base nos princípios e critérios definidos contribui para a formação de um grupo de aprendizagem, fundamental para atingir os objetivos;
- ✓ Construção de um caminho de confiança e co-responsabilidade com os participantes, estando aberto a mudanças nos conteúdos programáticos sem ferir o projeto pedagógico, atendendo as reais necessidades no campo socioambiental do público-alvo;
- ✓ Trabalhar um conjunto de habilidades conceituais, sociais e técnicas parece ser uma chave metodológica para que os participantes possam ser protagonistas do seu próprio aprendizado. Palestras e práticas contemplam em parte os reais anseios. Deve existir um intencional e profissional trabalho no campo das relações sociais de maneira a ornar e dar maior dinâmica e vida ao processo;
- ✓ O grupo coeso é fundamental para propiciar a aprendizagem individual. Na primeira oficina, foi acordado que não haveria mais espaço para novos interessados naquele momento;
- ✓ Explicitar e debater a importância de cuidar do chamado período entremódulo como parte integrante da formação mobiliza para a ação. A presença física no atendimento técnico e cognitivo das iniciativas socioambientais influenciou positivamente o sucesso das mesmas. Por isso, não basta animar virtualmente entre um momento presencial e outro. Se dispuséssemos somente dessa estratégia, podemos dizer que não chegaríamos aos resultados alcançados.

Um convite à segunda parte...

Os agentes socioambientais que se formaram no final de 2006, em Canarana, desenvolveram uma série de iniciativas em seus municípios, durante e depois da formação: mobilizaram comunidades e escolas; implantaram viveiros, sistemas agroflorestais e projetos-demonstrativos; reflorestaram matas ciliares; deram palestras e oficinas; entre outras. Andaram muito por aí, meteram o pé na lama e as mãos na terra, suaram a camisa, falando com pessoas (e ouvindo muito também), demonstrando práticas inovadoras, dando pequenos e grandes exemplos.

Foram inúmeras atividades que tiveram como alvo desde cidades inteiras até apenas uma pequena propriedade. Mais do que a extensão de áreas em recuperação ou o número de pessoas alcançadas, essas ações são significativas por sua qualidade e diversidade, por seu potencial de mudança, pela capacidade de multiplicar novas idéias, estimular ainda outras ações, questionar antigos modelos em uma região que precisa de mais alternativas de desenvolvimento e gestão do território. Todas essas iniciativas são igualmente representativas de um jeito novo de ver o Cerrado.

Selecionamos a seguir uma breve reflexão sobre o processo formativo e o relato de algumas dessas iniciativas que consideramos exemplares. Grande parte desses relatos foi contada diretamente pelas falas de seus protagonistas na busca de expressar da forma mais autêntica possível parte de seus sentimentos, impressões e processos de amadurecimento. Convidamos você a entrar na realidade das personagens dessa marcante história ocorrida no Xingu, conhecer o que estão fazendo e como a formação contribuiu para suas trajetórias e para o seu trabalho.





Um sentimento que inquieta e que se difunde

Por Luciana Akeme S. M. Deluci

No final de 2005, fui contratada pelo Instituto Socioambiental (ISA) para inicialmente apoiar a organização e acompanhar a formação de agentes socioambientais do Cerrado. A princípio, chamou minha atenção a metodologia da formação, que previa módulos presenciais e períodos entremódulos nos quais o projeto apoiaria algumas iniciativas individuais ou em grupos. Também me surpreendeu a heterogeneidade do grupo: profissionais diversos, diversas forma de lidar com a terra e diferentes formações. Mesmo que isso pudesse indicar um grande potencial para a





troca de experiências, também podia ao mesmo tempo ser desastroso. O meu desafio, entre outros, seria acompanhar esses momentos entremódulos e, de certa forma, propor algo que fosse comum dentro da diversidade de interesses e atuação dos participantes.

Questionava-me também quanto à necessidade de minha participação efetiva na formação. Para entendê-la e acompanhar os agentes, eu necessitava ser também uma agente, passar por todo o processo. Com esse pensamento, já na primeira oficina, passei a participar de várias atividades, sentindo que teria um papel de acompanhamento do grupo mais de perto, visto que os formadores não residiam na região. Eu sabia que para conseguir isso teria de me sentir e ser parte do grupo em formação. Atuar junto a ele, sem antes internalizar o “ser” agente multiplicador, me parecia fadado ao insucesso.

O grupo mostrava-se participativo e empreendedor, mergulhado no processo. Mas pensava comigo: “será que isso basta para que os entremódulos tenham a mesma intensidade?”. Nas formações, o que acontece normalmente são as pessoas retornarem a sua realidade e novamente sentirem-se impotentes diante de suas expectativas de mudança.

Porém, acompanhei todas as atividades entremódulos, direta ou indiretamente, e pude vivenciar o que a motivação e a segurança de um novo conhecimento podem trazer num movimento interno, individual, que se revela no grupo. Algo que se processa dentro de cada um, que o coloca em movimento e ao mesmo tempo movimenta o grupo.

Houve, a princípio, um subagrupamento por município. Geograficamente, isso facilitava a ação, porém não impediu intercâmbios, agentes que participaram de ações nos municípios dos colegas. Interessante que, logo após o primeiro módulo, houve poucas iniciativas concretas. Acredito que isso aconteceu pela própria novidade no processo de apreender, o momento de perguntar-se: “será que é isso mesmo? Quem são estas pessoas? O que querem?”

Mas após o segundo módulo, iniciou-se a sinergia. Os formandos passaram a se relacionar melhor entre si e também com a coordenação. Adquiriu-se confiança mútua. As iniciativas foram inúmeras. Elas surgiam em grupo, em um grande evento ou mobilização, ou então em ações diárias dos agentes. Acredito que as iniciativas individuais, com o



objetivo de mobilizar suas comunidades, tenham dado suporte para que, mesmo depois de encerrada a formação, muitos deles tenham continuado o processo de fortalecimento de suas ações.

Vale uma reflexão de como esse sentimento, esse envolvimento surge como algo que inquieta e que se difunde, como as pessoas ficam estimuladas a, de alguma forma, dentro de suas possibilidades, mobilizar e realizar tantas ações socioambientais, e como isso aconteceu de uma maneira em que o grupo ainda apresenta-se sendo referência na sociedade local.

O segredo pode estar não apenas em entender como se processa essa formação de adultos, mas também nos temas que estão tão relacionados à própria sobrevivência, que passam a ser os de sua própria luta. Talvez muitas idéias já estivessem ali e faltasse o encorajamento para as pessoas colocarem-se em ação. Algo que partisse de incentivos externos, mas que realmente só poderia processar-se dentro de cada um.

O que aconteceu, de fato, foi uma mescla de aquisição de conhecimento técnico com uma boa dose de estímulo à liderança. Mistura que promoveu um sentimento de capacidade de fazer, que serviu e serve de combustível para várias iniciativas. O que vale ainda dizer como alguém que acompanhou todas as fases da formação, vivenciando a força do grupo e das lideranças que ali nasceram ou amadureceram, é que acredito que tal processo vai continuar. Alguma coisa que teve um início e na qual a palavra “multiplicação” se impôs em sua maior força. As pessoas realmente apropriaram-se não só dos conceitos, mas redescobriram em si seus potenciais e revelaram-se em ações socioambientais coerentes, reais e viáveis.



Atividades desenvolvidas durante a mobilização realizada pelos agentes socioambientais em Canarana envolvendo estudantes: 1) plantio de mudas na represa do Garapu; 2) visita ao viveiro de Canarana; 3) "passeio" de bicicleta ao lixão da cidade para sensibilizar os alunos sobre a necessidade de separar e reciclar os resíduos sólidos



Mobilizando Canarana

Uma pequena chuva de sementes e outras histórias

Canarana gosta de cultivar a memória com símbolos inusitados. Parece haver ali a necessidade de relembrar sempre a história, recheada de muito trabalho e capacidade de mobilização, de quem chegou para construir a cidade e de quem continua construindo o seu dia-a-dia.

Logo na entrada da avenida principal, uma cuia de chimarrão e uma chaleira em tamanho gigante chamam a atenção para a presença dos gaúchos. Foram eles os primeiros a chegar em 1971. Muitos vieram mais tarde no velho avião Douglas DC-3 hoje estacionado na praça central como mais um monumento aos pioneiros. Empresas colonizadoras trouxeram centenas de famílias do Sul do País na onda de implantação de núcleos agrícolas promovida na Amazônia pelo governo federal na época.

A denominação Canarana vem de um capim comum na região, mas dizem que também porque seus primeiros moradores, vários deles da Igreja Luterana, achavam o nome parecido com Canaã, considerada na Bíblia a “terra prometida”. Vieram até ali pelas dificuldades de continuar no Sul, onde a terra tinha ficado cara demais e aumentavam os conflitos fundiários. A cidade nasceu do desejo de uma vida melhor, de mais renda e do que então era considerado progresso. As ruas largas imitam as avenidas de Brasília.

O município fica a 800 quilômetros de Cuiabá e, em 2007, tinha 19 mil habitantes, um dos mais populosos do leste da Bacia do Xingu no Mato Grosso. Tem comércio variado, escolas, hospitais, além de inúmeros sindicatos, associações e igrejas. Tudo isso fruto do empreendedorismo de uma geração vocacionada à agricultura e à pecuária. Em 2006, Canarana colheu 266,1 mil toneladas de soja – R\$ 66 milhões – e tinha mais de 322 mil cabeças de gado.

O Encontro Nascentes do Xingu e a formação de agentes socioambientais

A produção no campo trouxe divisas, serviços públicos e infra-estrutura, mas às custas da supressão de parte da cobertura vegetal. Por sua



posição estratégica, por ser ela mesma um símbolo de alguns dos problemas, mas também das potencialidades da região, a cidade foi escolhida para sediar o Encontro Nascentes do Xingu, entre 25 e 27 de outubro de 2004, quando nasceu a campanha 'Y Ikatu Xingu. Canarana foi eleita para ser a “nascente” do pacto em defesa das cabeceiras do Xingu, pela conciliação entre produção, desenvolvimento e conservação.

Por motivos parecidos, foi indicada para abrigar o processo de formação de agentes socioambientais, que começou em dezembro de 2005. As organizações parceiras da campanha consideraram que a partir dali e dos municípios vizinhos poderia ser multiplicado o trabalho das lideranças socioambientais.

A idéia do projeto era ter entre os formandos a maior diversidade possível de segmentos e classes sociais, profissões, níveis e tipos de formação. A heterogeneidade do grupo não foi vista como um obstáculo, mas uma oportunidade de reunir experiências, conhecimentos e visões diferenciados sobre os problemas socioambientais da região – e sobre suas possíveis soluções.

No início, aquela expectativa! Pessoas novas, outras já conhecidas, a grande maioria era desconhecida. Aos poucos fomos nos conhecendo. Uns com mais afinidade, outros menos, enfim, cada qual com suas potencialidades e limitações. Estudantes, agricultores, técnicos agrícolas, professores, lideranças comunitárias, cidadãos comuns imbuídos de um mesmo propósito: conhecer, preservar, pensar numa forma de conter a degradação que o homem tem causado nos rios e florestas de nossa região, tentar disseminar para as outras pessoas um pouco do nosso aprendizado. (Maristela F. Becker da Rosa)

Reflorestamento e lixo

O grupo de Canarana era o mais numeroso entre os que iniciaram a formação, com 19 pessoas. As oficinas reforçaram entre algumas delas antigos questionamentos e preocupações com a degradação das nascentes.



Viveiro de Canarana foi resultado de parceria entre o ISA, a prefeitura e a Sociedade Amigos do Garapu. Diferentes estágios da obra

Isso apontou para um trabalho de reflorestamento que envolvesse a comunidade. Na época, começava a ser instalado na cidade um viveiro, fruto de um projeto da campanha 'Y Ikatu Xingu (confira na página 55). Uma parte dos agentes idealizou, então, atividades que abrangessem a produção e o plantio de mudas de espécies nativas. Outra parte resolveu empreender ações voltadas ao problema dos resíduos sólidos (página 59). Algumas pessoas assumiram ainda o compromisso de ampliar ou aprimorar iniciativas que já desenvolviam com princípios socioambientais e que poderiam servir como exemplo.

A mobilização

Os formandos resolveram desenvolver um projeto que abarcasse os dois assuntos – resíduos sólidos e reflorestamento – por meio de atividades de mobilização. Elaboraram o documento “Educação Ambiental: Mudança de Postura Frente às Novas Concepções Socioambientais”. Ele previa a produção de mudas, o reflorestamento de nascentes degradadas, palestras, visitas de campo e outras atividades educativas. As mudas também ficariam à disposição da comunidade.



Além do viveiro, o instrumento imaginado para obter a matéria-prima para as ações foi o “festival de sementes”. A idéia era realizar uma grande coleta de sementes que serviria para engajar e sensibilizar estudantes e educadores (multiplicadores por natureza), difundir informações sobre espécies nativas e seu potencial para a recuperação das matas de beira de rio. Representantes das turmas que mais se destacassem na tarefa ganhariam como prêmio um “dia de campo” em locais onde estavam ocorrendo experiências de conservação, com direito a gincanas, brincadeiras, brindes e almoço.

De fevereiro a maio de 2006, foi feita a divulgação do projeto em um lançamento na Câmara Municipal e em reuniões com os professores e diretores das escolas do município. A idéia era conquistar o apoio à iniciativa e estimular os educadores a trabalhar com seus alunos as questões socioambientais locais. Os agentes passaram a apoiar atividades dentro e fora das salas de aula, sempre falando da campanha ‘Y Ikatu Xingu, do problema das nascentes e do lixo, entre outros temas vistos na formação.

Em duas escolas municipais da zona rural, a Elídio Corbari e a Serra Dourada, o convite foi precedido por palestras em que estiveram presentes não apenas alunos e professores, mas também a comunidade. O entusiasmo das crianças e de alguns professores foi imediato.

Na escola Elídio Corbari, na comunidade do Garapu, eles prontificaram-se não apenas a buscar as sementes, mas também a instalar um pequeno viveiro. Mais tarde, surgiu a idéia de realizar um levantamento sobre o Rio Sete de Setembro, que atravessa a localidade e é um dos afluentes do Xingu. Os estudantes produziram várias mudas. Foi organizada uma “expedição” para avaliar as condições ambientais do rio e encontrar suas cabeceiras, a cerca de 130 quilômetros dali. Mudanças e sementes foram plantadas na nascente, já bastante desmatada, pisoteada e contaminada pelo gado. O mesmo problema ocorria em vários trechos do rio. A problemática passou a ser tratada na escola em redações, estudos, trabalhos, desenhos. A comunidade acompanhou algumas das atividades e passou a se interessar pelo assunto. Uma pesquisa sobre o tema elaborada pela 8ª série foi uma das vencedoras da I Mostra Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação, em 2007.



Ivan e o viveiro

(...) Mas o mundo foi rodando, nas patas do meu cavalo
E os sonhos que fui sonhando, as visões se clareando,
As visões se clareando, até que um dia, acordei.

Disparada, Geraldo Vandré

Ivan Loch chegou em Canarana em 1975, com treze anos, junto com a família que vinha do Paraná e cuja propriedade foi inundada pelo lago de Itaipu. A floresta e o Cerrado, quase intocados, eram um muro à expansão da agricultura e da pecuária, que precisava ser derrubado. A partir dos 15 anos, Ivan foi capinador, tratorista, auxiliar de pesquisas sobre soja. Depois estudou e começou a trabalhar em grandes empresas agropecuárias da região como almoxarife, capacitaz, encarregado de manutenção de campo.



Segundo suas próprias palavras, era um “destruidor da natureza”. Não se esquece, por exemplo, de um carvoeiro que, por incrível que pareça, foi morto a tiros por ele e alguns amigos que queriam divertir-se. A carcaça da árvore continua no mesmo lugar.

A gente pescava o dobro do que era o necessário e de rede. Na época, tinha mato à vontade, peixe à vontade, caça à vontade, munição à vontade. Cortávamos várias árvores só para ver qual vara ficava mais retinha. Depois jogava tudo fora. Fazia fogo, queimava tudo à toa. E ganhávamos dinheiro. (...) A gente achava que aquilo não ia acabar nunca. (...) Antes, era só destruição. Tanto fazia. (Ivan)

Em 1993, passou no concurso para técnico agrícola da prefeitura. A princípio, trabalhou com arborização. Ajudou a montar o viveiro municipal e prestava assistência técnica em hortas. Plantava flores, árvores nativas e exóticas nos canteiros da cidade. Deu aulas sobre hortas em projetos destinados a crianças e adolescentes carentes.

Continuava gostando de pescar, mas os peixes já eram poucos. Foi nessas pescarias que seus filhos vieram com uma conversa estranha sobre programas que viam na televisão, “coisa de ambientalismo”; de que ele não poderia mais ficar jogando latas no rio, pois elas valiam dinheiro; que a mata e tudo que tinham dela à vontade estavam em risco. Alguma coisa começou a mudar em Ivan.



A gente via que as coisas foram se acabando. Tanto bicho que eu matei, tanto peixe que peguei... "Será que meus filhos, meus netos vão ver isso?" Ai, eu comecei a me tocar: "foi eu que ajudei a destruir isso daí". Eles começaram a me ensinar. Eu via na televisão, mas achava que isso acontecia longe, nas grandes cidades. (Ivan)

Ivan começou a reparar que os rios estavam desbarrancando e o mato rareava. Muitas cabeceiras estavam destruídas. Era preciso começar a preservar. No final de 2005, foi selecionado para participar da formação de agentes socioambientais.

Meses depois, começou em Canarana o projeto *Quem vê só Soja não enxerga Desenvolvimento: uma experiência de recuperação de nascentes e matas ciliares na Bacia do Xingu*. O objetivo era montar um viveiro de espécies nativas para abastecer algumas ações de reflorestamento da campanha Y Ikatu Xingu. Uma parceria entre a prefeitura, a Sociedade dos Amigos do Garapu e o ISA, com patrocínio do Instituto HSBC de Solidariedade. Ivan Loch foi convidado a trabalhar no projeto.

Ele já entendia bastante de quebra de dormência. Fazer uma semente brotar mais rápido do que o normal, artificialmente, é um trabalho que parece simples, mas exige técnica e minúcia. São usados água em diferentes temperaturas, ácidos, raspagens. Verdadeiro trabalho de artesão. Ivan tornou-se um especialista na germinação, identificação e uso de sementes.

Ele participou do festival de sementes e foi responsável pelo recebimento e pesagem do material. Conduziu dias de campo, passeios e visitas ao viveiro envolvendo estudantes, professores, agricultores e técnicos. Em 2007, tornou-se monitor de uma nova turma de agentes iniciada em São José do Xingu. Começou a dar oficinas e palestras sobre o tema. Tornou-se um profissional reconhecido em Canarana. De agosto de 2006 a outubro de 2007, foram cultivadas no viveiro mais de 13 mil mudas de 52 espécies nativas e circularam por lá mais de 13 toneladas de sementes em estado bruto, isto é, sem o tratamento e limpeza necessários para a germinação antecipada.

Eu espero que todo mundo bote a mão na consciência e recupere o que destruiu. Já será suficiente. Quando as pessoas sentirem aquele calorão, falta de ar, fumaça, vão pôr a mão na consciência. E para quem quiser ter mais informação sobre isso, é só chegar lá no viveiro. E não precisa ser só da região aqui não, porque o planeta é um só. (Ivan)



Chuva de sementes

O festival de sementes aconteceu de abril a setembro de 2006, com divulgação na mídia e participação de nove escolas, incluindo alunos dos ensinos fundamental e médio. A competição tornou-se uma febre entre algumas turmas. Grupos de crianças e adolescentes, muitos acompanhados pelos pais, enfronharam-se nas matas do município para fazer a coleta.

Abateu-se sobre Canarana uma pequena chuva de sementes. Elas começaram a chegar nas escolas em sacos, muitos sacos. Depois, em carros. Em 11 de setembro, Dia do Cerrado, terminou a contagem. Foram reunidos e encaminhados ao viveiro municipal mais de 564 quilos de 87 espécies. Quase metade do total veio da escola Serra Dourada, a última a ser visitada pelos agentes socioambientais, em maio, e que teve menos tempo para realizar o trabalho.

Me espantou a quantidade. Fiquei emocionada quando vi uma caminhonete cheia de sementes. Num primeiro momento, não tinha havido tanto entusiasmo. Na escola Serra Dourada, eles são mais unidos, as famílias são muito engajadas. Mas mesmo na cidade, houve muita simpatia. Houve um aluno que me trouxe uma semente. Acredito muito na semente. A criança é uma semente. Acredito na educação. É com esse trabalho que poderemos ter alguma coisa no futuro. E como fizemos com muito carinho, houve uma resposta. (Ingred Ramos Pereira)



Agentes socioambientais e técnicos do ISA recebem as sementes coletadas por estudantes de todo o município



A premiação dos alunos que mais se destacaram no festival aconteceu em dezembro. Cerca de 80 pessoas, entre estudantes e professores de 16 turmas, além de alguns agentes socioambientais, participaram de atividades educativas em dois dias de campo. Eles visitaram o viveiro, onde conheceram técnicas de germinação e várias das espécies usadas nos projetos de reflorestamento da campanha Y Ikatu Xingu. Viram um pouco do resultado de seu trabalho: mudas produzidas com as sementes que haviam coletado. Alguns alunos plantaram mudas e sementes às margens da represa do Garapu. Também visitaram as propriedades dos agentes socioambientais Édemo Côrrea (saiba mais na página 61) e Josuel Olegário, onde assistiram a palestras, conheceram áreas em recuperação e técnicas agroflorestais.

Acho que houve uma mudança. A descoberta de que aquele material poderia ter um valor econômico. Muitas crianças não conheciam nossas espécies nativas. Realizei com meus alunos um trabalho de pesquisa sobre o potencial econômico da madeira e das frutas de várias dessas espécies. Vários pais nos procuraram para saber como poderiam fazer para vender as sementes. Acho que o festival despertou muitos pais para a importância do reflorestamento. (Maria Sicorra da Rosa)

(...) Acho que as ações que nós, agentes socioambientais, promovemos ajudaram na mudança de mentalidade que está ocorrendo na região. Muitas pessoas hoje começam a ver a importância de reflorestar. O grande obstáculo, porém, continua sendo a falta de recursos. Existem até linhas de financiamento para reflorestamento, mas as exigências burocráticas são muito grandes. (Josuel Olegário dos Santos)

Durante o resto do ano de 2006 e em 2007, os reflexos da mobilização continuaram, com vários dos agentes, professores e estudantes desenvolvendo atividades cujo tema era meio ambiente, em especial a questão do lixo e o problema das nascentes.



O trabalho sobre lixo

Um grupo dos agentes resolveu desenvolver uma iniciativa entremódulos com o tema resíduos sólidos, incluindo palestras, passeios ecológicos, a instalação de pontos de coleta seletiva, ações de estímulo à separação do lixo e o cadastramento dos catadores, visando gerar renda para suas famílias e incentivar sua organização. O levantamento de informações sócio-econômicas dos catadores foi feito em março de 2006. Foram realizadas algumas reuniões com eles para tentar articular seu trabalho com a separação do lixo e instalação dos pontos de coleta.

Em maio, os formandos promoveram uma palestra sobre a campanha Y Ikatu Xingu e o problema do lixo em um dos supermercados da cidade, que iniciou a separação do papelão e caixas de madeira descartados. As palestras estenderam-se às escolas, como a Jesus, Maria e José e 31 de março, que instalaram pontos de coleta e iniciaram a separação do entulho, entre outras. Uma gincana realizada pela Associação de Pais e Amigos dos Exepcionais (Apae) local reuniu R\$ 1,8 mil em garrafas pet com apoio dos agentes. No segundo semestre, eles organizaram uma exposição no supermercado com artesanato de materiais reciclados.

Como as famílias de catadores não estavam organizadas e elas recolhiam o lixo eventualmente, a iniciativa dos resíduos sólidos não foi à frente. A coordenação da formação dos agentes sugeriu que fosse realizada uma oficina com a comunidade sobre o tema para se ter um diagnóstico mais preciso. O evento aconteceu em outubro de 2006 e sugeriu estimular a prática da separação e acondicionamento corretos dos detritos entre a população, para depois tentar implantar a coleta seletiva.



No Dia do Meio Ambiente, 5 de junho, os agentes coordenaram um “pedágio ambiental” para distribuir sacolas de lixo no centro de Canarana. A atividade contou com a participação de quase 200 estudantes, que fizeram faixas e repassaram informações sobre o problema do lixo e a questão das nascentes. A

atividade foi apoiada pelo Rotary Clube e Lions Clube, entre outros.





Agrofloresta teen

No final do ano de 2006, as agentes Ana Paula Zuim e Maristela Becker levaram alguns alunos da escola particular Jesus, Maria José até a propriedade de Josuel Olegário dos Santos, outro formando, para realizar uma oficina de agrofloresta. Maristela ensinou a técnica da “muvuca” (um

punhado de sementes de várias espécies diferentes, que é coberto numa mesma cova) e o plantio em forma de mandala (círculo).

Galhos mortos, folhas podadas ou secas foram usados como adubo.



Ykinho

Enquanto participava da formação, a professora Cristiane Gonçalves, 20 anos, pensou em transmitir aos seus alunos, de uma forma lúdica, a necessidade de reduzir o consumo e a produção do lixo. “Mas como chamar a atenção das crianças e estimulá-las a ter atitudes diferentes?” A idéia da educadora foi criar um personagem em forma de copo que pudesse substituir aqueles feitos de plástico. Ao mesmo tempo, queria associar a figura à campanha 'Y Ikatu Xingu para divulgá-la e discutir o problema da contaminação da água. Daí nasceu o Ykinho. Cristiane confeccionou o “copo-personagem” e

começou a usá-lo com seus alunos. Depois, desenvolveu dinâmicas, brincadeiras e competições temáticas no festival de sementes. Muitas crianças ganharam o copinho como prêmio. A professora também convenceu a direção de sua escola a não mais usar copos descartáveis e passou a falar de temas como assoreamento, queimadas, desmatamento e matas ciliares em sala de aula.





O homem do pequi

A experiência de Édemo Côrrea

Teve gente que achou que não era só teimosia. “O senhor tá certo, tá bom da cabeça?” Ou duvidaram da intenção. Ele continuava com o juízo no lugar, mas, além de criar gado, já tinha quebrado um pouco a cabeça, sim, plantando arroz e milho por mais de dez anos, em uma propriedade de 90 hectares, em Canarana, onde chegou em 1980. Sempre sonhara com uma terra boa para trabalhar. Apesar de ter virado mecânico, vinha de uma família que tinha vivido muitos anos da agricultura, em Lins (SP).

Antes de comprar a fazenda, foi caminhoneiro. Viajou bastante levando arroz, soja, milho e madeira para Minas Gerais, Goiás, Pará... Desde que chegara em Canarana, o tamanho dos pequis da região tinha chamado a atenção daquele homem que estava procurando uma alternativa para produzir. Eles eram maiores, tinham mais polpa do que nos outros lugares. Édemo Côrrea, “Sêo” Édemo, foi amadurecendo a idéia devagar, planejando com calma. Até que se decidiu. Aquilo devia ter algum futuro e ele queria mesmo apostar no novo. Entestou que iria vender pequi.

Não queria ser um amador, como alguns que pediam acesso nas fazendas para colher o fruto de graça e vendiam em pequenas quantidades. Estava disposto a pagar pelas frutas e sementes e achava que assim é que era o certo, já que queria transformar aquilo num negócio sério. Porque depois queria investir numa plantação própria, no sítio onde o milho e o arroz não tinham dado certo e onde continuava criando gado.

Algumas pessoas achavam aquilo esquisito porque o pequizeiro era muito comum em qualquer lugar. Mas ele começou a plantar as árvores. Enquanto não davam frutos, em 1995 resolveu colocar o bloco, quer dizer, a banca na rua de vez. Primeiro, começou a comprar quantidades maiores de alguns fazendeiros, que ficavam até meio desconfiados com aquela história de pagar pelo pequi, já que tinham acostumado-se a dá-lo de graça.



São Édemo





(...) Isso era num sábado. Preparei os pequis, os que estavam bem maduros. Coloquei lavadinhos dentro de um saquinho e os outros eu comecei a abrir na hora. Fui na feira e fiz uma banca, na minha caminhonete, na tampa da minha caminhonete. Quando eu vi, tinha vendido as quarenta caixas de pequi, e vendendo a um preço na terra do pequi, a R\$ 40,00. Por quê? Porque aquela pessoa que tem um pouco de recurso, ela não vai no mato enfrentar carrapato, enfrentar mosquito, abelha. Então, a gente tem que trazer pra eles, e aí eu vi que era uma coisa além de tudo comercial. Passados uns dois ou três anos, os fazendeiros de Canarana já me procuravam, pra comprar pequi deles, pra revender. (São Édemo)



Flor e fruto do pequi

Símbolo do Cerrado

São Édemo conhecia bem aquilo que queria comercializar. O pequi é ingrediente importante na culinária do Centro-Oeste, Nordeste e norte de Minas Gerais. Seu uso na alimentação e o manejo da espécie têm grande destaque na cultura de inúmeras populações indígenas e tradicionais (quilombolas, ribeirinhos, sertanejos, geraizeiros etc).

Variiedades de pequizeiros vêm sendo desenvolvidas por dezenas de gerações de comunidades que hoje habitam o Parque Indígena do Xingu, onde o fruto faz parte da mitologia de algumas delas e é consumido em grandes quantidades. Para os Waurá, por exemplo, a fruta originou-se dos testículos do jacaré e o beija-flor teria sido uma das primeiras criaturas a cultivá-la. Por isso, os dois animais são considerados por esse povo os donos e criadores do pequi.



Há séculos, populações como essas descobriram que a fruta é uma rica fonte de nutrientes, como as vitaminas B, C e D. Tanto o caroço quanto o óleo derivado dele são considerados medicinais, em especial no tratamento de problemas respiratórios e como estimuladores do funcionamento do fígado.

Apesar disso tudo, de ser considerado um símbolo do Cerrado e da lei proibir o corte e a comercialização de sua madeira, os pés de pequi também vêm sofrendo com o desmatamento. Quase 40% dos 2 milhões de quilômetros quadrados do Cerrado – 800 mil quilômetros quadrados, uma área equivalente a quatro vezes o Estado do Paraná – já foram derrubados.

Árvore que dá lucro

As vendas de São Édemo iam aumentando aos poucos e ele começou a acreditar de verdade que poderia abrir um mercado para aquela fruta nativa do Cerrado. Começou a plantar pequizeiros para valer. Mas resolveu fazer consórcio entre as duas atividades, mantendo o gado em áreas onde o pequi já estava adulto – os animais gostam de comer as plantas jovens. Nas fazendas fornecedoras, também pregava a idéia. Já que tinha mergulhado de cabeça naquela história, também estava preocupado com os pequizais fora de sua propriedade.

O pequi já vinha sendo comercializado em outros lugares. Se você tem uma árvore que lhe dá lucro, você não derruba ela. Então, eu cheguei ao ponto, nos cálculos que fiz... tem árvore que dá mais de dois mil frutos por ano (...). Então, a pessoa tendo uma renda dessa significa uma bezerra por ano. Uma bezerra novinha vale R\$ 200. Hoje, vale um pouco mais porque o gado subiu em torno disso. Dá para você consorciar o gado com o pequi, e deixa aquela floresta no lugar.
(São Édemo, julho de 2007)

Fazendeiros iam procurá-lo para comprar sementes e mudas. Pelo menos começaram a ter a noção de que a espécie tinha valor econômico



e podia ser usada para recuperar áreas degradadas. Édemo construiu um viveiro em sua fazenda e, de início, vendia em torno de duas mil mudas por ano. A produção foi crescendo gradualmente: três mil, quatro mil, cinco mil. Começou a fazer enxertos e selecionar variedades com frutos maiores. Adquiriu uma que crescia no brejo, por exemplo, coisa incommon na região de Canarana. Viajou para conhecer novas variedades, participava de festas e exposições.

Em 2006, o viveiro já produzia 20 mil mudas, cada uma vendida a R\$ 5,00. Na época, a produção de frutas de um hectare, com densidade de 150 pés, equivalia a 70 bois. Uma só árvore chegou a render R\$ 650, segundo o agricultor. A propriedade continuava mantendo-se com a criação de gado, mas a receita com a venda de frutas, mudas e sementes aumentava e chegou a representar até 50% de seu faturamento total.

O tempo provou que aquele senhor que tinha sido considerado excêntrico sabia o que estava fazendo. No Centro-Oeste, Minas Gerais e interior de São Paulo, havia demanda para o produto. Em 2002, na Ceasa de Goiânia, onde Édemo também passou a vender, foram comercializadas 2,8 mil toneladas de pequi in natura, com preço médio de R\$ 460,00 a tonelada – um movimento de R\$ 1,288 milhões. Além do pequi com arroz e da galinhada com pequi, entre outros pratos tradicionais, hoje se encontra no comércio de várias cidades o pequi em conserva, em pasta ou na forma de licor, doces, sucos, sorvetes... Começa-se a falar também do potencial da fruta para a produção de biodiesel.

Eu me bati muito para fazer reflorestamento com pequi. Porque além de ser um reflorestamento aceitável pelo Ibama, tinha uma vantagem, que ele trazia um retorno. Hoje, ninguém quer mais trabalhar sem retorno e nem pode. Na situação que atravessamos, não podemos trabalhar sem um retorno. O eucalipto dá retorno, mas com dez anos você corta e tem de esperar mais oito ou dez para crescer de novo e o pequi, depois de dez anos, ele começa a te dar um lucro todos os anos. (São Édemo)



Herança de família

Quando chegou no Mato Grosso, São Édemo até concordava que era preciso abrir novas áreas para se plantar e criar o gado, mas a velocidade em que o desmatamento avançava não parecia ter muita lógica. Talvez ele já imaginasse que os pequizeiros poderiam começar a rarear em alguns lugares. Mesmo sem ter informações técnicas sobre as conseqüências da derrubada da floresta e do Cerrado, ele acreditava que se devia apostar no potencial econômico de suas plantas. Na verdade, já tinha um pensamento socioambiental e usava técnicas hoje reconhecidas por pesquisadores e especialistas. Por mais que não parasse para pensar muito que seu negócio pudesse ser considerado assim. Muito dessa atitude e desse conhecimento era herança de família.

Meu pai pensava longe... "vai chegar um tempo que o desmatamento..." Naquele tempo nem se falava em desmatamento, era corte de arvores, derrubada. Um dia vai fazer falta porque não está mais tendo arvores. Quando você corta as arvores da cabeça de um rio, ele morre. Ele falava isso. A gente via isso na própria experiência, na própria prática.

(...) Tinha lido alguma coisa sobre agroflorestas. Eu tenho a impressão de que eu fazia de uma maneira diferente antes da formação. Eu plantava dentro do mato, que já vinha de tradição do meu pai. Uma vez disse ao meu pai: "papai, eu plantei bastante côco lá e as capivaras acabam com tudo". Ele falou assim: "você não deu comida para elas; planta duas fileiras de milho na beira do mato que você vai ver como elas não vêm mais".

Quando plantei meu pequizal, logo em seguida plantei caju em volta do pequizal e plantei goiaba na beira do mato. Então a maracanã e a arara veio no caju. Enquanto isso, o pequi flora, cresce, amadurece, a gente colhe e elas não atrapalham. Então, foi uma coisa que eu fiz, deu certo, estou passando para frente hoje. (São Édemo)



A formação de agentes socioambientais na fazenda do pequi

Na verdade, Édemo Côrrea já era um especialista de “notório saber”, aquela pessoa que é chamada a dar aulas e cursos em universidades e outras instituições de ensino mesmo sem ter qualificação técnica formal. Por essa qualidade, foi selecionado para participar da formação dos agentes socioambientais. Da parte dele, queria aprofundar, sistematizar e partilhar seus conhecimentos, trocar experiências, além de aperfeiçoar e ampliar seus negócios.

Participou ativamente da formação, discutindo as alternativas viáveis para a geração de renda e a conservação na Bacia do Xingu. Comprometeu-se a realizar uma série de ações em sua propriedade, como o cercamento e o enriquecimento de matas ciliares com sistemas agroflorestais. Mas também defendeu suas idéias e ensinou muito do que já tinha aprendido por conta própria, com outros agricultores e nos vários lugares por onde andou. Sua visão de futuro e empreendedorismo foram reconhecidos como exemplos.



Visita de agentes socioambientais à propriedade de São Édemo. O agricultor mostrou as iniciativas realizadas em sua fazenda, como o consórcio do pequi com outras espécies do Cerrado e a experiência de manejo silvopastorial usando o primeiro



No meu caso, eu encaro isso como uma abertura. A gente, por exemplo, tá trabalhando, fazendo as coisas, mas não está muito conscientizado ou fica meio acanhado, meio amedrontado. Então eu perdi aquele medo. (...) Amedrontado assim: você vai fazer uma coisa e fica se perguntando “será que vai dar certo? Será que é isso? Será que é aquilo? Será que não é?” E depois que a gente fez o curso, a gente viu que... Eu participei muito das oficinas de agroflorestas, não perdi nenhuma apresentação. Isso pra mim foi muito importante (...). Abriu os olhos da gente, abriu uma estrada nova pra gente. Porque a gente ficou mais atirado, mais arrojado. E outra: a gente encontrou companheiros. (São Édemo)

Durante a terceira oficina da formação, em agosto de 2006, os formandos visitaram a propriedade de Édemo. Conheceram seu pequizal, o viveiro, sua Reserva Legal, a área cercada para regeneração natural e enriquecimento com buritis. O lençol freático havia subido e a vazão da nascente aumentara com seu isolamento e o plantio dos pés de pequi. O pasto havia sido manejado há pouco: o roçado manteve as árvores frutíferas e medicinais, o que, além de manter a biodiversidade, dava sombra ao gado.

(...) Comecei a plantar outras plantas no meio do pequi. Antes fiz uma lavoura só de pequi. Então, depois do conhecimento que aprendi, foi onde eu comecei a plantar mangaba, cagaita, baru. Hoje, eu tenho pequi com mangaba, com cagaita, com jatobá, com baru. A abertura veio aí, uma inovação que eu aprendi lá tirando da agrofloresta, uma floresta de pequizal. (São Édemo, julho de 2007)



Futuro

O homem do pequi de Canarana comprovou que muitas soluções para os problemas socioambientais podem já estar sendo gestadas por quem está vivendo na pele suas consequências. Que, de fato, o conhecimento local precisa ser identificado e difundido, não apenas para ser recolhido e registrado em pesquisas que ficarão arquivadas nas bibliotecas e bancos de dados dos grandes centros, mas para gerar alternativas, apontar novos caminhos nas comunidades onde foi ele desenvolvido e guardado com cuidado, perpassando as histórias de vida de pessoas especiais, agentes socioambientais multiplicadores espalhados por aí e ainda anônimos. Era esse um princípio da campanha 'Y Ikatu Xingu e da formação que ocorreu em Canarana.

Em 2006, a fazenda do pequi vendeu duas toneladas de sementes, com um faturamento de R\$ 8 mil. Metade do total foi destinada a projetos de recuperação de matas ciliares e implantação de agroflorestas em projetos da campanha – a fruta-símbolo do Cerrado também virou marca registrada da mobilização. No mesmo ano, foram produzidas 30 mil mudas na propriedade de Édemo. Ele também doou cerca de mil mudas a iniciativas que não participavam da 'Y Ikatu Xingu. Na época, existiam na fazenda cinco mil pés de pequi, de 17 variedades, três mil produzindo a todo vapor.



Viveiro já
abastece algumas
propriedades
dentro e fora da
região



Alunos expõem trabalhos no sítio de Édemo, que foi visitado por eles durante o festival de sementes de Canarana



A formação de agentes socioambientais reforçou a paixão do agricultor por outras frutas do Cerrado com potencial econômico e a crença na possibilidade de abrir novos mercados para elas. Um dos caminhos que ele já vinha trilhando era estruturar melhor o beneficiamento, a busca pelo aumento de escala da produção, além da criação de novos produtos e formas de apresentá-lo. Em 2007, começou a distribuir pacotes de pequi embalados a vácuo e desenvolveu um salgadinho à base da fruta muito gostoso, pré-pronto.

Pro futuro, eu estou fazendo um estudo, é assim um trabalhinho com a mangaba. Você pode tomar o sorvete de mangaba, pode comer o bolo de mangaba, o pão feito com a mangaba, o doce da mangaba, a geléia, enfim... Então são produtos que têm bastante produtividade, bastante diversidade. Eu estou pegando primeiro o pequi. O pequi tem bastante utilidade. Depois vem o baru. Agora eu quero trabalhar com a mangaba, que é o próximo. O agricultor tem de trabalhar com uma coisa e ele pode ter pequi, baru e mangaba na propriedade dele tudo num tempo só, tudo misturado. (Sêo Édemo)



Farinha, açúcar mascavo, melado, cachaça e conservação

A experiência de Armando Menin e da Associação Comunitária Agroecológica Estrela da Paz

Bem pequeno, Armando Menin, o “Sêo” Menin, começou a trabalhar, em Getúlio Vargas (RS), na propriedade dos pais, pequenos agricultores defensores do regime de mutirão. Aprendeu a plantar, cuidar da criação, produzir por conta própria ou coletivamente. Depois, casou-se com dona Lurdes, foi para Santa Catarina. Ajudava na igreja, foi líder comunitário e do movimento dos trabalhadores rurais. Vieram os cinco filhos, um adotivo. A profissão? Continuava a mesma: agricultor familiar.

Em 1987, mudou-se para um lugar distante no nordeste do Mato Grosso, Querência, espécie de Eldorado da agricultura e da pecuária durante anos. Continuava participando da igreja e de associações, ocupou um cargo público importante no município. Fez de um tudo na vida. Não largava era o desejo de viver da terra. Muitas histórias para contar...

Mas esta história aqui começa no dia 24 de julho de 2003. Para variar, em lugar de roça: o Projeto de Assentamento (PA) Brasil Novo, em Querência. A mesmíssima idéia de produzir em um pedaço de chão levou o homem até ali para tentar colher um futuro melhor para filhos, noras, genros e netos. Trabalhando de sol a sol para manter a esperança acesa. Não envelhecia o sonho de produzir mais e melhor no campo, de preferência com mais gente para sonhar e produzir junto.

As dificuldades eram muitas. O lote de Sêo Menin ficava a 135 quilômetros da cidade, por estrada de chão. Muitas áreas do PA já estavam degradadas antes de sua implantação ou continuavam sendo abertas sem nenhum critério. O resultado era o empobrecimento do solo e o assoamento de córregos. As famílias praticavam uma pecuária extensiva e pouco produtiva, em geral insuficiente para mantê-las. Imperava a dificuldade de cooperação. As pessoas tinham costumes muito distintos, vinham de lugares diferentes do País.



São Menin
em seu lote





Na Bacia do Xingu no Mato Grosso, na maioria dos casos, os assentamentos foram implantados em locais distantes, sem planejamento e infraestrutura, com quase nenhum apoio continuado, investimento público e assistência técnica. Não raro, para atender interesses de políticos, especuladores imobiliários, grandes proprietários e até madeireiras ilegais. O abandono obrigava muitos parceiros a trabalhar nas fazendas vizinhas, vender madeira ou o próprio lote. Muita gente acabava acreditando em promessas vagas, aceitando uma pequena ajuda ou presente em troca de um voto.

A maior parte dos mais de 300 assentados do PA Brasil Novo concordava que aquela situação era culpa do governo. Mas como enfrentar isso tudo no meio de gente tão diferente, sem o hábito ou a capacidade de se organizar? Ficar parado era que não adiantava. Era preciso cobrar das autoridades. Mas enquanto isso não dava resultado, alguns resolveram arregaçar as mangas logo de uma vez e agir na base do “faça você mesmo”.

A ACEP e o “grupo da farinha”

Com cerca de um ano no assentamento e a herança de um espírito de equipe imbatível, São Menin assumiu a diretoria da escola, tornou-se responsável pela manutenção da igreja e do fornecimento de energia da agrovila. Entrou também para a Associação Comunitária Estrela da Paz dos Pequenos Produtores e Produtoras Rurais do Assentamento Brasil Novo (ACEP-BN).



Matas às margens dos corpos de água começaram a ser recuperadas



A organização apareceu no início de 2003 com o objetivo de buscar alternativas de renda para cerca de 40 parceiros diante do que todo mundo já sabia, mas talvez não quisesse admitir: a criação de gado ali era insustentável. Chegou a receber alguma ajuda da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Projeto Gestar (Gestão Ambiental Rural), do Ministério do Meio Ambiente (MMA), por meio da Associação Nossa Senhora da Assunção (Ansa), de São Félix do Araguaia.

Tudo começou em reuniões com um grupo de pessoas que já tinha formado, para cultivo de banana, uma área de terra que estava destinada para fazer uma roça coletiva. Partimos da necessidade que todos tinham: vontade de trabalhar em grupo e com mais alternativas de produção. Também aí, conta o aprendizado de vivência que herdei dos meus pais, que era trabalhar na forma de mutirão e em grupo. (Sêo Menin)

A CPT e a Ansa trouxeram idéias sobre a necessidade de fortalecer a organização local, diversificar a produção e conservar o meio ambiente. Alguns associados decidiram tentar plantar, beneficiar e armazenar seus produtos de forma coletiva e com novas técnicas. Eles dividiram-se em grupos para trabalhar com cultivos específicos. A partir de algumas reuniões e conversas, nasceu o “grupo da farinha”.

Quando tivemos a idéia de iniciar o trabalho coletivo, foram convidadas para reunião umas 28 famílias. Compareceram cerca de 10. Quando dissemos “vamos tocar o trabalho em frente”, ficaram seis famílias e, atualmente, sobraram quatro. Uma delas é a minha família (eu e minha esposa). Acredito que as pessoas estão acostumadas a exercer o trabalho de forma individual e acham difícil começar a trabalhar de forma coletiva. (Sêo Menin, setembro de 2007)



A princípio, essas famílias fizeram um plantio comunitário de 14 hectares de mandioca, cana-de-açúcar e amendoim. Depois, compraram uma farinheira e construíram em mutirão um pequeno galpão. Já existia ali um velho alambique. Resolveram participar, junto com outros membros da associação, de cursos de industrialização de derivados da cana e mandioca do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar). O grupo da farinheira começou a produzir e vender açúcar mascavo, rapadura, puba, polvilho e a cachaça “Menin” – tudo sem agrotóxicos.

Aumentar a produtividade, preservar a água e o solo

Em 2005, fui selecionado para participar do curso de agentes socioambientais promovido pela campanha 'Y Ikatu Xingu. Quando da seleção, fiquei muito interessado, porque no local onde moro com minha família tem extensas áreas de pastagens para criação de gado, desmatamento à beira de córrego e todo ano muita queimada. Queria reverter esse quadro e tinha plena certeza que o curso iria nos trazer algumas respostas de como resolver isso.

Com o decorrer das oficinas, foi uma nova experiência para mim, porque consegui aprender algo que não sabia. Elas me deram condições de repassar esse conhecimento aos meus companheiros. Hoje, vejo que, apesar da experiência que temos, porque estou trabalhando na agricultura desde criança, sempre precisamos aprender mais.

Também o curso serviu para mostrar que podemos continuar explorando a terra, mas de forma diferente, plantando ou cultivando de forma diversificada e consorciada, não mais cultivar as plantas sozinhas; e que o trabalho coletivo é que vai dar ânimo às pessoas e daí os resultados aparecem.

(Sêo Menin)



São Menin começou a participar da formação de agentes socioambientais a partir da segunda oficina, entre março e abril de 2006. Ele estava preocupado em aumentar a produtividade, preservar a água e o solo. Saiu do encontro disposto a “amadurecer” as idéias sobre meio ambiente no assentamento e pediu apoio para implantar em sua propriedade uma experiência-modelo de conservação e geração de renda. Os assentados da reforma agrária precisavam “ver para crer”.

Menin não esperou muito e começou a recuperar, por conta própria, três hectares de mata na beira do Córrego da Serraria, que passa em seu lote, com plantio de mudas e sementes de espécies florestais e frutíferas: milho, cana, mandioca, seringa, pequi. Resolveu ainda mobilizar a associação e outros assentados com o mesmo objetivo de



Viveiro foi construído em regime de mutirão. Menin implantou sistema agroflorestal para começar a recuperar parte de sua mata ciliar





reflorestar a beira de cursos de água. As famílias do grupo da farinha comprometeram-se a reflorestar mais seis hectares em seus próprios lotes plantando mandioca em consórcio com seringueira, pequi, milho, cana-de-açúcar, baru, entre outros.

De 19 a 21 de outubro de 2006, a formação dos agentes socioambientais promoveu no lote de Menin uma oficina de agrofloresta com o especialista Ernest Göstch. Além dos formandos, também participaram filiados da ACEP-BN, outros assentados, representantes de sindicatos e órgãos públicos, entre outras 40 pessoas. Em uma área experimental de meio hectare, foram plantadas espécies como baru, jatobá, pequi, mangaba, cupuaçu, pupunha, bacaba, gueroba, mandioca, abacaxi, abóbora, milho, caju, arroz etc.

Mais tarde, a assentada e professora Alessandra Silva, da Escola Municipal de Educação Básica do PA Brasil Novo, que havia participado da atividade, levou seus alunos ao local para explicá-la e continuar o plantio agroflorestal com a técnica da “muvuca”. A partir da oficina, alguns parceiros também começaram a cuidar melhor do lixo, deixando de jogá-lo nos córregos.

Cinco mil pequizeiros

O trabalho da associação já era reconhecido antes e começou a chamar ainda mais a atenção. Instituições parceiras da campanha ‘Y Ikatu Xingu, como o ISA, a prefeitura de Querência e o Centro de Apoio Sócio-Ambiental (Casa), dispuseram-se a financiar e executar ações de recuperação de matas de beira de rio, implantação de agroflorestas, produção de mudas e formação.

Em 2006, ACEP-BN virou Associação Comunitária “Agroecológica” Estrela da Paz dos Pequenos Produtores e Produtoras Rurais do PA Brasil Novo (ACEP). Depois de reuniões com as famílias associadas, 16 delas cercaram 30 hectares de matas ciliares. Deste total, 15 hectares começaram a ser enriquecidos com sistema agroflorestais, consorciando café, milho e seringa com mais 50 espécies nativas. O mesmo foi feito em 12 hectares em área seca. O plantio foi feito com sementes e mudas de um viveiro de 400 m², hoje com capacidade de produção de 10 mil mudas por ano, ampliado a partir de um viveiro antigo que já existia no lote de Menin.



— Antes, no PA, havia no máximo 200 pequizeiros nos lotes de 317 famílias. Após um ano da iniciativa, mais de cinco mil árvores da espécie foram plantadas, além de outros tipos de espécies frutíferas e fontes de madeira. (...) Isso tudo mostra uma mudança de visão e postura do agricultor, que passam a ver as culturas florestais perenes e a conservação do meio ambiente como formas alternativas para a geração de renda, para seu bem-estar e também para a sua fixação e permanência no campo. A minha maior dificuldade foi convencer os companheiros para que acreditassem que isso podia dar certo e que também não eram necessários tantos investimentos para plantar árvores. (São Menin)

A participação nessas ações injetou mais ânimo no grupo da farinha, que aprofundou a prática das novas idéias. Em 2006, foram produzidos cinco mil litros de cachaça, 300 quilos de açúcar mascavo e três mil quilos de farinha de mandioca. Em 2007, a produção alcançou 2,6 mil litros de cachaça, 530 quilos de açúcar mascavo e quatro mil quilos de farinha. Entre os dois anos, também foram produzidos 400 quilos de melado de cana e cerca de 420 quilos de rapadura. A renda das famílias melhorou.



Novos projetos estimularam o “grupo da farinha” a tentar aumentar a produção



Resultados da
agrofloresta
começaram a
aparecer

Essas iniciativas estão repercutindo lentamente no assentamento, porque algumas pessoas ainda não conseguem desenvolver o trabalho comunitário e esse sistema de consorciar espécies de ciclo curto com árvores. Alguns elogiam e dizem que estamos no caminho certo e outros criticam.

(...) Isso também pode mostrar que ações coletivas são de muita importância no desenvolvimento da comunidade.

(...) Acredito que a tendência é aumentar os SAFs no PA. Acredito que tudo isso que estamos fazendo é para nossos netos, que no futuro irão ter água boa para beber. Em breve, as pessoas sentirão a necessidade de começar recuperar suas áreas degradadas, principalmente a mata ciliar, e vão perceber que com as agroflorestas poderão produzir, cuidar da água e manter a terra sempre fértil. (São Menin)

Em época de produção, os integrantes do grupo da farinha chegam a passar semanas seguidas trabalhando das 5h da manhã às 7h da noite. Na cidade, a distribuição depende muitas vezes de caronas de amigos. Vira-e-mexe, bate aquele desânimo. Mas o grupo vai tocando



o barco, uns apoiando-se nos outros, ao sabor das dificuldades, mas também das boas novas.

Em 2007, a campanha 'Y Ikatu Xingu indicou a ACEP para desenvolver mais um projeto de recuperação de matas ciliares financiado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Foram previstos investimentos para beneficiar 32 famílias com cercamento de áreas, compra de sementes e bebedouros para o gado.

Toda nossa produção está conseguindo buscar o comércio local, mas para chegar ao consumidor da cidade não foi fácil. Agora a procura está sendo grande, tanto a procura pela cachaca quanto pelo açúcar mascavo. (...) Nosso maior problema é mesmo o transporte. Nem o grupo, nem a associação têm um carro. Precisamos tentar comprar um. Vamos ter de melhorar cada vez mais a qualidade do produto, sua aparência, a embalagem. Queremos aumentar mais a produção a cada ano. Mas o crescimento vai ser devagar, porque estamos vendendo só em Querência por enquanto. (São Menin, setembro de 2007)

Respostas

Como difundir e dar escala aos SAFs? Como viabilizar sua manutenção e a comercialização de seus produtos, criando arranjos produtivos consistentes, capazes de durar, em áreas como o PA Brasil Novo? Como garantir a autonomia econômica, organizacional, política dos assentamentos de reforma agrária? Perguntas como essas ainda não têm respostas exatas. A história de São Menin, do grupo da farinha e da ACEP deixa claro o desafio colocado à agricultura familiar e aos sistemas agroflorestais não só na Bacia do Xingu e no Mato Grosso. Ela espelha a falta de planejamento e de políticas governamentais que apoiem a conservação do meio ambiente e a produção dos pequenos produtores. Mas mostra também como a formação de lideranças socioambientais, o fortalecimento das organizações locais e o espírito de luta de homens simples do campo podem semear soluções e alternativas que estão à espera de brotar.



Encontro histórico

Em maio de 2007, a Associação Indígena Kĩsêdjê (AIK), em parceria com o ISA, realizou uma expedição para localizar e visitar sítios e acampamentos históricos do povo Kĩsêdjê na região de Querência, ao longo do Rio Suiá-Miçu e de alguns de seus afluentes. Esses lugares foram habitados desde centenas de anos até a década

de 1950 por esses índios. Após sua transferência para o Parque Indígena do Xingu, na década de 1960, eles deixaram de utilizar as áreas mais distantes, no alto curso e cabeceiras do Suiá, tanto pela distância quanto pelas mudanças provocadas pela expansão da agropecuária. Mais de 30 pessoas participaram da viagem, entre elas o cacique Kuiuissi, o presidente da AIK, Winti Suyá, e o representante da Associação Terra Indígena Xingu (Atix), Ianuculá Kaiabi Suyá. Eu e Angelise Nadal, assessoras do ISA, e a antropóloga Marcela Coelho, da Universidade de Brasília (UnB), fomos convidadas para ajudar a fazer o registro e identificação de cada área visitada.

Uma delas foi o Projeto de Assentamento Brasil Novo, onde o ISA realizava, desde 2006, um trabalho em parceria com a Associação Comunitária Estrela da Paz. Na chegada da comitiva, fomos aplaudidos e acolhidos pelos parceiros. Durante a noite, nos reunimos para conversar. O cacique Kuiuissi disse em sua língua: “eu nasci aqui”. Traduzida para o português, sua fala foi marcada pela grande tristeza de como ele via o desmatamento, a destruição de muitos dos antigos acampamentos Kĩsêdjê e dos locais onde existiam recursos naturais importantes para eles. Kuiuissi manifestou a preocupação com o futuro e a sobrevivência de seu povo e do rio. Todos os presentes acompanhavam com certa apreensão o discurso do cacique. São Menin também falou sobre o trabalho da associação e o que os parceiros estavam fazendo para recuperar o estrago causado pelos não-índigenas.

No dia seguinte, seguimos os agricultores para conhecer os projetos-piloto coordenados pelo técnico do ISA Eduardo Malta. Os índios aprovaram a introdução de agroflorestas como forma de acelerar a regeneração das matas ciliares e ganharam sementes. O cacique Kuiuissi, antes reticente, aprovou o que viu, sorriu e abraçou o anfitrião. Partimos de volta para a beira rio, acompanhados por um caminhão cheio de agricultores, que se despediram de nós com um aceno carinhoso.

O encontro histórico representou um marco importante na tentativa de diálogo entre duas comunidades tão distintas. Na história do contato entre os dois mundos, essa foi a primeira vez que o conflito deu lugar ao reconhecimento e à valorização do saber alheio e da diversidade das culturas.

ROSELY SANCHES

Bióloga, assessora do Instituto Socioambiental





Ricardo e Luzia em seu lote



O sonho de Ricardo e Luzia

A experiência no PA Jaraguá

Começaram a imaginar as coisas que construiriam juntos alguns meses antes, quando souberam que teriam direito ao lote de 43 hectares. Como seria a casa, a cisterna, o quintal, a lavoura. Era como um sonho, acalentado durante anos na vida dos dois, mesmo antes de se casarem, em 1996. Eles tinham nascido na zona rural de Barra do Garças (MT). Foram criados a vida toda no “mato”. Trabalharam como empregados, em fazendas da região, também em Água Boa e Nova Xavantina. Agora era ali, naquele lugar que eles nem conheciam direito, que o sonho de Ricardo Dias Batista e Luzia Pereira da Silva Dias Batista ia virar realidade.

Sabe quando os pais esperam os filhos e fazem planos para eles. Este lote é como se fosse nosso filho: fizemos planos pra ele. Pensei: “já que ganhei este pedaço de terra, eu quero fazer algo de bom aqui”. Pois na terra dos outros, quando éramos empregados, num podia fazer nada do gosto da gente. (Ricardo)

Chegaram no dia sete de abril de 1999. Lá estava ele, o sonho: um descampado de pasto seco e degradado. Quase nenhuma árvore. Daí o nome do lugar: Projeto de Assentamento (PA) Jaraguá, que é um capim forrageiro comum em todo País. No lote, também tinha um campo de murundus, espécie de várzea do Cerrado. A área ficava a uns 40 quilômetros da sede urbana de Água Boa. A mesma história de sempre: o governo criara o assentamento em um lugar de difícil acesso, com a terra já desmatada e empobrecida, abandonando os assentados.

Mas Ricardo e Luzia eram desse tipo de gente que não desiste fácil. Primeiro, ergueram uma barraquinha de lona. Começaram a plantar mandioca para fazer farinha. A princípio, o nível da água na cisterna batia nos quatro metros, mas depois, por uns três anos consecutivos, não passava de uns 30 centímetros durante a seca. Foram plantando



árvores. Conseguiram construir um barraco de madeira. Tinha a criação de gado também. E semearam mais árvores para ter sombra e frutas.

Naquele tempo, quando chegamos no lote, ventava muito e pensei "vamos plantar árvores". Pensei em eucalipto, mas Luzia logo disse: "vamos plantar o que dá pra comer". Fomos ganhando sementes e plantando, tudo o que tem aqui em volta da casa foi plantado de sementes.

(...) Quando era moleque, gostava muito de frutos de Cerrado e comecei a ver isso tudo escassear. Então, já tínhamos a preocupação de não ter no quintal só manga, mexerica, limão, mas também frutas do Cerrado: bacaba, que a gente sempre gostou. Foram aparecendo outras, como açaí, mangaba e assim por diante. (Ricardo)

Ricardo tinha sido um menino atinado que sabia relacionar muito do que ouvia em conversas, do que via na televisão sobre outros lugares com o que se passava na sua terra. Lembrava-se bem de notícias sobre previsões feitas por cientistas de que, se o ritmo das queimadas e do desmatamento não diminuísse em todo o mundo, poderíamos começar a ficar sem água. Nas poucas oportunidades que tinha, gostava de ver documentários sobre o assunto.

Depois de colher as primeiras lavouras, casal construiu o barraco de madeira. Hoje lugar está irreconhecível





O tempo foi passando. A vida ia melhorando... Devagar. Como as crianças que iam crescendo por ali: pés de laranja, abacate, manga, açaí, dendê, jabuticaba, pupunha, pequi, baru, acerola, ingá. Hoje, o sítio 25 de dezembro – porque foi recebido como um presente de Natal, segundo Luzia – está no meio de um pequeno bosque e ninguém reconhece a foto de quando chegaram lá. O casal percebeu que, com as árvores, o nível da cisterna e de uma represa, construída ali perto, não só mantinha-se estável, mesmo durante a seca, mas até aumentava às vezes, o que não acontecia com os vizinhos.

(...) Quando a gente chegou aqui não tinha nada. Então, a gente queria ver como era, como a gente foi criado (...). Lá, a gente tinha o córrego, água com fartura. Pra cá, pra esta região, não é todo lugar que tem córrego. A gente vê a falta que a água faz. Sempre falei: "tem de reflorestar esse varjãozinho aí pra vê se ele volta a correr água". Não sei se ele já correu água, mas para ver se ele segura. Tem lugares aqui no assentamento que não tem água. A gente fica preocupado. (Luzia)

Um pouco por intuição, um pouco por conhecer a lei mais primária do mercado – o valor de um produto que é demandado tende a aumentar quando sua oferta cai – Ricardo sentia que o plantio de árvores talvez pudesse ser vantajoso no futuro. O desmatamento estava fazendo sumirem dali várias espécies do Cerrado. Algumas vezes, ele teve de viajar dezenas de quilômetros para encontrar pequi, fruta comum na região até alguns anos antes. Desde de que chegara, o agricultor mantinha intocados, para regeneração natural, 11 hectares de pasto, com pés de mangaba e cagaita, por exemplo.

Melhorar a terra

Em 2003, Ricardo foi eleito para a direção do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Água Boa, que participou do Encontro Nascentes do Rio Xingu, e assinou o documento final do evento, onde nasceu a campanha 'Y Ikatu Xingu. Já era, então, parceiro da mobilização.



Dona Luzia sempre preocupada com a manutenção da água do lote e de todo o assentamento



Nessa vida, sempre pensando em melhorar nossa terra e já desenvolvendo algumas ações por conta própria, recebi a ficha para a formação dos agentes socioambientais. Fiz logo minha inscrição. Precisava ampliar meus conhecimentos e minha motivação foi pensar que podia adquirir novas técnicas para lidar com a terra e também poder trocar idéias com outras pessoas, preocupadas como eu e minha esposa com a questão da água. (Ricardo)

Quando foi selecionado para participar da formação, Ricardo já estava envolvido em outra iniciativa da campanha. O sindicato era parceiro do projeto Agricultura e Conservação das Matas Ciliares no PA Jaraguá, que envolvia também o ISA, a Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), a prefeitura de Água Boa, a Organização Não-governamental Ambientalista Roncador-Araguaia (Ongara) e a empresa Plantar de assistência técnica, com patrocínio do programa Projetos Demonstrativos (PDA-Padeq), do MMA.

Os parceiros já haviam cercado 28,5 hectares de matas ciliares, mas grande parte para plantar monoculturas temporárias – milho, mandioca, arroz. Com o início do projeto, em 2006, passaram a enriquecer essas áreas implantando sistemas agroflorestais. Foram feitos investimentos para que 30 famílias cercassem novos trechos de APP, num total de mais 35 hectares protegidos. Uma parte desta área também foi enriquecida com árvores nativas do Cerrado e, em alguns casos, com algumas culturas



temporárias. Pelo menos 1,8 mil quilos de sementes foram distribuídos, em especial de pequi, mas também de baru, caju, jatobá, imbaúba e murici, entre outras. Outra parte das sementes foi coletada pelos próprios agricultores. Em 2007, mais 50 hectares foram cercados. Aproximadamente metade deste total sofreu o mesmo processo de enriquecimento e o restante foi deixado para regeneração natural.

Parte da APP do lote de Ricardo já estava protegida pela própria cerca do quintal de casa. Ele instalou mais 300 metros de cerca elétrica para isolar do gado. No total, quatro hectares de mata ciliar ficaram cercados na propriedade. Incluindo o campo úmido de murundus, de quase um hectare, usado como pastagem nativa e que, a partir daí, começou a recuperar-se com a retirada do rebanho e foi enriquecido com mudas de buriti, baru, caju e pequi. Mais um passo para garantir a água na propriedade.

Aprender fazendo

Muita coisa estava acontecendo ao mesmo tempo no sítio 25 de dezembro. Ricardo era um dos beneficiados com o projeto do PDA e agora também participava da formação de agentes socioambientais. Aprender fazendo, fazendo e aprendendo. Da teoria à prática, tirando novos ensinamentos e experiências do fazer... Mais uma passada de olhos nas técnicas, nos textos, ouvidos atentos nas palestras e conversas... De volta ao trabalho e assim por diante.

Um dos critérios para participação nos dois projetos era ter capacidade de multiplicar informações, de mobilizar. Ricardo era a pessoa mais indicada para tocar um novo projeto-piloto dentro do assentamento. Em outubro de 2006, a campanha 'Y Ikatu Xingu promoveu em sua propriedade uma primeira oficina sobre sistemas agroflorestais com o especialista Ernst Götsch. Além dos agentes socioambientais, participaram também representantes das 30 famílias que integravam o projeto do PDA. Foi plantado pouco menos de meio hectare com a técnica da "muvuca", com sementes de mandioca, abacaxi, feijão gandu, melancia, abóbora, urucum e maracujá, além das árvores – caju, baru, pequi, tamboril, bacaba e jatobá. A densidade do plantio foi de oito árvores por m². Em mais dois hectares da APP protegida, foram plantados também buriti, baru e pequi, num espaçamento de 4 x 8 m.



— Agora é a segunda vez que eu planto a planta para ver crescer. Mas da primeira vez, quando vi os pés de laranja dando flor, depois a frutinha, pulei de alegria. Parecia que eu tinha acordado e eu vim perceber o quanto é bom a gente plantar algo, produzir essas plantas que demora, né? Fiquei contente demais. Então, é a segunda vez que eu vejo nascer, crescer, zelar. (Luzia)

Quem chegasse de fora, visse aquela terra mexida, com aparência de plantação comum, e não conhecesse bem os donos da propriedade, poderia achar que as coisas iam caminhando como sempre. Para os mais chegados, na velocidade em que os filhos do casal iam lançando seus galhos ao redor de casa. Mas as mudanças por ali e entre alguns vizinhos iam num ritmo mais rápido e menos visível – mesmo que as novas idéias se disseminassem ainda lentamente no resto do assentamento, como costuma acontecer com as novas idéias em um meio com velhos hábitos arraigados e nenhum apoio de fora para produzir e crescer.



Sistema agroflorestal implantado durante oficina, em outubro de 2006. Ricardo enriqueceu sua área de mata ciliar com inúmeras espécies nativas do Cerrado



(...) Nosso sistema de plantar mandioca agora é outro. Plantamos diversas culturas junto com a mandioca, inclusive árvores, nunca ficamos sem alimento. Às vezes tem abóbora, outra vez melancia, milho, feijão quando e assim vai. Antes era só plantar mandioca. Usava grandes áreas e ia se desgastando. Mudava de área e só tinha mesmo a mandioca pra colher. O curso e a oficina do Ernest trouxeram a idéia de várias culturas em pouco espaço, faço a limpeza uma vez só e colho mais coisas.

(...) Nesse novo método, uso sempre a mesma área e ela só aumenta o teor nutricional. Antes eu só sugava da terra. Hoje, devolvo a ela os nutrientes. Se você trabalha com a terra e cuida dela, ela não fica sofrida.

No início, eu e a Luzia queimava as folhas e agora deixamos no quintal em volta das árvores. Essas folhas vão virar nutrientes para as plantas. As pessoas me perguntam se junta insetos e cobras e eu respondo que antes, quando não tinha árvores, aparecia muito mais. Num ano, matamos em volta de casa 18 cascavéis. Agora só encosta cobra sem veneno, atrás de alimento, pererecas, calangos. Perguntam também se quando chove não junta um lamaçal nos montes de folhas. Eu respondo: "ficava lamaçal antes quando tudo tava varrido". Agora com as folhas a água penetra melhor no solo que antes era compactado. (Ricardo)

Conceitos, técnicas, experiências, gente nova

O trabalho em equipe, a convivência com a turma de formandos, tantos conceitos e técnicas inovadores, tanta gente de outros lugares vindo até ali para aprender coisas novas deram mais ânimo para seguir naquele caminho. Depois da oficina ministrada por Ernest, ocorreram mais encontros e reuniões com as trinta famílias do projeto PDA e outros assentados para fazer avaliações, reproduzir e discutir aquelas experiências.



Mais do que nunca, Ricardo tinha certeza de que tinha valido à pena manter intocados aqueles 11 hectares que, agora, poderiam inclusive ser enriquecidos com mais árvores frutíferas do Cerrado para alimentação do gado, dele e de sua mulher ou para venda das frutas. A área era muito cobiçada por vizinhos que arrendavam seus lotes para o cultivo da soja, mas ia permanecer na mão do mesmo dono...

De acordo com Ricardo, com poucos meses, a terra já dava mostras de maior fertilidade com o plantio de espécies destinadas, ainda vivas ou já mortas, a aumentar seu teor de nutrientes ou oferecer sombreamento, como o feijão guandu e o feijão de porco. O consorciamento também contribuía com o crescimento mais rápido e com a produtividade das plantas. No novo sistema, o número de toletes de mandioca por cova subia de um para dois, por exemplo. Em meados de 2007, o agricultor calculava em torno de R\$ 100 a R\$ 150 a economia nos gastos domésticos mensais proveniente da produção própria de leite, carne, frutas, verduras, legumes, hortaliças e derivados. Isso para uma renda familiar de até R\$ 350 por mês, baseada sobretudo na produção de farinha.



A agrofloresta garantiu uma economia razoável nos gastos do casal. Reuniões realizadas no lote de Ricardo para demonstração de técnicas da agrofloresta e avaliação do andamento de projetos semelhantes tocados por outros assentados





A agrofloresta é a longo prazo. Agora, por exemplo, em cima das culturas anuais, onde está ficando as permanentes, sem sombra de dúvida o pessoal está tendo um retorno lucrativo com isso (...). Acho possível ter renda com a agrofloresta. Pelo que eu conheço das árvores, é a mesma coisa da cultura anual. O arroz, por exemplo, tem um ano que ele pode dar bem e um ano que não. Um pé de baru, um ano ele pode dar 50 quilos de castanha e no outro, só 10 quilos. Quando há uma demanda muito grande, o preço pode estar variando, mas há essa tendência sim de poder comercializar. (...) Não estou vendendo nada diretamente, porque estou começando agora. Estou usufruindo daquilo que eu plantei do meu quintal, que eu uso mesmo. Açaí, por exemplo. Quando cheguei aqui e isso era tudo peladão, ninguém ia poder dizer que hoje ia estar tomando suco de açaí daqui. Dendê, já foi extraído o óleo. Pequi já floriu bastante deles. (...) Um dos nossos grandes desafios vai ser a organização, a industrialização desse material. Isso vejo como um fator preocupante: trabalhar um desidratado, colocar uma logomarca, empacotadinho para o consumidor final. (Ricardo)

Mas o maior ganho talvez tenha sido mesmo na mobilização e conscientização dos assentados. Grupos de vizinhos da mesma cabeceira de um córrego começaram a se organizar para cercá-la e protejá-la. Também houve uma troca razoável de idéias, técnicas e experiências informal, fora das reuniões. Um assentado chegou a plantar sete hectares de pequi para consorciar com pasto. Ampliou-se a preocupação em levar a água a bebedouros para o gado fora das APPs, em vez de liberar o acesso dos bois a elas.

Mais desafios para os sistemas agroflorestais

O dilema maior colocado ao desenvolvimento dos sistemas agroflorestais como instrumento de geração de renda da agricultura familiar



continua relacionado, como já vimos, a problemas estruturais, como a falta de apoio do Estado e a fragilidade das organizações locais, entre outros. Tentar encaminhar soluções para essas dificuldades pode abrir espaço à construção de cadeias produtivas que liguem os pequenos produtores ao mercado, agregando valor à sua produção e criando barreiras aos atravessadores.

Mas o exemplo singelo de Ricaro e Luzia Dias Batista também aponta para uma perspectiva diferente desse mesmo desafio. Para além da necessidade imediata de arranjos que garantam lucratividade a parcelas cada vez maiores de agricultores e escala ao mercado, fica a pergunta de como garantir qualidade de vida e a conservação de recursos tão fundamentais a esses agricultores, como a água e o solo, de como fixá-los na terra, enquanto não são colocadas em práticas políticas que garantam esses arranjos.

Esse casal optou por alternativas simples e funcionais que não sabemos quanto tempo podem durar, mas que no mínimo obrigam a avaliar o potencial de conhecimentos tradicionais, da capacidade de observação, das tentativas e erros cotidianos, do acúmulo de pequenas experiências, aprendizado e iniciativas promovidas por esses agricultores, suas organizações e parceiros.

Meu sonho era ver tudo formado, plantado, oferecer esta maravilha às crianças das escolas para conhecerem as variedades do Cerrado; que esta área pudesse servir de ensinamento pra alguém. Meu futuro é mesmo bem velhinha ver isso e pra que isso aconteça temos que continuar a plantar árvores e ao mesmo tempo conseguir nossa renda.

(...) Nós somos chamados para construir essa natureza. E eu tô vendo isso, né? Nós temos esse lotinho aqui. Acho que nesses 15, 20 lotes aqui, o nosso é o menorzinho. Mas desse pedacinho, tem tanta coisa que a gente pode fazer. É como seria num grande, né? É a mesma coisa que fosse num grande. (Luzia)



Idéias novas e vontade de fazer na encruzilhada da sustentabilidade

A experiência de Gaúcha do Norte

Gaúcha do Norte está a cerca de 550 quilômetros de Cuiabá, a maior parte por estradas de terra, e a 35 quilômetros da fronteira sul do Parque Indígena do Xingu.

O município tem quase 50% de seu território dentro da Terra Indígena e 100% dentro da Bacia do Xingu. Abriga 844 nascentes e é banhado pelo Culuene e o Curisevo, dois importantes rios que abastecem de água, peixes e umidade centenas de propriedades, comunidades indígenas e não-indígenas.

Como várias outras do nordeste do Mato Grosso, a cidade é vizinha de povos com um modo tradicional de vida baseado na subsistência e de baixo impacto ambiental, algo bem diferente do modelo de desenvolvimento que se acostumou a almejar e a praticar. E está no meio de uma encruzilhada em que tem de escolher entre algumas alternativas – mais ou menos sustentáveis.

Tem de enfrentar, por exemplo, o dilema de conciliar a produção e a conservação da parte significativa de seus recursos naturais ainda intactos ou insistir na monocultura de grãos e na pecuária extensiva, responsáveis por grandes taxas de desmatamento e baixos índices de desenvolvimento, além de instabilidade econômica.

Muitos proprietários têm investido na produção do látex da seringueira, espécie nativa da Amazônia, e do mel, opção que depende da mata de pé. Por outro lado, em 2006, 80% dos 300 mil hectares destinados à pastagem no município estavam degradados e o restante em processo de degradação pelo mau uso do solo e a ação do fogo.

De acordo com algumas estimativas, entre 2005 e 2007, quase duas mil pessoas podem ter deixado o município por conta da queda dos preços da soja e do gado nos anos anteriores. A população era de 5.694 habitantes em 2007.



— É sabido que a região da Bacia do Xingu vem sendo explorada há vários anos de forma indiscriminada. A agricultura e a pecuária foram taxadas como as maiores vilãs no processo de desmatamento, tanto das Reservas Legais quanto das matas ciliares. Heranças da cultura sulista, o desmatamento e a queimada foram aplicados sem nenhum tipo de orientação ambiental. Mais tarde, os órgãos governamentais reagiram com multas, o que gerou descontentamento e revolta no município. Muitos produtores, prejudicados pela crise econômica, têm dificuldades de reverter os prejuízos ambientais.

(...) Durante anos, o governo autorizou o desmatamento de 80% nas propriedades. Vários agricultores fizeram isso. Depois a lei mudou. Hoje, só se pode desmatar 20% e muitos se sentem lesados, sem seus direitos adquiridos. Em um momento, parece que as leis são feitas para desenvolver, mas em outros para punir. Os produtores passaram a não confiar mais no governo. (Sidnei)

Problema no quintal

Mas um grupo de pessoas e instituições de Gaúcha do Norte resolveu provar que soluções promissoras podem nascer de pequenas ações gestadas em situações difíceis. No segundo semestre de 2005, Clodoaldo Maccari, funcionário da Empaer (Empresa Matogrossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural), mais conhecido como Tito; Sidnei Bueno de Miranda, então chefe do Departamento de Indústria e Comércio do município; a professora Sílvia de Moura Faitão; e o técnico agrícola Jackson Mauro Trajack inscreveram-se na formação de agentes socioambientais multiplicadores. Tito prestava assistência técnica no viveiro de mudas de seringueira que a prefeitura tinha implantado há algum tempo para abastecer os vários projetos de implantação de seringais no município.



Inicialmente, quando recebi o convite para fazer a formação, nem parei para pensar sobre o assunto e fiz a inscrição pela obrigação de estar trabalhando no setor público. Recebi o comunicado da aprovação da inscrição e soube que eu, Sidnei, Jackson e Silvia iríamos representar nosso município.

Já no primeiro dia de oficina, comecei a atentar para a importância do tema. Foi nesse dia que descobri que o assunto estava bem encaminhado, pois já havia a Carta de Canarana (da campanha Y Ikatu Xingu), onde várias instituições e outros municípios estavam envolvidos no mesmo objetivo. Para minha frustração, somente Gaúcha do Norte não havia participado do processo inicial. Nesse momento, surgiram muitas dúvidas na minha cabeça. Porque ninguém participou? Será que alguém foi convidado? Como se comportar agora?

Mas com o passar dos dias, vendo a seriedade e organização da oficina para envolver e desenvolver o interesse dos participantes, junto com todas as trocas de experiências, dias de campo e a abertura de espaços de discussão entre membros de diferentes setores dos seis municípios circunvizinhos, isso tudo ajudou a refletir melhor sobre a causa socioambiental. Comecei a formar uma opinião sobre o tema, que até então eu não havia percebido e dado o real valor que merecia no exercício da minha profissão e até da vida particular. Esses espaços de liberdade de expressão foram extremamente valiosos e inovadores para exercitar a manifestação das opiniões em grupo e perceber as dificuldades comuns de como e quando falar.

No último dia da primeira oficina, quando o Rodrigo pediu para que as pessoas que sentissem alguma objeção à participação na próxima oficina se manifestassem, ali passou um filme em minha cabeça sobre todo o processo, e, a partir dali, percebi que já havia aderido à causa. (Tito)



Os debates e reflexões da formação, além das preocupações e conhecimentos que já tinham, motivaram Tito, Sidnei e Sílvia a prestar um pouco mais de atenção a um problema bem próximo de sua realidade, um problema que estava literalmente em seus quintais. Parte das margens de vários cursos d'água tinha sido desmatada ou degradada. Em 2006, Gaúcha do Norte tinha só a avenida principal asfaltada e poucas árvores na sede urbana. O Córrego Pau D'alho, que atravessa o município, sofria com a erosão provocada pelas enxurradas, com a diminuição do volume de água e do número de peixes. Acrescente a toda essa mistura um pouco de espírito empreendedor e daí nascem idéias novas. E vontade de fazer.

400 amigos das árvores

A princípio, os formandos comprometeram-se a realizar um trabalho com os estudantes e visitaram as duas escolas locais para articular uma parceria com os professores de Ciências e Educação Ambiental. Foi assim que nasceu o projeto Amigos das Árvores. Crianças de 5ª a 8ª série foram convidadas a adotar mudas de árvores na frente de suas casas ou em outros locais. Várias delas plantaram, cercaram e cuidaram das mudas, inclusive usando adubo orgânico. Durante a Semana de Preservação do

A arborização de Gaúcha do Norte foi reforçada com o projeto 400 Amigos das Árvores





Solo de Gaúcha do Norte, realizada em abril de 2006, os alunos conheceram o viveiro municipal, onde tiveram uma aula sobre a importância das árvores para a manutenção da biodiversidade, da água, do clima e da fertilidade do solo.

Com a grande emigração na cidade, muitas árvores foram abandonadas, mas as perdas foram poucas. Hoje, a sede urbana de Gaúcha do Norte tem mais sombra. A iniciativa chegou a mobilizar cerca de 400 alunos.

Um espelho da relação com o meio ambiente

A outra linha de trabalho adotada pretendia reflorestar trechos das margens do Córrego Pau D'Alho. Foram feitas visitas a várias propriedades e muitos produtores mostraram interesse em participar. A grande maioria, porém, não tinha dinheiro para isso, nem sabia como enfrentar o problema. Sílvia, Tito e Sidnei achavam que se conseguissem divulgar o trabalho poderiam estimular outras pessoas a fazer o mesmo voluntariamente. Tiveram então a idéia de angariar recursos para implantar alguns projetos-piloto.

Com o empenho e o interesse demonstrado pelos agentes, as organizações parceiras da campanha 'Y Ikatu Xingu resolveram incluir Gaúcha do Norte entre os locais atendidos por um projeto de recuperação de



Prefeitura já tinha instalado um viveiro de mudas de seringa para atender vários produtores da região



matas ciliares aprovado em 2007. A partir daí, outras instituições tornaram-se parceiras da iniciativa: a Prefeitura, a Empaer, a Câmara Municipal, a Associação dos Pequenos Produtores de Nova Aliança, a Secretaria Estadual de Educação, o Instituto de Defesa Agropecuária (Indea), o banco Sicredi e o ISA.

Diante do desafio proposto nas oficinas, de tomar uma iniciativa em nossa própria cidade, buscamos um problema que fosse um espelho da relação da comunidade com o meio ambiente no município.

(...) O viveiro vinha de encontro ao movimento de plantar seringueiras. Ele foi ampliado, melhorado e agora produz também mudas de árvores nativas, para consorciar com as seringueiras e também reflorestar as beiras de rio e nascentes. Eu e meu pai sempre fizemos mudas de diversos tipos de árvores nativas, frutíferas e ornamentais no quintal de casa, mas a oficina me fez perceber a importância de se plantar e do conhecimento de saber plantar. A oficina me proporcionou a oportunidade de conhecer também os sistemas agroflorestais, com o que pretendo formar um pedaço de floresta super diversificada onde moro, para experimentar e repassar para outras pessoas. (Tito, agosto de 2007)

A parceria proporcionou ao viveiro municipal um sistema mais eficiente de irrigação, um aumento da capacidade de produção para 20 mil mudas por ano e a reforma da casa de sementes. Além das seringueiras, passaram a ser cultivadas 25 espécies nativas, como a pupunha, o baru, o pequi, o jatobá, a mirindiba e a aroeira. Inicialmente, o projeto previu a implantação de dez módulos agroflorestais de dois hectares cada, totalizando 20 hectares que deveriam ser recuperados nos córregos Pau D'alho e Cateto, afluentes do Culuene.

A iniciativa foi divulgada em eventos como a Conferência Municipal de Saúde e o I Simpósio de Apicultura da Bacia do Xingu, promovido,



Projeto em parceria com o ISA, a prefeitura e a Empaer, entre outros, permitiu revitalizar o viveiro

em maio de 2007, pela prefeitura e a campanha 'Y Ikatu Xingu. Também foi discutida em alguns “dias de campo”, visitas orientadas por técnicos a propriedades ou comunidades onde estejam ocorrendo experiências inovadoras ligadas à produção rural.

As visitas e a circulação de informações sobre o projeto atraíram a simpatia de mais proprietários, que se dispuseram a participar. No total, com as novas adesões, a área a ser reflorestada cresceu para cerca de 40 hectares, incluindo três nascentes. Com a nova demanda, surgiu a idéia de aproveitar o potencial de produção de sementes das matas da região, mobilizar mais uma vez as escolas e integrá-las à campanha. O meio idealizado para isso foi um festival de sementes, a exemplo do que havia acontecido em Canarana.



A partir de julho de 2007, os agentes socioambientais visitaram os estudantes para falar sobre meio ambiente, explicar o projeto e distribuir a lista de sementes de que precisavam. Uma sala de cada escola que recolhesse, até o final do ano, a maior quantidade de sementes com a maior diversidade de espécies passaria um dia no clube da cidade, também com direito a gincana, almoço e premiações.

Muitas crianças vêm até nós para pesarmos e anotarmos o resultado da colheita, classificarmos a diversidade de tipos. Falar em gincana, em diversão, em brinde, a molecada tira o pé do chão. Mas acho que a consciência ambiental está sendo despertada em vários deles. Tem pais ajudando e achando bacana. Eles vêem a importância do trabalho. Mas também alguns acham que queremos reflorestar as áreas já abertas que usam. Alguns pensam que, se não reflorestarem, se não aderirem, serão multados ou denunciados ao Ibama e à Secretaria de Estado do Meio Ambiente (Sema). Estamos esclarecendo as pessoas sobre isso. Não queremos denunciar ninguém. A música-tema da campanha está tocando na rádio local. Muita gente já está sabendo o que é a mobilização. Mas há resistências também. É difícil agradar a todos ao mesmo tempo. Muitos moradores estão nos procurando para saber como participar, perguntando quanto é a muda. Não vamos vender as mudas. Todas as mudas e sementes serão cedidas gratuitamente. (Sidnei, setembro de 2007)

Escolhas

Muita água dos córregos Pau D'alho e Cateto ainda vai passar debaixo da ponte antes de sabermos qual caminho Gaúcha do Norte resolveu seguir. Pelo menos uma pequena parte dessas águas estará protegida por matas ciliares plantadas pela mão de quem preferiu ficar para tentar trilhar um caminho diferente. No município, já se conhecia a



necessidade de diversificar a produção para evitar depender de atividades que degradam sem desenvolver de forma sustentada e sustentável. Os agentes socioambientais de Gaúcha do Norte resolveram colocar em prática pequenas ações e projetos para tentar mostrar à comunidade que a qualidade e quantidade de nossas escolhas dependem muito de quem escolhe também.



Agentes socioambientais de Gaúcha divulgaram a campanha 'Y Ikatu Xingu e passaram a discutir a necessidade de proteger nascentes e matas ciliares



Queremos envolver toda a comunidade urbana nas atividades de plantio e manutenção dessas áreas, neste período de chuvas e no ano que vem, e também renovar as parcerias para que este projeto continue no município por muitos e muitos anos. (Tito, agosto de 2007)



Professor Gilmar Hollunder e seus alunos



Uma agrofloresta de conflitos e aprendizado

A experiência da Escola Família Agrícola de Querência

As crianças e adolescentes que freqüentam a Escola Municipal Família Agrícola de Querência (Emfaque) em geral são filhos de agricultores familiares e assentados da reforma agrária. Eles passam 15 dias do mês em regime de internato e os outros 15, em casa, praticando e discutindo o que aprenderam. É a chamada “pedagogia da alternância”, que prega que o ensino deve partir da realidade do aluno, do que ele já sabe e vive, e depois precisa penetrar no seio da família e da comunidade para melhorar a qualidade de vida, transformar. A mesma filosofia é aplicada em outras 128 escolas espalhadas pelo Brasil. A Emfaque é a única instituição do gênero no Mato Grosso.

Desde os anos 1980, muitas pessoas chegaram do Sul e Sudeste à Querência (MT) para apostar no cultivo de grãos e na criação de gado em grande escala. Na safra 2006-2007, o município plantou 120 mil hectares de soja, colhendo mais de 461 mil toneladas do grão, com um faturamento de R\$ 129,1 milhões. No mesmo ano, o rebanho bovino tinha mais de 155 mil cabeças. A grande parte da produção é distribuída em médias e grandes propriedades entre mil e 20 mil hectares.

Pode parecer um contra-senso que uma escola voltada à agricultura familiar tenha sido criada em um lugar que investe milhões na monocultura e é um dos pólos importantes do agronegócio no País. A mesma “corrida do ouro” que expandiu a fronteira agrícola no Mato Grosso até os limites da floresta amazônica, no entanto, trouxe ainda milhares de brasileiros de mais lugares que acabaram trilhando um caminho diferente. No Sul do País, usa-se a palavra “querência” com o significado de morada, lar. O sonho de ter uma vida digna, acesso à educação, saúde e um pedaço de terra era o mesmo. Várias famílias instalaram-se em pequenas propriedades, chácaras ao redor das cidades. Também a partir de 1998, foram implantados assentamentos de reforma agrária. Hoje, existem quatro dessas áreas em Querência, totalizando mais de mil famílias assentadas.



Foram pessoas como essas que resolveram fundar a Emfaque, em 2001. Foi pela paixão pela agricultura familiar e pela agroecologia que o capixaba Gilmar Hollunder também resolveu aceitar o convite para trabalhar na instituição, em 2003. O sítio de sua família, em Afonso Cláudio (ES), praticava agricultura alternativa com apoio de um projeto da Igreja Luterana. Logo que chegou em Querência, Gilmar participou de ações da Comissão Pastoral da Terra (CPT), fez cursos e oficinas, onde conheceu melhor o cultivo de espécies em consórcio.

Plantando árvores e mandioca

Como minha função inicial na Emfaque era com plantas medicinais, paralelamente comecei a fazer experimentos com os alunos no sistema "casadão". Aproveitava restos de folhas e palha de cana pra plantar gergelim, variedades crioulas e indígenas de milho, mamão, mucuna, feijão de porco, feijão catador, com o objetivo de recuperar uma área de solo cansado para recomençar o cultivo de plantas medicinais. Nessa época, recebi o convite do ISA para participar da oficina de agentes socioambientais. Depois do 1º módulo da formação, resolvi transformar a área em um sistema agroflorestal (SAF). Fui planejando junto com os alunos como seria o plantio. Após o 2º módulo, era seca, comecei a trabalhar com eles a coleta de sementes e juntamos 100 quilos: 70 quilos de plantas nativas e 30 quilos de exóticas, entre baru, jatobá, favela, caju do Cerrado, urucum, bacaba, pau-óleo, mamoná, girassol, teca, seringueira... Armazenamos na casinha que era usada para guardar as plantas medicinais secas.

Então, montamos a primeira roça com mandioca e árvores, como aprendido na oficina de agrofloresta da formação. Os alunos fizeram desenhos de como seria uma agrofloresta, dos primeiros meses até os 40 anos, com as espécies adaptadas à região (...). (Gilmar)



Uma das atividades desenvolvidas na escola por Gilmar foi a coleta de sementes para o preparo da “muvuca”



A 8ª série

A turma mais envolvida nas atividades foi a 8ª série. Em 2006, com o apoio de Gilmar e da professora Ana Clara, de Geografia, os alunos começaram a coletar sementes nativas e produzir mudas para implantar uma agrofloresta em uma mata ciliar próxima da escola. O trabalho foi idealizado pelo próprio grupo, que resolveu ainda fazer uma análise da água em diversos pontos do Rio Bets, próximo à cidade. A idéia era comparar os resultados com os de novos testes e apresentar as conclusões na Emfaque e em outras escolas para estimular a comunidade a proteger o rio.

Em agosto de 2007, estudantes da mesma turma identificaram cinco locais onde havia árvores produzindo sementes e fizeram uma excursão pela cidade para coletá-las nos jardins, quintais e pátios de casas, do posto de saúde e até mesmo de uma serraria. Em cada parada, os estudantes distribuíram o adesivo da campanha ‘Y Ikatu Xingu, falaram sobre a mobilização, a necessidade de proteger os rios da Bacia do Xingu, sua importância para o abastecimento de água e a manutenção do clima.

Gilmar passou a tratar da questão socioambiental em sua atividade de monitor e nas outras disciplinas que ministrava: música, história, educação



familiar e religiosa. A temática foi incluída, junto com a campanha, em uma das “místicas” promovidas pelo professor. A mística é uma encenação com fim pedagógico, muito difundida no movimento popular e realizada em geral com música, apresentação de figuras simbólicas e leitura de textos. Na idealizada por Gilmar, as sementes representavam a esperança de um futuro melhor.

Na pequena propriedade onde morava, o professor montou ao todo quatro canteiros agroflorestais junto com os estudantes, que passaram a manejar as plantas. Na escola, eles dividiram ao meio a horta medicinal de cerca dois mil m² para testar dois tipos de agroflorestas. Em uma área, mantiveram as antigas ervas no meio das outras espécies. Na metade restante, retiraram as ervas. Plantaram, entre outros, milho, banana, mamão, feijão guandu, cana-de-açúcar; e árvores nativas e exóticas, como imbaúba, mirindiba e jatobá.

Coleta de sementes. O professor mobilizou alunos e professores para a realização de pesquisas e experimentos





Mudança de postura e conflito

A questão da sustentabilidade é alvo de grande preocupação para nós, aqui da escola. A filosofia das fazendas deixa a questão da agricultura familiar muito fragilizada aqui em Querência. Os pequenos agricultores se baseiam no modelo da fazenda. A gente vê isso no plano de estudos dos alunos, no “caderno da realidade”. A ilustração que eles fazem é de tratores, coisa fora da realidade deles. Se espelham muito no modelo da fazenda (...).

Trabalhar com a mudança de consciência para uma nova postura sempre causa conflito. As pessoas têm dificuldade de aceitar o novo. Estamos avançando em passos lentos.

Na nossa lavoura de milho, até o ano passado, não foi plantado nada junto. Só a lavoura de milho com adubo e calcário. Poderia ter uma adubação verde junto. Pra fazer isso acontecer na nossa própria realidade está difícil. Ainda não chegamos a fazer essa reflexão (...). A pessoa tem medo do novo, entendeu? A gente sabe que mesmo a lavoura mecanizada com produtos químicos, ela colhe. Vamos supor que uma pessoa derrube a mata e prepara a roça: ela sabe que vai produzir. Não se sabe por quanto tempo. Agora mudar isso, com uma nova postura, com uma adubação verde, isso aí a pessoa tem medo de arriscar, medo de não dar lucro. Esse que é o grande desafio (...). (Gilmar, setembro de 2007)

Quando Gilmar chegou à Emfaque, já conhecia a agroecologia e tentou colocá-la em prática. Espalhava folhas secas nos pés das plantas, mas sempre aparecia alguém que pedia para juntar aquilo, queimar, porque era considerado lixo. Idéias muito diferentes trazem reações diferentes, em geral divergências, resistências. Ainda bem! Iniciar e continuar o trabalho não foi fácil.



A resposta de Gilmar ao que estava acontecendo também foi diferente. O mais importante é que ele considerava as discordâncias um combustível para o debate, para o aprendizado – e para despertar a consciência socioambiental. Conhecia a capacidade de multiplicação de seus alunos e acreditava que eles poderiam discutir em casa os novos conceitos que trazia. Pelo menos três famílias autorizaram seus filhos a plantar agroflorestas em suas propriedades.

Ganho em consciência

Os alunos gostam muito. Eu vejo muito mais motivação neles agora, porque desperta maior sensibilidade. Todo momento, temos situações que a gente se depara. Só trabalhamos com facção dentro da agrofloresta, como aprendemos na oficina promovida durante a formação dos agentes. O problema que temos é que o aluno passa o facção em uma planta. Tudo ali se confunde. Não existe mais o conceito de praga ali dentro. Ainda com aquele velho costume de que tem de ter uma cultura só, perdemos algumas árvores, outras brotam. Essa perda de árvores, na verdade, é um ganho de consciência, porque naquele momento a gente entra em conflito. É o momento para uma nova discussão. (Gilmar, setembro de 2007)

O técnico do ISA Osvaldo Luis de Sousa, o agente socioambiental Jaílton Assunção, os alunos da Emfaque e a diretora Lenir Tiecker implantam agrofloresta em forma de “mandala”, um dos vários trabalhos de campo promovidos na escola





Mesmo com as dificuldades, outros professores e alunos sensibilizaram-se. Junto com o respeito pelas plantas, brotou um sentido de responsabilidade coletiva. O 3º ano do ensino médio fez uma campanha contra o desperdício de luz, água e alimentos na escola. Os alunos também coletaram sementes para produzir mudas. Sob orientação do professor Erivaldo da Cunha, coordenador de campo, dividiram-se em grupos para fazer um estudo sobre a germinação de algumas espécies como o baru, o ipê e o buriti.

Semear novas idéias no cotidiano

Foi assim, num “trabalho de formiga”, lento e gradual, que a Emfaque iniciou a tarefa de tentar abrir espaço para um jeito diferente de plantar, pensar e ver a terra em Querência. O método: usar adubo verde para semear algumas novas idéias no cotidiano das conversas de sala de aula, de corredores e refeitórios; nos pequenos experimentos e descobertas de alunos e professores; cultivando hortaliças, culturas temporárias e árvores no mesmo espaço, muitas vezes, de alguns poucos metros quadrados. Também fora dos limites da escola, falando com as pessoas nas ruas, em bate-papos com os amigos, em pequenas ações na comunidade. A colheita deve vir por aí.

Estamos pensando em envolver cada vez mais a escola para conseguir de fato alcançar as famílias dos alunos, que são o nosso público-alvo. Fazer realmente dos filhos agentes transformadores da realidade. Que eles possam estar cultivando agroflorestas, colhendo produtos saudáveis. Para que aquela propriedade, aquela comunidade, aquela região sirva de modelo para outras pessoas. (Gilmar, setembro de 2007)

Outra iniciativa promovida pelo professor e a escola foi a entrega de uma muda de árvore às famílias de bebês recém-nascidos nos hospitais da cidade. Junto, vinha um panfleto sobre a importância da manutenção da vegetação. A idéia foi tentar criar um vínculo entre a criança, sua família e a planta; mostrar que esta dependia delas e vice-versa. Aumentar a “corrente pela consciência socioambiental”.



Escola Apóstolo Paulo do
assentamento Serrinha



A pedagogia vai ao viveiro

A experiência do PA Serrinha

Ao estender o “meu jardim” para além dos limites de minha propriedade, eu estendi foi a minha própria vida e foi o meu sentido de vida até limites onde ela própria sai de seus muros e se alarga a todo o mundo e à toda a vida que há nele (...).

(BRANDÃO. Carlos Rodrigues. *Comunidades Aprendentes*, 2005).
Citado no relatório de Elma e Rosenilde do projeto *Pedagogia nos Espaços Verdes*.

As professoras Elma Gomes de Moraes e Rosenilde Nogueira Paniago queriam manter bem abertas as portas e as janelas da sala de aula. Os alunos viam coisas importantes nos livros didáticos, mas precisavam ir lá para fora, para saber o que estava acontecendo por aí. Sobretudo para ver de perto o que se passava ali bem perto, mas despercebido. Assim, com a passagem livre, o mundo podia entrar por ali mais fácil também, com seus conflitos, as dificuldades de organização da comunidade, o desmatamento das nascentes e matas ciliares, a falta de perspectiva para criação de gado nos lotes pequenos e com pasto degradado do assentamento.

Elma e Rosenilde davam aula na Escola Municipal Apóstolo Paulo, do PA Serrinha, a 100 quilômetros de Água Boa. Tinham sido criadas na roça. Rosenilde chegou ali em 1973, com a família, quando nem a cidade e o assentamento existiam, na leva de imigrantes que veio tentar a sorte nas novas terras que estavam sendo abertas no Mato Grosso. Elma veio mais tarde, de Goiás. As duas eram assentadas, filhas de famílias humildes e saíram dali para estudar. Rosenilde formou-se em matemática e, em 2007, estava fazendo o mestrado em educação. Elma formou-se em pedagogia, fez pós-graduação em gestão.

Toda a experiência da universidade, leituras e reflexões sobre seu trabalho aguçaram o senso crítico e a inquietação das duas educadoras. A pedagogia que haviam aprendido, inspirada em pensadores como Paulo Freire, pretendia valorizar, em primeiro lugar, à própria linguagem, os conhecimentos e vivências dos alunos. Essas seriam algumas das portas de entrada – que deveriam continuar abertas – para iniciar o processo de aprendizagem, para conhecer e entender o mundo lá fora. Mas o ensino



que elas viam nas escolas que conheciam conduzia para longe dos problemas e do dia-a-dia da comunidade. As coisas andavam um pouco fora do lugar. Desde há algum tempo, as duas perguntavam-se sobre como mudar aquela situação.

O que fazer para produzir e conservarmos o ambiente em que vivemos? O que fazer para transformar o lugar em que vivemos em um lugar de aprendizagem e participação? Como desprender-nos da condição de transmissores de conhecimentos obsoletos, desconectados da realidade do aluno e desenvolvermos um ensino a partir do cotidiano do aluno? (Trecho do relatório de Rosenilde e Elma)

De preocupações semelhantes, nasceu, em 2005, o projeto Pedagogia na Horta Escolar: semeando idéias - o zelo pelo ambiente e a importância de uma alimentação saudável. O objetivo era usar a construção e manutenção de uma horta comunitária como instrumento para envolver os mais de 200 alunos da escola e a comunidade no debate de temas como a preservação do solo e das matas ciliares, o uso de plantas medicinais nativas, alimentação alternativa e saudável; complementar os conteúdos didáticos ensinando crianças e adolescentes a semear, cultivar, colher, parar e observar, refletir sobre o significado dessas práticas em sua comunidade.

Durante 2005, foram desenvolvidas gincanas para a produção e coleta de adubo orgânico, palestras sobre preparação do solo, técnicas de plantio e soluções alternativas aos agrotóxicos, entre outras. Os produtos da horta também complementaram a merenda escolar. Um aspecto interessante do trabalho foi o envolvimento de outros professores da escola, que passaram a explorar naquele espaço, a partir da temática ambiental, outros assuntos e atividades correlatas às suas disciplinas: produção de textos, desenhos, noções de nutrição, higiene pessoal, estatística, escala, proporção, razão, área, perímetro, medidas de comprimento, figuras geométricas.

No final de 2005, Rosenilde e Elma começaram a participar da formação de agentes socioambientais. A oficina – e sua proposta de promover ações multiplicadoras – reforçou seus questionamentos e estimulou as duas



professoras a seguir no caminho que já vinham trilhando para criar mais instrumentos que pudessem ensinar mobilizando, mobilizar ensinando.

(...) Saímos motivadas e com o compromisso de trabalhar a questão ambiental e a geração de renda na comunidade. Promovemos uma reunião contando com a participação dos professores da escola, alguns alunos, lideranças locais e agricultores com o fim de favorecer uma reflexão sobre os aspectos socioambientais e econômicos da comunidade, no sentido de levantarmos as principais dificuldades enfrentadas.

Então, relatamos sobre a nossa formação de agentes socioambientais, o que estávamos estudando, compartilhamos nossas inquietações em relação à problemática socioambiental e procuramos ouvir o grupo. Na reflexão, detectamos vários desafios: ligados à questão ambiental – por falta de informação, os agricultores estão degradando as nascentes e matas ciliares; ligado à questão econômica – por falta de fonte de renda, prevalecem na localidade apenas atividades ligadas a pecuária, sendo que os lotes numa média de 50 a 70 hectares, não suportam uma quantidade de animais que seja suficiente para que a família sobreviva apenas com esta atividade; desafios ligados à questão educacional – por falta de informação, os professores estão desenvolvendo um trabalho centrado apenas no livro didático, enquanto a natureza ao redor pedia por socorro. (Trecho do relatório de Rosenilde e Elma)

Espaços verdes

A iniciativa entremódulos idealizada por Rosenilde e Elma traduziu-se em um novo projeto, que seguia a mesma trajetória e aprimorava o anterior. Daí nasceu o Pedagogia nos Espaços Verdes: tecendo uma prática educativa na horta e viveiro. Ele tinha como metas continuar as atividades de Educação Ambiental na horta e construir um viveiro



com o mesmo fim; recuperar uma nascente degradada; e promover uma formação para professores, funcionários, alunos e pais sobre meio ambiente, com foco na agroecologia e agrofloresta.

Em meados de 2006, as duas professoras promoveram um curso realizado quinzenalmente, nos fins de semana, para 40 pessoas, incluindo estudos em grupo, palestras e oficinas. Foram discutidos educação ambiental, coleta de sementes e cultivo de mudas, técnicas de plantio, adubos orgânicos, associativismo, sistemas agroflorestais. A partir daí, formou-se um grupo de 38 pessoas, que não apenas tornou-se um núcleo de mobilização comunitária em ações socioambientais, mas também continuou realizando debates e estudos.

Acho que, o que mudou mesmo é isso que a Elma fala: foi essa paixão mesmo, de querer fazer alguma coisa pela questão do meio ambiente. Principalmente, discutir uma educação que seja realmente uma educação do campo, uma educação que atenda essas particularidades daquele aluno que está no campo. (Rosenilde)



Projeto promoveu estudos e ações de campo que mobilizaram estudantes e comunidade



Em regime de mutirão, foi construído um viveiro de 154 metros quadrados. A coleta de sementes também envolveu praticamente toda a escola e foi acompanhada do estudo de algumas espécies e de suas finalidades, com ajuda de moradores que tinham mais conhecimento sobre as árvores e plantas da região. Durante o segundo semestre de 2006, foram produzidas mais de cinco mil mudas de 50 espécies diferentes, entre nativas, exóticas e ornamentais. A conservação ambiental e alternativas sustentáveis para a agricultura familiar continuaram sendo os temas centrais das atividades ali desenvolvidas.

Uma das maiores reações foi em relação aquele viveiro. O viveiro foi um sonho. Todos que passam, param, vão lá, visitam. Agora, neste momento, ele está "triste", porque a gente não começou o processo de plantio. Mas mesmo assim os alunos falam com orgulho, a comunidade em si. Por exemplo, os vizinhos ficam em volta. O pessoal da associação, lá do PA Jandira, vai à escola, perguntam: "Como é que vocês fizeram? O quê que a gente tem de fazer?(...)" (Elma, setembro de 2007)

A partir da iniciativa principal, foram desenvolvidos com os alunos, pais e funcionários, sob orientação de mais professores, subprojetos de pesquisa que também incluíam atividades práticas e pequenas mobilizações. A "matéria-prima" produzida no viveiro da escola permitiu, em dezembro de 2006, a implantação de uma pequena agrofloresta em uma nascente degradada próxima. Os alunos foram levados ao local para observar o que estava acontecendo na área, identificar as espécies que poderiam ser plantadas e fazer a coleta de sementes. Ocorreram aulas sobre seleção de sementes, técnicas para acelerar a germinação e cultivo. Uma área seca e alguns pontos da agrovila do assentamento, como os arredores do campo de futebol e do salão comunitário, também receberam mudas. Elma e Rosenilde procuraram o apoio de técnicos de organizações como ISA e o Ipam, entre outros, para desenvolver essas ações.



Uma coisa fundamental foi o trabalho pedagógico que mudou muito a escola. Porque por exemplo, como a Rosenilde te falou, os alunos conhecem mais sobre o meio, conhecem mais sobre o assunto do que a gente, né? Então, com esse trabalho interdisciplinar, os alunos, tiveram condição de produzir mais, de se expor mais. Eles começaram a se sentir importantes: “pôxa, eu conheço essa árvore, eu ensinei para professora”. Então foi um trabalho rico. Até mesmo o cálculo da área do viveiro e da horta foram os alunos que decidiram. (Elma)

Sabores do Cerrado

Outro subprojeto foi o Sabores do Cerrado, que pretendia investigar o conhecimento da comunidade sobre espécies frutíferas do Cerrado e seu valor nutritivo. O cultivo dessas espécies no viveiro pretendeu incentivar seu consumo e plantio. As portas das salas de aula continuavam bem abertas pelas professoras e assim os alunos foram chegando, com as mãos e sacolas bem cheias de baru, buriti, pequi, cagaíta, mama-cadela, mangaba, cajuí, genipapo, jatobá e curriola. O estudo embasou oficinas de culinária em que foram produzidas compotas, doces, sucos e bolos,

Professoras
Rosenilde e Elma
no viveiro da Escola
Apóstolo Paulo,
motivo de orgulho
da comunidade.
Estudante faz
plantio em nascente
degradada





inclusive com a participação de mães de alunos. Dalí saíram receitas novas e interessantes, como uma farofa de baru e gergelim.

Tivemos dificuldades por falta de conhecimento do assunto, mas essas dificuldades foram pequenas perto dos resultados. Pudemos valorizar o conhecimento do aluno e nos surpreender sobre o quanto ele sabia a respeito das plantas. Pudemos trabalhar em equipe e envolver os pais. É uma riqueza trabalhar com situações do cotidiano do aluno e conscientização ambiental. (...) além do trabalho pedagógico realizado nos espaços verdes, a horta e o viveiro, foram realizados vários eventos envolvendo a comunidade, como mutirões, eventos de confraternização, palestras, seminários e gincanas culturais. Merece destaque a gincana da semente, atividade que despertou muito interesse por parte da comunidade escolar. Através da mesma, obtivemos grande variedade e quantidade de sementes nativas e exóticas. O excedente foi vendido, ficando o lucro para custear os gastos com o viveiro. Todo o trabalho para construção da horta e viveiro foi realizado com o apoio da comunidade, com doação de material e mão-de-obra. (Trechos do relatório de Rosenilde e Elma)

Rosenilde e Elma tiveram a minúcia de colocar no papel o “custo” total do projeto: R\$ 10 mil. Cálculo feito incluindo o que teria sido gasto com itens mínimos como papel, caneta, pregos. Mas a maior parte dos recursos não veio em dinheiro. Veio em mobilização. A conta dá bem uma idéia do que estava acontecendo. Pessoas da comunidade deram madeira para o cercamento do viveiro e “horas de máquina”. A formação de agentes socioambientais entrou com pouco menos de R\$ 1 mil em arame e telas de sombrite, por exemplo. A prefeitura deu 30 lascas de cerca para o isolamento da nascente degradada. Uma fazenda vizinha doou oito mil saquinhos para acondicionar das mudas. A rifa de uma bezerra rendeu mais R\$ 400. E daí por diante...



A necessidade de participar

Acho uma coisa muito significativa esse despertar para a necessidade de participar. Durante a formação, eu e Elma percebemos que precisávamos estudar mais a questão ambiental e social. Levamos para esse estudo alguns teóricos que discutem esses temas. (...) Começamos primeiro a discutir e todo mundo participava, mesmo aqueles que não tinham um grau de instrução mais elevado. Isso foi importante pra que a gente percebesse que a comunidade estava do jeito que estava porque não havia organização social. (Rosenilde)

Outro subprojeto que amadureceu com as discussões realizadas na formação de agentes socioambientais, com o grupo de mobilização da escola e com a comunidade foi o de reativar a associação de moradores do assentamento. Os alunos e professores fizeram o levantamento das pendências burocráticas da instituição e começaram a mobilizar a comunidade – realizando assembléias e reuniões, “indo de casa em casa” – para debater a questão. Havia descrédito na possibilidade e necessidade de reerguer a associação. O trabalho desenvolvido pelos estudantes e educadores começou a reverter esse sentimento e alertar sobre a importância da organização para a busca de alternativas econômicas e o encaminhamento de reivindicações ao governo. A associação voltou à ativa gradualmente.

No início de dezembro de 2006, aconteceu uma grande mostra na escola com alguns dos resultados dos subprojetos. O evento contou com a participação de cerca de 300 pessoas, entre alunos, assentados e moradores de fazendas vizinhas. Técnicos do ISA que participaram da iniciativa também estiveram presentes para apresentar a campanha Y Ikatu Xingu.

Apesar de toda a mobilização e a sensibilização alcançadas pelo trabalho desenvolvido na Escola Apóstolo Paulo, a experiência e as reflexões de Rosenilde e Elma apontam para algumas limitações das iniciativas promovidas por multiplicadores socioambientais e reforçam a necessidade de pensar em soluções para elas.



Em dezembro de 2006, aconteceu uma exposição com o resultado de vários subprojetos da iniciativa

Tivemos também muitos desafios. Os principais ligados à formação, assistência técnica, recursos financeiros, tempo disponível para dedicar-se ao projeto, manutenção dos espaços (horta e viveiro) e dificuldades de articular ensino e o trabalho nesses respectivos espaços. Os próprios professores se encarregaram da coleta de sementes com seus alunos e cultivo no viveiro, o que se tornou desgastante devido às atribuições diárias que possuem com o ensino. Considerando ainda que muitos professores acharam uma tarefa complexa desenvolver um trabalho com pesquisa numa perspectiva interdisciplinar, envolvendo temas que não dominavam. Achamos necessário realizarmos mais estudos, leituras e reflexões em referências teóricas para termos mais segurança para trabalharmos com projetos na escola na perspectiva da Educação Ambiental e Agroecológica. (Trecho do relatório de Rosenilde e Elma)

Os obstáculos colocados ao projeto não desanimaram as professoras. Elas sabiam que várias respostas para eles estão na capacidade de multiplicar e no potencial de mobilização da própria comunidade. Para o futuro, começaram a pensar em parcerias que pudessem vir a sustentar a manutenção da horta e do viveiro, implantar sistemas agroflorestais no assentamento. A intenção era manter as portas e janelas das salas de aula da escola Apóstolo Paulo abertas por bom tempo ainda.



Conheça os Agentes Socioambientais

Nome:

Adilson Siqueira de Abreu

Profissão/ocupação: agricultor familiar, assentado

Onde mora: PA Pingo D'água, Querência

Nasceu em Camapuã (MS) e está em Querência há sete anos. É casado e pai de quatro filhos. Até os 12 anos, foi criado no sítio da família, cuidando da criação de gado. Também trabalhou em sorveteria, farmácia e oficina. É assentado no Projeto de Assentamento (PA) Pingo D'água, onde tem um lote de 60 hectares. É presidente da Associação dos Pequenos Produtores e Produtoras Rurais do PA Pingo D'Água.

"O que foi mais importante para mim foi saber a gravidade com que está sendo ofendida a natureza e conhecer o sistema agroflorestal. Queira ou não, precisamos tornar as florestas produtivas."



Nome:

Aída Rodrigues Prados

Profissão/ocupação: estudante

Onde mora: Nova Xavantina

Estudante de Biologia da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), mora em Nova Xavantina há 10 anos. Trabalha numa escola de educação infantil. Foi bolsista de um projeto de pesquisa sobre recomposição de mata ciliar, em Água Boa.

"A formação me deu uma grande carga de conhecimentos sobre assuntos tão importantes para o mundo em que vivemos hoje. As palestras com profissionais da área e as experiências em agroflorestas nos deram grande bagagem para seguirmos os nossos objetivos na vida, com consciência de que necessitamos da natureza para sobrevivermos em um mundo em que a tecnologia é soberana."





Nome:

Aldenon Borges Moraes

Profissão/ocupação: biomédico

Onde mora: Canarana

É biomédico e natural de Araguainha (MT). Está há 15 anos em Canarana, onde tem um laboratório de análises clínicas, foi presidente do Rotary Club e coordenador do Rota Kids. Foi bancário durante 11 anos e já trabalhou no Hospital do Câncer Araújo Jorge, em Goiânia (GO). Iniciou projeto de cultivo de mudas de espécies nativas em sua propriedade.



Nome:

Ana Paula Zuim Andrade

Profissão/ocupação: professora

Onde mora: Canarana

Trabalha na escola Jesus, Maria, José, dando aulas de Geografia, História e Educação Ambiental. Fez cursos de reflorestamento e germinação de sementes. Desenvolve trabalhos com seus alunos, relacionados à questão do lixo e reflorestamento.

"Acredito no poder transformador da educação. Sei que é um processo a longo prazo, mas tenho certeza que 'bons frutos do Cerrado' serão colhidos em um futuro próximo. Sou a favor do progresso, pois é necessário, mas a natureza precisa ser respeitada. Acredito que o aluno sensibilizado e consciente pode mudar positivamente suas atitudes e as atitudes de seus pais. Nosso trabalho é modesto, mas são as atitudes do hoje que farão a diferença no amanhã."





AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Armando Menin

Profissão/ocupação: agricultor familiar

Onde mora: PA Brasil Novo, Querência

Nasceu em Getúlio Vargas (RS), em 1954. Desde criança, trabalhou na agricultura familiar. Em 1974, mudou-se para o Xanxerê (SC), na comunidade de Baliza. Lá, foi presidente da escola e do sindicato de trabalhadores rurais. Em 1987, mudou-se para Querência. Já foi presidente da associação de chacareiros e secretário de Obras do município. Faz parte da Associação Comunitária Agroecológica Estrela da Paz (ACEP).



"Eu nunca perco as esperanças. Sei que vou ver meus filhos, netos e gerações futuras com água potável para beber e poder ainda conhecer uma floresta de pé, beira de córrego, na pequena propriedade reflorestada e produzindo alimentos no meio da floresta."

AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Ayres José Trevisol

Profissão/ocupação: agricultor familiar

Onde mora: Ribeirão Cascalheira

É técnico agrícola. Nasceu em Caiçara (RS) e saiu de lá para Água Boa (MT), em 1975. Depois, seguiu para Ribeirão Cascalheira, onde está há 20 anos. Integrou a Comissão Pastoral da Terra (CPT), foi presidente da Cooperativa de Agricultores Familiares do PA Maria Thereza e secretário da Associação de Produtores do PA Martia Thereza (APROMT). Já desenvolveu iniciativas com cultivo de plantas medicinais, preservação de córregos e nascentes. Hoje, é presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Ribeirão Cascalheira.





Nome:

Carlos Grün

Profissão/ocupação: agricultor

Onde mora: Canarana

Nasceu em Santa Rosa (RS), em 1954, e mora em Canarana desde 1983. Hoje, é arrendatário no sítio Santa Luzia, onde desenvolve pequenas iniciativas socioambientais. Construiu um viveiro de espécies nativas e exóticas para revenda de mudas. Tem cursos de minhocultura e hortifrutigranjeiros. Foi sojicultor de 1983 a 1989 e depois tornou-se pequeno agricultor. Foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Canarana e do Sindicato Rural de Canarana.



"Adquiri mais experiência na formação. Não conhecia as árvores nativas e passei a conhecer. Participo das reuniões, trocamos idéias. Aprendi como manejar mudas e sementes. Isso tem sido fundamental na implantação do meu viveiro, com o quero contribuir para a preservação."

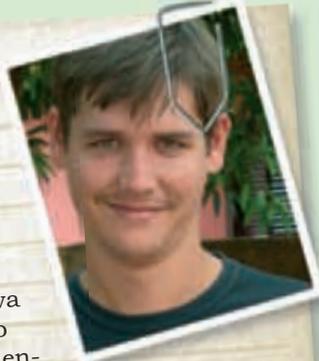
Nome:

Cassiano Carlos Marmet

Profissão/ocupação: técnico agrícola

Onde mora: São José do Xingu

Tem curso superior incompleto de Ciências Biológicas. Nasceu em Água Boa e já morou em Nova Xavantina e Campo Verde (MT). Trabalhou como professor e em assistência técnica em assentamentos. Foi técnico em fazendas de algodão, soja e pecuária. Foi apicultor e assessor da Associação de Produtores Agroecológicos (APA) de Água Boa. Hoje, trabalha no ISA, em São José do Xingu.



"O simples fato de você colocar num mesmo espaço um grupo tão heterogêneo possibilita já um aprendizado pela troca de experiências. Acredito que foi uma das coisas mais importantes que tivemos na formação, onde cada um teve a oportunidade de ouvir pessoas que têm diferentes visões sobre o tema em discussão e essa troca possibilitou um crescimento do grupo como um todo."



AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Clodoaldo Maccari

Profissão/ocupação: técnico agropecuário

Onde mora: Gaúcha do Norte

Natural de Toledo (PR), está há 27 anos em Gaúcha do Norte. Cursa Ciências Contábeis. Há 17 anos é funcionário da Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Empaer). Sempre trabalhou com pequenos agricultores. Ajudou a elaborar e prestou assistência a projetos destinados ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf).

"Daí para frente muita coisa mudou, tanto na vida profissional como pessoal, pois descobri que tinha muito a contribuir para a sociedade. Iniciar uma faculdade, encarar alguns preconceitos, aprender a respeitar a opinião das pessoas, ser um agente socioambiental são pontos que considero importantes. Atribuo isso ao envolvimento na formação."



AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Cristiane Gonçalves

Profissão/ocupação: professora

Onde mora: Canarana

Tem 20 anos e nasceu em Canarana. Está cursando Pedagogia para educação infantil. É professora do colégio Jesus, Maria e José. Participou do projeto de reflorestamento de margens de rios e nascentes na Escola Estadual Norberto Schwantes. Fez um curso de educação ambiental.

"Ter participado da formação foi acima de tudo gratificante e recompensador, quase um ano de muito aprendizado e enriquecimento pessoal, tendo um significado de "reciclagem", de melhoramento de postura frente a atitudes que eu já acreditava e desempenhava. A mudança mais clara e positiva é a grande motivação que está me impulsionando a desenvolver ações sócio-educativas e ambientais na instituição em que trabalho."





AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Divino Vicente Silvério

Profissão/ocupação: estudante

Onde mora: Nova Xavantina

Natural de Campinápolis (MT), morou 10 anos no assentamento Santo Idelfonso, em Novo São Joaquim (MT), onde trabalhou dois anos com alfabetização de jovens e adultos e no ensino fundamental. Estudou magistério pelo Programa de Educação na Reforma Agrária (Pronea), de 2001 a 2003. Em 2004, mudou-se para Nova Xavantina para cursar Biologia na Unemat.

"A formação veio de encontro à necessidade da nossa região. O curso possibilitou a discussão de questões como a conservação da água e as práticas de exploração da terra, que, até então, dávamos pouco importância. Conhecemos novas técnicas de produção menos prejudiciais ao ambiente. O processo de formação nos tornou disseminadores dessas novas idéias."



AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Dorvalino Pinto da Silveira

Profissão/ocupação: agricultor

Onde mora: PA Piau, Nova Xavantina

Desde 1976, está em Nova Xavantina. Já morou em Goiânia, Juçara, São Luís dos Montes Belos (GO) e Arujuaína (TO). Sempre trabalhou em fazendas como peão. Atualmente, é parceleiro, possui plantações de milho, mandioca e arroz. É do Conselho Fiscal do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Xavantina, foi presidente da associação do PA Piau por duas vezes e conselheiro municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável de Nova Xavantina.





AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Édemo Corrêa

Profissão/ocupação: agricultor

Onde mora: Canarana e Brasília

Tem 67 anos, nasceu em Cafelândia (SP), mas viveu muitos anos em Lins (SP). Fez cursos técnicos para mecânico e trabalhou em oficinas. Em 1980, mudou-se para Canarana e foi caminhoneiro por cinco anos. Foi produtor de gado, arroz e milho até 1995, quando também começou a comercializar pequi. É considerado um pioneiro na abertura de mercados para as frutas do Cerrado.

“É uma questão de paixão também, né? Uma questão de gosto. Eu sou apaixonado por plantas do Cerrado. Não é só por pequi (...). Eu mostrei para o fazendeiro que ele tem lucro com o pequi, que é uma árvore que ele não pode derrubar. Eu quero fazer a mesma coisa com o baru. Só que a gente tem que ir com uma de cada vez. Mas eu sou novo, dá pra chegar lá.”



AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Edna Soares de Souza

Profissão/ocupação: estudante

Onde mora: Nova Xavantina

Foi professora em Água Boa, Nova Xavantina e São Félix do Araguaia (MT). Em Água Boa, também trabalhou no Hospital Regional. Concluiu a faculdade de Ciências Biológicas no campus da Unemat de Nova Xavantina, onde foi bolsista no Projeto de DST/AIDS. Fez pós-graduação em Educação Ambiental.

“Quando fui convidada e selecionada para participar desta campanha não a conhecia e a minha motivação foi participar de mais um curso para enriquecer o currículo. Mas durante o processo de formação, fui conhecendo o que é a campanha Y Ikatu Xingu e seus objetivos. Percebi então que já fazia parte de um grupo de pessoas empenhadas em trabalhar para tentar reconstruir as nascentes da Bacia do Xingu.”





Nome:

Elma Gomes de Moraes

Profissão/ocupação: professora

Onde mora: PA Serrinha, Água Boa

Formada em Pedagogia com especialização em Gestão. Antes de participar da formação de agentes socioambientais, desenvolveu o projeto *Pedagogia na Horta Escolar: Semeando Idéias*, para discutir alimentação saudável e meio ambiente na escola Apóstolo Paulo, do Projeto de Assentamento Serrinha.

"Acredito que o desejo de continuar existe ainda. Tem uma sementinha ainda dentro de cada um dos participantes naquele grupo e nós acabamos sendo um referencial na comunidade."



Nome:

Gediel Thomas

Profissão/ocupação: técnico agropecuário

Onde mora: Canarana

Trabalhou na Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Empaer), depois na Fundação Mato Grosso e na Secretaria de Agricultura de Canarana. Nasceu em São Pedro do Butiá (RS) e veio com a família para o município há 23 anos. Fez cursos sobre Áreas de Preservação Permanente (APPs). Já trabalhou com pequenos produtores e levantamentos de microbacias. Em 2007, passou a morar em Portugal.





AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:
Gilberto Cirilo Trevisol

Profissão/ocupação: trabalhador rural

Onde mora: Ribeirão Cascalheira

Tem 26 anos e nasceu em Água Boa. Trabalhou em fazendas, oficinas mecânicas e postos de gasolina. Iniciou curso de salinização (alimentação animal). Apóia iniciativas do movimento dos trabalhadores rurais em Ribeirão Cascalheira.



AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:
Gilmar Hollunder

Profissão/ocupação: professor

Onde mora: Querência

Nascido em Afonso Cláudio (ES), trabalhou até os 21 anos no sítio da família. Desde 1990, já tinha experiência com agricultura alternativa. Fez o curso de magistério, estudou para ser diácono da Igreja Luterana e trabalhou em um abrigo para mães solteiras no Rio de Janeiro (RJ). Está cursando o 3º ano de Pedagogia e é professor da Escola Municipal Família Agrícola de Querência (Emfaque). Também tem formação em música..

"A época de seca não é um tempo tão ruim assim. É tempo de se preparar, coletando sementes, definindo a área que se quer plantar e pensar nos erros cometidos no plantio anterior. Esperar que as chuvas caiam no tempo certo, aproveitar enquanto existe um mínimo de equilíbrio ambiental."





Nome:

Gilsimar Oliveira de Andrade

Profissão/ocupação: professor

Onde mora: PA Pingo D'Água, Querência

Nasceu no Mato Grosso do Sul. Está há mais de sete anos em Querência. É assentado do PA Pingo D'água e professor da Escola Municipal de Educação Básica do assentamento. É tesoureiro da Associação dos Pequenos Produtores e Produtores Rurais do PA Pingo D'água.



Nome:

Ingred Ramos Pereira

Profissão/ocupação: professora

Onde mora: Canarana

Funcionária pública estadual, atuou como professora de matemática e é especialista em informática aplicada ao ensino. Natural de Passo Fundo (RS), já trabalhou em cartório e com venda de seguros em banco. No ramo da moda, foi estilista, gerente de loja e responsável pela administração de uma empresa de confecção. Também atuou no Sindicato Rural de Canarana, cuidando da área administrativa e social, promovendo cursos e palestras. Trabalha na biblioteca da Escola Estadual Norberto Schwantes.





AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Irene Rosa Marsango

Profissão/ocupação: comerciante e administradora de fazenda

Onde mora: Canarana

Natural de Cunha Porá (SC), está em Canarana há 22 anos. Já morou em Ribeirão Cascalheira. É empresária e está cursando a faculdade de Ciências Contábeis. Sempre trabalhou no ramo do comércio, mas manteve contato com a área rural. Já teve um viveiro de mudas para revenda. Faz parte da Sociedade Brasileira de Eubiose em Canarana.



AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Ivan Loch

Profissão/ocupação: técnico agropecuário

Onde mora: Canarana

Nasceu em Itapiranga (SC), mas morou muitos anos no Paraná. É funcionário público municipal em Canarana desde 1993. Trabalhou nas Secretarias de Agricultura e de Educação, inclusive com oficinas pedagógicas de olericultura. Fez o curso de técnico agropecuário, de florestamento e reflorestamento. Desde 2006, é responsável pelo viveiro municipal de Canarana no âmbito do projeto *Quem vê só Soja não enxerga Desenvolvimento: uma experiência de recuperação de nascentes e matas ciliares na Bacia do Xingu*, parceria entre o ISA, a prefeitura e a Sociedade Amigos do Garapu com o patrocínio do Instituto HSBC de Solidariedade.





Nome:

Jaílton Assunção de Sousa

Profissão/ocupação: biólogo

Onde mora: Querência



Em 2000, formou-se em Ciências Biológicas. Quando criança e adolescente, vendia bolos e verduras na rua e feiras livres. Foi dos conselhos municipais Tutelar, de Meio Ambiente e de Saúde de Nova Xavantina. Realizou ações de sensibilização na área ambiental e prestou serviços voluntários. Atua na área ambiental e de assistência técnica em assentamentos. Desde 2007, trabalha no ISA.

"No curso, obtivemos o que é mais importante: o conhecimento que a universidade não dá, esse contato com o que as pessoas estão fazendo e com o que pode ainda ser feito para a preservação. Estou cada vez mais consciente do papel que terei de exercer na comunidade, porque as pessoas ainda acham que meio ambiente é coisa de biólogo ou ecologista."

Nome:

Josafá Cunha da Cruz

Profissão/ocupação: agricultor, assentado

Onde mora: PA Cancela, Ribeirão Cascalheira

Nasceu no PA Cancela, em Ribeirão Cascalheira, onde tem um lote. Está terminando o ensino médio. Começou a trabalhar como ajudante numa oficina de auto-peças e torneadora. Depois trabalhou em várias oficinas mecânicas, auto-elétricas e torneadoras. Hoje é tesoureiro da Associação dos Pequenos Produtores Rurais do PA Cancela. Fez cursos sobre queimada e aceiros.



"De início, não valorizava o meio ambiente. Hoje, sei o que isso significa. Faço palestras sobre recuperação de nascentes e qualidade da água em diversas escolas. Acho que os assentados começam a se conscientizar de que as derubadas na beira dos córregos têm consequências negativas. Muitos rios têm secado. Primeiro, para o futuro, precisamos reconstruir o que foi destruído."



AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:
José Antonio Pereira Leite

Profissão/ocupação: estudante

Onde mora: Nova Xavantina

É paulista. Já morou em vários lugares: Rondônia, Acre, Minas Gerais e Paraná. Está em Nova Xavantina há quatro anos. Cursa Biologia na Unemat. Atuou na área de gerenciamento de vendas e numa empresa de reciclagem e fabricação de papel. Também trabalhou na Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp).



AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:
Josuel Olegário do Santos

Profissão/ocupação: engenheiro florestal

Onde mora: Canarana

Tem pós-graduação em Heveicultura, Controle e Meio ambiente. Trabalhou na Cooperativa Agropecuária Mista de Canarana Ltda. (Coopercana), com a função de implantar mudas de seringueira, e numa empresa reflorestadora, na função de técnico florestal. Morou em Belém do Pará, Cuiabá, Juína e São José do Rio Claro (MT). Hoje, está na Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Mato Grosso (Sema), onde trabalha com a produção de mudas, espécies florestais, reflorestamento, projetos de licenciamento ambiental e de recuperação de áreas degradadas.





Nome:

Julio Pereira Messias

Profissão/ocupação: professor

Onde mora: Canarana

Nasceu em Quirinópolis (GO), onde trabalhou como vendedor e representante comercial de empresas atacadistas. Formou-se em Geografia. Chegou em Canarana em 2003. Hoje, é professor das escolas estaduais 31 de Março e Norberto Schwantes. Participou do Encontro Nascentes do Xingu, em outubro de 2004, e de iniciativas de reflorestamento de nascentes do Sindicato Rural de Canarana.



Nome:

Luciana Akeme S. M. Deluci

Profissão/ocupação: professora

Onde mora: Canarana

Nasceu em Dracena (SP) e mora em Canarana desde 1990. É formada em Matemática, com especialização em Psicopedagogia. Funcionária concursada da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (Seduc). Foi assessora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Semec) e presidente do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (CMDCA). É docente de curso de magistério para professores indígenas. Trabalha no escritório do ISA em Canarana.



"Pensar em preservação sem desenvolvimento é fazer um discurso do inatingível. Os ideais da campanha 'Y Ikatu Xingu' apontam para o possível e reforçam que o desenvolvimento não deve ser sinônimo de destruição. Aliar desenvolvimento a preservação tem sido a luta de muitos e, agora, a minha também."



AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Luiz Vezaro

Profissão/ocupação: técnico agropecuário, professor

Onde mora: Querência

Nasceu em Nova Itaberaba (SC) e, desde 1996, mora em Querência, onde é vereador e foi presidente da Câmara Municipal, entre 2005 e 2006.

Foi professor da Escola Municipal Família Agrícola de Querência (Êmfaque) por quatro anos. Trabalhou em cooperativas com pequenos produtores. Foi delegado da região de Água Boa na Conferência Estadual do Meio Ambiente de 2007.

"A metodologia de reunir agricultores, professores, políticos, diferentes classes e categorias foi muito importante na formação. Você pôde ter diversas opiniões. Cada um, em seu segmento, passou a ter condições de transferir esses conhecimentos. Também foi fundamental discutir a realidade local."



AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Marcos Aurélio dos Santos Penteado

Profissão/ocupação: técnico agropecuário

Onde mora: Água Boa

Natural de Barra do Garças (MT), está cursando Ciências Contábeis. É funcionário da empresa Plantar de assistência técnica e ambiental, onde está há mais de dois anos. Trabalhou na empresa Aventis Crops Science com produtos fito-sanitários. Também foi funcionário no Grupo Maeda. Atuou em assistência técnica em lavoura de algodão. Participou de curso de reflorestamento em 2007, em Cáceres (MT).





AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Maria Joselina Cantuário de Abreu

Profissão/ocupação: agricultora familiar, auxiliar de enfermagem

Onde mora: Ribeirão Cascalheira

Já morou em Nova Xavantina, Cuiabá, Barra do Garças e Ribeirão Cascalheira. Foi policial civil e repórter. Hoje, trabalha no Programa de Saúde da Família (PSF). É voluntária da Igreja Católica para atendimento de moradores de rua e idosos.



"Estamos colocando nossas experiências em prática e fazendo com que as pessoas que tenham nascentes descubram plantem mudas para segurar o solo contra a erosão, para que possam ter água sempre. Não sabíamos o que estava acontecendo com o meio ambiente e, depois da formação, realizamos reuniões sobre esse trabalho. Estamos mais habilitados para trabalhar no dia-a-dia."

AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Maria Sicorra da Rosa

Profissão/ocupação: bióloga, professora

Onde mora: Canarana

Nascida em Pinhalzinho (SC), foi para o Mato Grosso em 1989, para morar em Nova Xavantina, onde se formou em Ciências Biológicas pela Unemat. Tem especialização em Plantas e Interdisciplinaridade. Em 1999, mudou-se para Canarana e, em 2000, começou a atuar como professora de Ciências e Biologia. Atualmente, é coordenadora da Universidade de Cuiabá em Canarana e professora na Escola Estadual Norberto Schwantes, onde participou do projeto *A Natureza e o Saber*. Fez alguns cursos na área de meio ambiente, como o de reflorestamento do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar). Participou do Encontro Nascentes do Xingu, em outubro de 2004.





AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Maristela F. Becker da Rosa

Profissão/ocupação: bióloga, professora, educadora ambiental

Onde mora: Canarana



Natural de Francisco Beltrão (PR), é formada em Biologia. Atuou durante muito tempo na licenciatura. Foi professora de ensino fundamental, médio e cursinho, além de coordenadora pedagógica escolar. Participou do curso de viagem técnica da TNC (The Nature Conservancy) visitando experimentos de restauração florestal nos estados de São Paulo e Paraná. Atualmente, trabalha no Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), onde desenvolve projetos de Educação Ambiental.

AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Napoleão Carlos Rocha

Profissão/ocupação: agricultor familiar

Onde mora: Ribeirão Cascalheira



Natural de Barra do Garças (MT), mora em Ribeirão Cascalheira desde 1978. Apesar de ter o curso de técnico agropecuário, nunca exerceu a função. Já residiu em Muarama (PR) e Alta Floresta (MT), trabalhando em fazendas como administrador. Presta serviços de mecânico à Prefeitura de Ribeirão Cascalheira. É ligado à Associação de Novo Paraíso, onde desenvolve um projeto de plantio de sementes e educação ambiental.



AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Nilsa Raquel Dias

Profissão/ocupação: agricultora, parceira

Onde mora: PA Maria Tereza, em Ribeirão Cascalheira, e Canarana

Produtora rural e corretora de imóveis, é bacharel em Administração. Está cursando especialização em Agronegócio. Nasceu em Palotina (PR). Trabalhou como auxiliar administrativa em armazéns gerais e como secretária. Sempre manteve a atividade rural em paralelo. Foi secretária e presidente da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) de Canarana.



AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Ricardo Dias Batista

Profissão/ocupação: agricultor familiar, assentado

Onde mora: PA Jaraguá, Água Boa

Desde criança sempre trabalhou na zona rural. Foi arrendatário e por muito tempo assalariado em fazendas. Entre outras funções, foi vaqueiro e tratorista. Foi presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Água Boa (2003-2005). Sempre sonhou em ter sua terra própria, que é "o que gosta de mexer".

"Eu tenho certeza que estou no caminho certo. Há uns cinco, seis anos, o pessoal falava muito de soja e milho. E aí eu falava que no futuro o que ia dar dinheiro era árvore, já pensando no que eu ouvia falar sobre aquecimento global e do desmatamento."





AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Rosenilde Nogueira Paniago

Profissão/ocupação: professora

Onde mora: Água Boa

Professora da rede estadual e municipal de Água Boa, licenciada em Matemática e mestranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Trabalha há oito anos com formação de professores e educação à distância. Antes de participar da formação, desenvolveu o projeto *Pedagogia na Horta Escolar: Semeando Idéias*.

"Uma coisa interessante que a gente sente é você viver de maneira viva esse sentimento de zelo pela natureza. Não conhecíamos as espécies, as sementes. E os nossos alunos conheciam. Então, com esse trabalho, nós também estamos percebendo o quanto é importante esse conhecimento, da gente se dedicar às espécies e de também ter essa vontade de cultivar mesmo, de plantar."



AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Sara Adriana Malvessi

Profissão/ocupação: professora

Onde mora: Canarana

Tem Licenciatura em Ciências Naturais, com habilitação em Química, pela Unemat, campus Nova Xavantina, onde foi bolsista do Núcleo de Educação Ambiental (NEA). Dá aula na Escola Estadual 31 de Março, em Canarana. Cursa o 3º ano de Química pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), em Barra do Garças. Tem pós-graduação em Nutrição Humana e Saúde.

"Durante a formação, o grupo era bastante heterogêneo, com professores e agricultores, por exemplo, mas bastante unido. Juntamos a teoria e a prática. Então, conseguimos trabalhar como produzir sem esquecer a questão ambiental. A heterogeneidade fortaleceu o trabalho. Essas idéias foram levadas para vários segmentos."





AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Sidnei Bueno de Miranda

Profissão/ocupação: zootecnista

Onde mora: Gaúcha do Norte

Nasceu em Tatuí (SP). Trabalhou na produção e distribuição de leite e no comércio de produtos agroveterinários. Participou de vários projetos como monitor em vilas rurais, no Paraná. Integrou projetos como o Universidade Solidária e de extensão, na Bacia do Rio Japurá (AM). Fez pesquisa de comportamento das abelhas e foi bolsista na área de extensão na Universidade Estadual de Maringá (PR), onde se formou. Hoje, é chefe do Departamento de Agricultura de Gaúcha do Norte.



"Sempre gostei de plantar árvores. Sabia que plantar a idéia de se plantar árvores iria contribuir de uma forma ou outra com o futuro."

AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Silvia de Moura Faitão

Profissão/ocupação: professora

Onde mora: Gaúcha do Norte

Nasceu em Guaíra (PR) e está em Gaúcha do Norte há seis anos. Antes disso, foi professora em várias escolas de Canarana. É formada e tem especialização em Pedagogia. Já participou de curso de manejo florestal promovido pelo ISA e dá cursos de formação para professores indígenas. Hoje, é assessora pedagógica em escolas municipais indígenas e não-indígenas no município.



"A formação estimulou uma reflexão importante sobre minhas atitudes diárias. Não podemos pedir que as pessoas reutilizem sacos plásticos se não fizermos isso. Não basta falar, tem de praticar. Com nossas iniciativas, as pessoas estão tendo um olhar diferente. Estamos sensibilizando-as com exemplos, para mostrar que essas iniciativas vão beneficiar toda a comunidade."



AGENTE SOCIOAMBIENTAL

Nome:

Valdir Milton Supptitz

Profissão/ocupação: agricultor

Onde mora: Canarana



Natural de Três Passos (RS), está há 20 anos em Canarana. Tem curso técnico em Eletrônica, mas trabalha com agricultura desde a infância. Trabalhou em oficina de rádios e eletrodomésticos e tem uma empresa do ramo. Hoje é produtor de milho, soja e mandioca, além de criador de suínos e gado leiteiro. É parceiro do projeto Canaã, onde é presidente da associação de pequenos produtores rurais. Foi presidente e vice-presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) em Canarana.

Impressão
Litokromia

Tiragem desta edição
3000 exemplares

Realização



Parceria



Apoio



Ministério do
Meio Ambiente

